

**A
VIDA
NOS
MUNDOS
INVISÍVEIS**

*** MAIS LUZ ***

Robert Hugh Benson

6

Avisamos o leitor que

A Vida Além do Véu e A Vida nos Mundos Invisíveis,

esses dois livros, psicografados na Inglaterra, entre 1910 e 1920, representam o máximo já vindo, espelhando o mundo espiritual. Quem quer que tenha noção de que vai um dia desencarnar e prestar contas à JUSTIÇA DIVINA, tem por obrigação conhecê-los e divulgá-los. Eles representam o testemunho da VERDADE, quando ela se manifesta em sua culminância significativa, que é relatar como funciona a JUSTIÇA DIVINA, no mais profundo de cada pessoa ou espírito, obrigando cada um a receber o merecido, em Luz e Glória, ou trevas, pranto e ranger de dentes, segundo como tenha procedido durante a encarnação. Também, fugindo ao xaropismo e ao mediocrismo de caudais de obras mediúnicas, comportam relatos sobre os Altos Escalões Direcionais de Mundos e de Humanidades, de Planetas, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, na palavra de VERDADEIROS ALTOS MENSAGEIROS, culminando com algumas manifestações de Jesus, em circunstâncias divinamente preciosas, aquelas em que os fatos oportunos demonstram e provam o quanto superam intermináveis e nauseabundas comunicações de espíritos vazios de Verdade, de Amor e de Virtude. Ter esses dois livros à cabeceira da vida, ou do leito, é ter encontro marcado com as sublimes promessas do Princípio, Deus ou Pai Divino, através de todos os Grandes Iniciados, Profetas, Mestres ou Cristos, porque apresentam OS RESULTADOS DA ENCARNAÇÃO, boa ou ruim, em plena convergência com a JUSTIÇA DIVINA, com quem jamais alguém poderá discutir, por ser INFINITAMENTE ACIMA DE PALPITES HUMANOS, de encarnados ou de desencarnados, bem ou mal intencionados.

Também os condensados iniciáticos de Osvaldo Polidoro colocam o leitor a par das VERDADES BÍBLICO-PROFÉTICAS, na hora apocalíptica em que a Humanidade terá de enfrentar O NOVO CÉU E A NOVA TERRA, depois de tremendas comoções que tudo abalarão, como está assinalado no Sermão Profético de Jesus, e no Livro da Revelação, o Apocalipse. Aos inteligentes e honestos, portanto acima de fanatismos religiosos, sectarismos, igrejinhas, panelas e panelinhas conchavistas, lembramos a indispensável leitura de:

ORAÇÕES E VERDADES DIVINAS

CRISTIANISMO VERDADEIRO E ORAÇÕES

ORAÇÕES MARAVILHOSAS E EVANGELHO DA JUSTIÇA DIVINA

A MENSAGEM DO ANJO DO SARÇAL

POR QUE, A HIPOCRISIA COMANDA O ESPETÁCULO?

livraria Freitas Bastos S/A
Rio – Rua Sete de Setembro, 113
São Paulo – Rua 15 de Novembro, 62 a 66
(editor deste boletim à época em que foi escrito)

P – Quais os livros mediúnicos que melhor retratam os reinos espirituais, ou sobre a vida depois do túmulo?

R – São muitos, porém, dois deles vieram com a chancela do Plano Diretor; **A VIDA ALÉM DO VÉU** é um, e **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS** é outro. Nas linhas e nas entrelinhas, falam mais do que muitos outros, porque a Direção Planetária assim ordenou. E deviam sair da Inglaterra, por motivos que Deus ensinou e a Direção Planetária executou. São duas séries, não apenas dois livros, que ensinam maravilhas.

(do livreto A Mensagem do Anjo do Sarçal)

P – Com ajuda de alguém superior, pode o inferior visitar planos ou reinos superiores?

R – O Exemplo fiel está no livro **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS**, que todos os estudiosos da VERDADE deviam ler. Fatos dessa ordem dão-se, e muito, nos reinos espirituais. Basta que haja merecimento, da parte do pedinte, para que os seus mentores locais providenciem a viagem. (do livreto A Mensagem do Anjo do Sarçal)

SUBCROSTA, o pior em trevas e dores, ou terríveis expiações. A Lei do Peso Específico, ou das equidades vibracionais, é que tudo rege, TANGIDA PELA JUSTIÇA DIVINA. Já existem muitos livros mediúnicos, tratando do assunto, mas, lembrem-se bem os filhos de Deus, que, por DETERMINAÇÃO DA DIREÇÃO PLANETÁRIA, entre 1910 e 1920, surgiram DUAS SÉRIES DE LIVROS, a saber:

1 – **A VIDA ALÉM DO VÉU**, que trata também dos Altos Escalões Direcionais, dos Planetas, Sistemas Planetários, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, etc.

2 – **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS**, contendo lições profundas, nas linhas e nas entrelinhas, e, como **A VIDA ALÉM DO VÉU**, apresentando a normal presença do Cristo Planetário, para os efeitos administrativos em geral, porém responsabilizando a cada filho de Deus, pelas suas opções, pelas suas obras.

(do livreto “Depois da Tempestade Apocalíptica)

Mestre Oswaldo Polidoro (trecho de preleção- Livro das Comunicações II)

20-11-96 Itaim Paulista

A Vida além do Véu foi publicado no Brasil em uma edição que ficou empacada, enferrujou, ninguém quis comprar, por dizerem: “Como é que pode, do outro lado ter espírito com corpo, com mão e tudo isto, e habitar em lugares deste jeito!”. Até que chegou o dia em que Deus falou para Jesus e ele mandou João Evangelista dizer que eu fosse buscar na Livraria *O Pensamento* o livro *A Vida Além do Véu*.

Lá, local bem acanhado, trabalhava uma moça que havia sido minha colega de escola no jardim da infância. Eu disse a ela que queria ler um livro que falava de véu, céu alguma coisa assim. Ela respondeu:- “Oswaldo, você já leu tudo o que aqui está!! Só se for aquela porcaria que está ali, que ninguém quer...”

Subi na escada, alcancei o livro e o reconheci: “É este!” Deus então mandou que eu fizesse um boletim fazendo ler este livro que tinha informações da vida depois do desencarne. Isto foi escrito de 1913 a 1920, na Inglaterra, e antes disso não havia nenhuma informação sobre a vida dos espíritos depois do túmulo, nada! Só havia uma comunicação de um grande médium de desdobração que foi levado ao planeta Júpiter (depois ele desenhou o Castelo do Profeta Elias que lá está), era só isto que existia, (e na Inglaterra, não na França, onde deixei o Espiritismo).

Até 1913, no planeta inteiro não havia informações sobre as condições de vida dos espíritos depois do túmulo, segundo seus merecimentos! Eu sei que eu deixei como Hermes muita coisa, tanto que está escrito nos originais: *De toda aquela Sabedoria que Hermes deixou muita coisa está guardada e lacrada até que chegue* o tempo em que a Humanidade possa ter conhecimento de coisas tão avançadas.

24/11/96 (LC II)

(*João PauloII*) É difícil rasgar estes planos, é difícil passar por esta Sociedade Divina mas, graças a Deus não há desrespeito. Eles dizem:- “É um Papa? É, mas é um filho de Deus e tem direito a voltar a Deus”.

(*Mestre*) É obrigação!!

(*João Paulo*) É obrigação.

Vocês, Comunidades, pelo seu caminho, pela sua abertura, meu senhor Jesus de quem tanto falo.. Foi o senhor, os senhores que me abriram este caminho.

Na casca vai prevalecer este mandato mas tenho certeza de que quando eu sair da carne tudo isto vai por terra. Eu volto a reforçar e pedir a minha liberdade quando eu sair da carne.

Vêm aí os nossos amigos Vale Owen e Anthony Borgia, por que são padres...

(*Mestre*) Foram padres!

(*João Paulo*) ... mas só que eles não falam comigo porque são muita autoridade. Mas o senhor está dizendo: “Você tem que falar com ele!”

(*Mestre*) Eu quero que eles falem com você e você fale com eles porque foram sacerdotes de idolatrias e formalismos, mas são filhos de Deus que foram também humanistas naquilo que puderam ser, o caso é este! Quem escolheu o Vale Owen e o Anthony Borgia para aquilo que escreveram fui eu... não tinha nada dito aos terrícolas ao desencarnar sobre o que teriam que ser e viver depois do túmulo. Só depois de 1913 a 1920 que eu e Jesus escolhemos, na Inglaterra sacerdotes, espíritos velhos, os dois, para sair a série *A Vida Além do Véu* e *A Vida nos Mundos Invisíveis*, que são 9 obras fundamentais. Eles dois eram sacerdotes anglicanos, mas Vale Owen escreveu um livro escrevendo do Espiritismo, dizendo que era coisa do diabo. Quando ele desencarnou foi para o outro lado e encontrou naquela Biblioteca o livro dele dizendo que o Espiritismo era coisa do diabo e pediu para se comunicar para desdizer tudo o que havia dito. Do outro lado disseram a ele: “Então você chamou tudo aquilo de coisa do diabo e satanás e agora quer ser diabo e satanás?”

(*João Paulo*) Agora, senhor, estão me trazendo ao rés do chão para que eu veja o que há por baixo, apesar de que isto já foi feito, mas o senhor é o Senhor Renovador de tudo e de todos.

É terrível, é terrível descer a estes planos, mas também é divino dizer que vocês saem das encostas, pegam a divina embarcação rumo a Deus.

Cortaram-me, não querem que eu fale mais porque vem o Anthony Borgia, mas, por causa de querer desdizer quando foram ler aquele folheto (*)... Eu quis desdizer... graças a Deus que não me foi permitido, porque senão teria eu mais uma fatia de quintos dos infernos.

Saio porque aí vem ele, Anthony Borgia.

(*) Na sessão de 22-11-96, em Santana, o Papa quis falar através de Luis Severo para dar testemunho contra os Dons, depois que houve a leitura do mais novo folheto escrito pelo Mestre neste tema.

Anthony Borgia(24/11/96)

“Tirar a batina e vestir os Dez Mandamentos”

Boa tarde a todos.

Mestre! Que divindade esta Terra está atravessando até esta hora! Todos os sacerdotes do mundo temos que nos curvar diante de você, Moisés, figura impassável e imortal diante de nós.

Eu pergunto: Com o seu pedido, quantas almas o senhor já entregou ao Céu? Por causa disto eu estou eu estou dando testemunho de que tudo o que é bom e belo conduz a Deus. Todo este Céu que aí está...

(Mestre) E como está, não é, irmão?

(Anthony) Todos um dia terão que deixar o fardo da matéria, quem está na carne e quem está fora dela tem que deixar a túnica sacerdotal e vestir o Divinismo! Mas Deus diz: “Meus Quatro Itens!”.

Nesta Celestialidade... Deus vem falar para nós!! Peguem vocês, na carne ou fora dela, para falarem coisas deste tipo... é coisa de diabo, mais uma vez!?!

Mas o que importa para nós? Importa que estamos soltos, estamos fora do tacão romano, estamos seguros pelo Tacão dos Dez Mandamentos de Deus!

Tenho que dizer para todos: Os Dez Mandamentos agora são um renascimento, porque haviam matado os Dez Mandamentos, tinham acabado com eles. Na sua frente, Pedra Triangular e Imortal, Elias, o Profeta dos Profetas... o senhor Melquisedec, o rei de Salém, (quanto eu devo ao senhor, Melquisedec!) Mas que glória a sua! Só com muito tamanho, só com muito gosto, só com muita certeza para seguir esta Trilha à volta a Deus sem temer nada, muito menos as cotoveladas havidas por aí. Aos senhores, nós devemos muito.

Mestre Elias, Jesus e toda a Comunidade crística, eu não posso deixar de dizer desta graça que Deus enviou a toda a Humanidade, o Patriarca Jacó, por onde nós estamos falando. Acima do Evangelho Eterno não há nada, mas puxa vida... o Céu desce! Puxa vida, eu estou livre, completamente livre para falar através do patriarca da humanidade. Não é ele a Chave primeira, é seguimento, porque só você o é, Elias. É por isso que Deus entregou-lhe os Sete Céus Fundamentais para que explicasse tudo o que há, de alto a baixo.

Graças a Deus e a todos vocês, Mãe Maria, João Evangelista, o senhor Elias e o senhor Jesus. Mas eu digo uma coisa, graças a Deus por Jacó estar no planeta, graças a Deus. Haveria outros, mas agora é dele a vez!

Benção, Mestre!

21/3/97 – Livro das Comunicações II -

Oswaldo Polidoro:

Vocês vão pegar duas séries em que nós agimos sobre os autores, Anthony Borgia e Vale Owen, os dois da Inglaterra, “A Vida nos Mundos Invisíveis” e “A Vida Além do Véu”. No “A Vida nos Mundos Invisíveis”, seu autor ao sair da carne, quando se vê e conhece suas obras e sua biblioteca, demonstra desejo de voltar à carne para falar, comunicar-se dizendo de como é a vida após a morte (segundo ele, para nós não existe, é desencarne). A primeira coisa que ele iria encontrar entre seus familiares é que eles diriam que o diabo estava falando em seus ouvidos! Ele ficaria muito chocado, diz ele, por ouvir seus parentes dizendo tal coisa, mas, também diz ele, sabemos nós que a liberdade aqui ainda é um tanto pequena para quem é pequeno, mas temos para nós as nossas amizades, as nossas brincadeiras, as nossas festas, as nossas reuniões, lindos campos, pássaros... leiam que é assim que está! Tudo aberto!

Esta figura que aqui está aparece neste livro e eu apareço também, mas, para uma humanidade ainda tão tapada e tacanha como esta, saber de mundo não é saber do Céu, está bem? Podem se encher dos doutorados que quiserem, mas se estiverem fora dos Dez Mandamentos estão fora da Sabedoria do Céu, não tem por onde, não tem como, estarão fechados para isto!

13/5/97

Entre 1903 e 1920 eu e Jesus procuramos um bispo anglo-saxão e depois Anthony Borgia para a série “A Vida Além do Véu” e “A Vida nos Mundos Invisíveis” que tem 9 obras fundamentais. “A Vida Além do Véu” foi publicada e não ganhou do Espiritismo o reconhecimento, ficou no esquecimento.(Oswaldo Polidoro)

A VIDA ALÉM DO VÉU - Este livro mediúnico deveria ser muito mais lido por aqueles que vivem falando nas verdades bíblico-proféticas. Muitos são os livros realmente mediúnicos, porém bem poucos partiram com a chancela do Plano Diretor Planetário...A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS - Muito mais recomendável ainda, como obra mediúnica que surtiu por determinação do Plano Diretor...(Mensagem aos encarnados e desencarnados – boletim do Pai

Mais Luz

Escrito por **Robert Hugh Benson**
através de **Anthony Borgia**

Publicado pela primeira vez em 1947, Inglaterra

Índice

- [1.](#) ortodoxia
 - [2.](#) milagres
 - [3.](#) milagres discutidos
 - [4.](#) os enterros
 - [5.](#) o credo
 - [6.](#) o credo, continuando
 - [7.](#) o credo, concluindo
 - [8.](#) uma pessoa comum
-

Prefácio

Em um volume anterior, "Fatos", o comunicador espiritual deixou entrever algo de sua 'teologia revisada'. Neste volume, o seu mais recente manuscrito, volta ao tema teológico com referência particular aos credos e a certos milagres como os narrados no Novo Testamento.

Como padre na vida terrena, ele experimentou os dois tipos de Ortodoxia, 'uma bastante livre e fácil, outra rigorosa e rígida'; a primeira permitindo julgamentos particulares sobre a maioria dos assuntos religiosos, a segunda permitindo falar apenas a voz da autoridade. ‘

Peço desculpas pela repetição, apesar de que a repetição parece inevitável, mas minha amizade com o comunicador deste livro começou em 1909, cinco anos antes de sua passagem ao mundo espiritual.

Ao voltar a falar, ele trouxe consigo em muitas ocasiões uma hoste de amigos comuns, cuja teologia da maioria deles fora, como a dele própria, revisada drasticamente.

Uma vez mais, foi meu privilégio agir como o seu amanuense na terra, e registrar os detalhes adicionais da sua 'teologia revisada'.

Anthony Borgia

Ortodoxia

Vários meus amigos da terra ainda estão um pouco confusos pelos pontos de vista que expressei sobre o assunto Ortodoxia; com isto, claro, quero dizer Ortodoxia Cristã. Conhecendo um ou dois detalhes de minha vida terrena, meus amigos perguntam, com efeito: a Ortodoxia pode ser tão totalmente inútil como fiz entender em meus escritos anteriores?

Eles acham difícil, para se falar pouco, livrarem-se completamente de todas essas ideias antigas que centenas e centenas de anos sob a consideração supersticiosa de Ortodoxia tradicional tornaram tão familiares, ideias que se tornaram parte da vida natural e normal das pessoas da terra.

A religião Cristã foi classificada em credos, dogmas e doutrinas por meio dos quais todos os homens podem encontrar o verdadeiro modo de viver na terra, e a garantia de que, se seguirem apenas os ensinamentos da Igreja, a eles será providenciado um adequado 'depois daqui' no mundo espiritual, apesar de não se referirem a este destino em tais termos, pois chamam de 'céu'.

Meus amigos ficaram um pouco confusos, também, com a minha atitude em geral para com a Igreja (de qualquer denominação), lembrando que, conforme minha própria declaração, fui padre quando vivi na terra há não muitos anos atrás.

Já descrevi alguns dos detalhes da minha saída da escuridão mental de minhas convicções religiosas que aconteceu depois de minha chegada no mundo espiritual - em uma palavra, como consegui me *livrar* de todas as minhas ideias ortodoxas com tanta rapidez, de forma que não repisarei nenhum caminho antigo novamente. Posso, porém, dar-lhe alguns poucos fatos adicionais de natureza pessoal que vão, penso eu, ajudar a esclarecer a situação.

Para começar, então, experimentei os dois tipos de Ortodoxia quando estava encarnado. Fui padre das duas denominações — sucessivamente, não preciso repetir! Na primeira tive minha educação e nela fui ordenado padre. Depois de alguns anos, senti-me insatisfeito com tudo.

Em muitas ocasiões fui chamado para decidir muitas questões religiosas somente pelos meus próprios poderes de pensamento e pela minha razão. Tive que usar meus próprios raciocínios em assuntos a respeito dos quais eu achava que a Igreja da qual eu era membro já deveria ter feito suas próprias declarações e pronunciamentos. Era Autoridade que eu sentia que estava faltando; Autoridade em perguntas vitais e problemas relativos à alma e à vida que vem em seguida desta vida.

Esta Igreja não apresentava nenhuma voz com autoridade, não podia apresentar nada melhor nem nada mais seguro que as *opiniões* dos clérigos em geral. Eventualmente eu me voltava àquela organização religiosa que não só clamava ser ela mesma a voz da autoridade, como também falava com voz certa e segura — assim eu imaginava - e, além disso, declarava que tal voz era infalível naquilo que ensinavam. Nesta Igreja não havia nenhuma necessidade de se pensar nas pessoas. O pensamento já havia sido corretamente feito por outros, apropriadamente equipados para o trabalho, de forma que tudo o que se requeria dos 'fíeis' era que seguissem os ensinamentos da Igreja e obedecessem às suas leis.

Nesta segunda denominação eu fui 'recebido', e como ela não reconhecia — e não reconhece - a validade das ordens clericais da Igreja da qual eu há pouco havia me apartado, fui reordenado padre. Tornei-me membro deste corpo até que passei ao mundo espiritual na minha dissolução. Assim veja, tive um pouco de experiência da Ortodoxia dos dois tipos, uma bastante livre e acessível, a outra rigorosa e rígida. A primeira permitindo um julgamento particular sobre todos os assuntos religiosos, a segunda só permitindo que fale a voz da autoridade.

Mas suponha, diria um de meus amigos, que sejam varridas todas as formas estabelecidas da religião que está sob o título de Ortodoxia, e à qual faço objeções, o que se poria em seu lugar? Seguramente deve haver alguma espécie de código moral. A Cristandade suportou o teste do tempo, e a alma anseia naturalmente por algum tipo de expressão religiosa, até mesmo se for da descrição mais simples, como as ofertadas pelas religiões Cristãs tão espalhadas pela terra aos seus numerosos membros.

As pessoas sempre buscaram alguma forma de adoração pública, entretanto, na verdade, as suas congregações parecem estar encolhendo, mas isso é só porque lhes falta um certo vigor, talvez temporariamente, e porque as pessoas estão mentalmente cansadas depois de terem atravessado a batalha terrível como a que terra sofreu. Assim, novamente, o que se poria no lugar da Ortodoxia Cristã?

A resposta é simples, meu bom amigo. Apenas isto: a **Verdade**.

Consideremos a posição dos assuntos da forma como eles estão na terra neste momento do tempo terrestre. Por assuntos quero dizer principalmente 'assuntos religiosos'; coisas que concernem à verdadeira substância que a religião deveria ser na terra, mas que, enfaticamente, não é.

Sob o ponto de vista de cada indivíduo que vive vários anos da sua vida na terra e então 'morre' e parte para algum destino misterioso e terrível em algum mundo invisível — para o céu ou para o inferno — do ponto de vista desta pessoa, a situação de agora é a mesma de como era há centenas de anos atrás.

Os ensinamentos tradicionais da Ortodoxia cuidaram disso. A maioria das pessoas na terra tem pensado sobre 'a morte e o depois da vida' nas mesmas linhas como pensavam há dois mil anos atrás, e vem sentindo o mesmo sobre

isto, também. O sentimento, na maioria dos casos, é medo; medo da morte em si, medo do desconhecido e, como diriam alguns, medo do futuro desconhecido.

Antes de seguirmos adiante, eu gostaria de fazer uma observação. Durante o curso destes escritos posso achar necessário repetir alguma declaração que já fiz a vocês em minhas discussões anteriores. Eu o faço tão somente com o objetivo de me fazer o mais claro possível. Se meus bons amigos forem pacientes comigo, eu, de minha parte, prometo fazer estas reiteraões bem breves!

Eu poderia, claro, fazer aos meus leitores a referência destes escritos anteriores através de seus títulos, mas acho que isso seria mais tedioso e irritante que a repetição de algum fato ou uma característica em particular.

Retomando. Observou-se que algumas palavras, reputadas como ditas por Jesus e escritas nos Evangelhos, provocaram o efeito de mudar todo o curso da história. As palavras às quais me refiro são as que ele dirigiu, de acordo com o texto transcrito, a um dos seus discípulos, que são: *“Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei minha igreja; e os portões do inferno não prevalecerão contra”*.

A Igreja da qual eu era membro na hora de minha dissolução reivindica este texto em particular como sendo praticamente a fundação sobre a qual repousa toda a estrutura da Igreja. Que Jesus jamais deu voz a tal expressão surpreendente é uma questão conhecida e comum a milhões de nós daqui destes reinos do mundo espiritual. Quando eu estava na terra, estas mesmas palavras me davam um sentimento da maior segurança possível, pois percebia, assim achava, o verdadeiro fundamento para as reivindicações extravagantes expostas pela Igreja.

A declaração, como aparece nas cópias impressas do Novo Testamento, nada mais é que uma interpolação deliberada, uma manipulação completa, e danosa. E essa não é a única interpolação. Há muitas outras de caráter semelhante, inseridas com intenções semelhantes, isto é, sustentar um sistema de autoridade religiosa. As escrituras não sofreram apenas interpolações, mas também, o que é igualmente ruim, coisas não foram registradas ou foram apagadas deliberadamente. Com o apagar cuidadoso e o interpolar cuidadoso, efetivamente foram suprimidas certas verdades reais.

Qual foi o propósito real e completo da vida de Jesus de Nazaré na terra? As Igrejas em torno da terra praticamente concordam com a resposta delas a esta pergunta, e que seria: Que Deus enviou Seu filho unigênito para resgatar o mundo de seus pecados e, pela sua morte e ressurreição, ele demonstrou a sua vitória sobre a sepultura. A queda de Adão e Eva manchou com o pecado original todo o gênero humano, e nada satisfaria a ira de Deus, a não ser que o Seu 'filho único' se oferecesse em sacrifício e morresse numa morte vergonhosa. Isso, em poucas palavras, é o resumo da fé Cristã.

É por ser esta declaração uma apavorante mentira — de fato, não contém *nenhuma* uma sílaba de verdade em si — que eu me sinto tão seguro no assunto dos ensinamentos Cristãos Ortodoxos. O fato de eu ter sustentado tais ensinamentos quando estava encarnado intensifica minha atitude presente. O que eu ensinei na terra, tanto como pastor como conselheiro espiritual, ensinei porque acreditava que era a verdade.

Agora sei que não era e não é a verdade. Pode-se contestar que deve haver milhões que são, ou foram, semelhantemente iguais a mim. É isso mesmo; há milhões mais como eu. Mas foi minha grande sorte, por uma concatenação um tanto longa de circunstâncias, ter tido a oportunidade de fazer visitas de retorno à terra, falando por um velho amigo, e recontar algumas de minhas experiências, e assim tentar estancar a disseminação das mentiras religiosas pelas quais fui responsável quando estava na terra.

Lembre-se de que tive grande público, tanto como pastor como escritor, e desta forma atingi as orelhas e os olhos de grande número de pessoas. Eu não reivindico nenhum privilégio no que estou fazendo agora. Houve muitos outros antes de mim; haverá muitos outros depois de mim. Reterei meu anonimato. É o que digo que importa, e não quem sou nem quem era.

Faz quase dois mil anos que aquele que é chamado de 'o Fundador da Cristandade' mostrou seu caminho na terra. E isto está perfeitamente claro: nunca foi sua intenção fundar uma Igreja na terra — nem em lugar algum. Realmente, ele não estava nem um pouco interessado em nenhuma religião nova.

Ele se preocupou com a verdade. Ele veio não para demonstrar a 'vitória' sobre a morte. A Morte não é um oponente nem um inimigo; é um processo natural, a ação de uma lei natural que tem funcionado assim por eons de tempo antes da chegada de Jesus. Ele não tinha nenhuma necessidade de 'combater' a morte. Não se pode combatê-la no sentido de superar alguma influência maligna.

Certo é que alguns casos de dissolução por doença podem ser adiados pelo exercício da mente. Uma mente alegre pode produzir maravilhas no caso de algumas doenças e assim pode ajudar na recuperação onde, ao contrário, um temperamento doentio, pessimista, impediria o trabalho das forças naturais para curar o corpo físico. Em todo caso, é apenas um adiamento da dissolução, pois a dissolução pode vir mais cedo ou mais tarde.

Então, Jesus não poderia fazer, não faria, e não fez, uma declaração de que tinha alcançado 'vitória' alguma através de sua transição. O que ele provou realmente, sem qualquer vestígio de dúvida, foi o fato da sobrevivência humana depois da morte do corpo físico, e provou isto pelo mesmo modo que milhares de outras pessoas fizeram desde antes daquele tempo — ele voltou à terra e falou aos seus amigos, mostrou-se, mostrou que estava vivo, e que a morte só acontecia ao corpo físico.

O aconteceu com os ensinamentos que Jesus trouxe aos confins mais remotos da terra onde viveu? A Ortodoxia destruiu a verdade. O Novo Testamento, onde se alega haver alguns dos atos e declarações de Jesus, sofreu toda a sorte de interpolações, omissões, apagando-se trechos, fazendo-se más traduções, declarações e

interpretações erradas. Até mesmo a forma que os livros têm hoje em dia representa apenas um lamentável fragmento de tudo aquilo que Jesus disse e fez. Como está agora, o Novo Testamento é um dos livros mais perigosos já que, por estar incompleto, pode com facilidade ser lido erradamente.

Quantas religiões Cristãs existem na terra hoje em dia? Há *centenas*, literalmente, e a maioria delas é baseada em grandes variações nas interpretações bíblicas de um texto ou outro. Cada um destes corpos religiosos tem graus variados de conflito ou discordância com os outros; cada um reivindica ser o certo, e pelo menos um reivindica ser a verdadeira Igreja da qual todos os outros estabelecimentos principais se separaram ou de onde tiveram sua origem.

Apesar de que estes diversos e variados corpos possam discordar entre eles, todos têm uma característica em comum — um erro monumental. O erro, falando-se em termos gerais, consiste em considerar a religião Cristã e tudo o que lhe é relativo como sendo o padrão, até mesmo o ápice, de todo o pensamento religioso do universo. A religião Cristã, então, fica acima de todas as outras formas de pensamento espiritual e ideias, e estende-se até mesmo ao ‘céu’, que seria essencialmente Cristão.

As demais serão, sem dúvida, observadas adequadamente o bastante na ‘próxima vida’, mas os Cristãos sempre estão e estarão em primeiro lugar no esquema divino das coisas. Isso não é nenhum exagero, já que tais ideias têm estado na terra por quase dois milênios e foram intensificadas com a passagem do tempo.

Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei minha Igreja. Uma Igreja certamente foi construída. E como o Cristianismo se mostrou a si mesmo durante sua passagem pelos anos? Mal o bastante. Pense nas massas de extraordinários dogmas e doutrinas que foram inventados, os credos incompreensíveis que foram formados, os ritos estranhos e cerimônias que foram introduzidas nas religiões da terra.

Pense também na presunção, a presunção total, dos líderes de seitas religiosas e denominações que fingem conhecer tanto os propósitos de Deus, os Seus desejos, as Suas vontades, as Suas intenções, as Suas razões, e que apresentaram ao mundo um terrível, desumano e animalesco espetáculo do Deus de sua fabricação e formação.

Recorde, também, como eles instilaram medo nos corações de tantos incontáveis milhões de boa e estimada gente durante as idades passadas, o medo em suas vidas espirituais, com ameaças de castigo medonho de um Deus colérico, de queimar perpetuamente nos fogos do inferno eterno para o ‘impenitentes’. Lembre-se, também, dos massacres e das chacinas que aconteceram em outros tempos em nome do Cristianismo.

Considere a intolerância do poder religioso, de como uma facção se vingaria de outra assim que viesse a ter poder, cada uma produzindo seus ‘mártires’ pela ‘fé’. As páginas do livro da história da religião Cristã estão manchadas de sangue, e o texto conta ações terríveis e horrendas feitas em nome de seu fundador, e não só de seu fundador, mas até mesmo em nome do próprio Deus.

A religião ortodoxa de um tipo ou outro é uma grande massa de complexidades e de arapucas espirituais, e o estado de bem-estar de alguém no mundo espiritual é alcançado dependendo das trivialidades artificiais mais absurdas que dão a entender terem sido fundadas nos ensinamentos de Jesus.

— ‘Mas o que é isso tudo?’, ouço alguns amigos dizerem; seguramente você está pondo um tanto de paixão sobre muito pouco. Afinal de contas, está falando sobre histórias antigas, e agora não temos mais nada com aquele tipo de coisa na terra. Não temos mais perseguições religiosas. As pessoas podem escolher a sua própria religião e adorar a Deus de seu próprio modo. Esta é a era da liberdade religiosa.

Isso é perfeitamente verdade. É história o que estou recontando a você, e também é história bem insalubre. É igualmente verdade que não se fazem mais mártires religiosos nestes tempos; mártires, quero dizer, no sentido de darem as suas vidas terrestres. Mas deve-se lembrar de que a imensa multidão das pessoas que sofreram sob o malho da Ortodoxia nas idades passadas ainda está viva e residente no mundo espiritual. Estão agora perfeitamente felizes, claro, mas são testemunhas vivas da natureza perniciosa de todo o sistema e de seus ensinamentos falaciosos.

Pode não haver nenhuma perseguição em campos religiosos, mas a cegueira espiritual ainda aflige a humanidade na terra. O número dos que estão melhor informados e mais iluminados em tais assuntos é infinitésimo em comparação com os que ainda são ignorantes das *verdades* espirituais ao serem contrapostos aos ensinamentos espúrios das Igrejas. Eles representam apenas uma gota num oceano vasto de ignorância espiritual.

Eu realmente não agi com paixão, mas muitos de nós nestes reinos somos sutilmente sensíveis ao estado infeliz no qual tanta gente chega a estes planos com a sua dissolução, uma infelicidade que freqüentemente é causada pela forma com que foram ensinados por suas igrejas enquanto eram encarnados.

Como sabe, parte de meu trabalho consiste, com outros, em ajudar as pessoas quando fazem sua chegada aos planos espirituais, de forma que meus companheiros e eu não só falamos por experiência, mas também com sentimentos de exasperação pela maré de gente que ainda flui a estas terras trazendo com eles toda a ignorância Ortodoxa e a falta de conhecimento espiritual que adquiriram durante a passagem terrestre.

Você bem pode imaginar a nossa alegria, realmente júbilo sincero, quando encontramos alguma alma que tenha conhecimento do mundo espiritual, de suas verdades e leis, e que tenha praticado a comunicação com outros destes reinos. Nunca o nosso trabalho fica tão fácil e tão feliz como em tal ocasião. Mais importante de tudo, nunca uma transição é tão agradável para o principal personagem que quando todas estas condições prevalecem. Realmente, há muito pouco para fazermos de forma ativa em tais casos. Meramente nos alegramos com nosso novo amigo. Tais exemplos são quase um feriado para nós! Mas o quadro tem o lado inverso, e desagradável.

Falamos de liberdade religiosa apenas um momento atrás. Onde está, literalmente, aquela liberdade? A um homem, você diria, é permitido adorar onde, quando e de que maneira lhe agrada. Isto também significa que ele tem

a liberdade de absorver em sua mente todas as caricaturas e distorções da verdade e todas as doutrinas enganadoras de múltiplas denominações religiosas diferentes, como amplamente são vistas em torno do mundo.

Ele também tem a liberdade de encontrar a verdade, mas, ai, raramente ou nunca vai encontrá-la nos mesmos lugares em que ela deveria ser pregada e ensinada — as Igrejas. (Vou, claro, apressar-me em excluir esses clérigos corajosos que, possuindo o conhecimento dela, não têm nenhum medo de contar a verdade sobre o mundo espiritual de seus púlpitos. Infelizmente tais homens são poucos, mas qualquer congregação de pessoas deveria se considerar triplamente abençoada por ter um ministro tão iluminado que lhes fale das verdades espirituais).

Por dois milênios o mundo Cristão tem vivido em cegueira espiritual. Novamente ouço-os dizerem que, talvez, estou exagerando muito as coisas. Não estou, mas eu lhes pediria que vissem a situação do nosso ponto de vista. Coloquem-se em nossa posição de residentes do mundo espiritual, e verão que não estou exagerando, mas apenas suavizando.

Vocês que ainda estão encarnados não vêem os resultados da ignorância espiritual e da falta de conhecimento sobre as condições de vida daqui, conseqüências que estão perto de acontecerem a todas as almas depois que deixarem o plano terreno para residirem permanentemente no mundo espiritual.

A letargia espiritual parece envolver tanta gente na terra; eles se agrupam para a 'reverência' de acordo com o livro de oração, recitando credos que não têm nenhum sentido, e que seriam, em todo caso, inúteis, pois credos teológicos não têm nenhum valor espiritual; recitam orações que têm pouco sentido e efeito menos ainda; colocando sua 'fé' em cento e uma convicções estranhas; felizes em basearem sua segurança espiritual futura nas práticas supersticiosas das mais triviais; desejando testemunhar e ser participantes de elaboradas exibições ritualistas, cuja simbologia e propósito têm quase nenhum valor para o bem-estar espiritual de uma pessoa.

Essa gente foi recheada durante anos com ideias grotescas, algumas vezes ideias monstruosas, sobre os atributos do Pai do Universo. Deus, para eles, é um Ser a ser temido, amado e adorado — foi desta forma que foram ensinados pelas 'autoridades' cegas; um Ser a quem, numa última esperança, pode-se pleitear a clemência para os 'pecados' cometidos enquanto estavam na terra. Esta gente teve isto estrondando nos seus ouvidos — e nos ouvidos de seus pais antes deles — que o homem é um 'pecador miserável'. Não está em quase todas as orações dos seus livros impressos uma humilhante afirmação dessas? Um Deus de ira.

Enquanto perspectivas extremamente vagas, tênues, insubstanciais são oferecidas a esses que aplacam o Deus caprichoso da Igreja, os teólogos não parecem ter qualquer dúvida do que acontecerá se um homem se ele se comportar mal na terra. As recompensas parecem poucas e incertas, mas os castigos são muitos e certos. Assim o gênero humano, se pensar em tudo isso, não só passará sua vida na terra com medo da morte em si, mas também do que lhe acontecerá depois que a morte vier afinal.

Qual é a perspectiva principal de acordo com a palavra da autoridade teológica? *Julgamento* — com nenhuma chance de recuperar o plano espiritual perdido. Julgamento — sem apelo. Porém, há alguma expectativa desta justiça ser temperada com mansidão, de forma que a única esperança real naquele 'dia final' — estes são os termos obnoxios empregados pelos teólogos estúpidos — é clemência.

Que concepções primitivas, selvagens! Dois mil anos de Ortodoxia Cristã não podem ensinar nada melhor, nada mais próximo à verdade, que isso. Os professores religiosos, acreditando firmemente em todas essas tolices tão danosas e ensinando-as arrogantemente aos 'fiéis', são diretamente responsáveis por permitirem miríades destas suas pessoas iludidas não só passarem ao mundo espiritual na profunda ignorância do verdadeiro estado de coisas nestes planos, mas também por terem sido enganados por uma trama de ensinamentos errôneos que têm que ser corrigidos antes que os recém-chegados possam continuar suas vidas, a sua herança indubitável, nestas terras inigualáveis.

Lembre-se que lhe contei sobre os medos terríveis que subjagam tantas almas na sua chegada até aqui, medos de suas próprias vidas. Não há nenhum medo a ser experimentado na terra que seja remotamente parecido com aqueles. Muita gente tem pavor da dissolução; temem que o próprio processo real possa ser doloroso. Eles poderiam chegar até aqui com esses medos bem diminuídos com a descoberta de que não é doloroso, embora possa haver alguma condição anterior de angústia física, e que pode doer, tudo de acordo com a causa da transição.

Mas a própria transição em si é indolor. Depois que passam por esta que parece uma provação, e percebem que estão e sentem-se muito vivos, então vem o pensamento esmagador do que lhes foi ensinado na terra que deve ser esperado — o *juízo*. (Se vão sofrer aquele julgamento e quando, ou se em alguma data futura, não sabem, claro que não, mas a própria incerteza aumenta seus temores) Isso é, de longe, pior que todos os presumidos terrores da morte, pois aqui, aparentemente, alcançaram a última barreira de tudo, talvez a própria vida.

Eles se sentem bem firmemente presos em uma armadilha da qual não há nenhuma possibilidade de fuga. Enfrentando o que sempre acreditaram ser desesperadamente inevitável, passam mal com este medo tão opressivo que chegam a paralisar a sua capacidade de pensar. Novamente eu diria: não imagine que estou exagerando o estado de coisas porque lhe asseguro que não estou. Nós, que estamos ativamente engajados em ajudar as pessoas em tais momentos de angústia terrível, seguramente somos os melhores juizes disso, e há muitos, muitos de meus colegas e companheiros que vão endossar e confirmar enfaticamente o que eu estou lhes contando.

Medo, meus bons amigos, é o que domina as vidas da maioria das pessoas que economizam o minuto que leva para pensar no seu possível ou provável estado de sua existência no mundo espiritual, e este medo vai com eles quando vêm morar aqui, durante todo o tempo. Por que as pessoas teriam este medo? De onde é derivado? A resposta é clara: só os anos e anos de ensinamentos Ortodoxos é que são os responsáveis.

Vocês acham, então, que falamos com muito sentimento, e talvez um tanto acaloradamente às vezes, quando damos continuamente testemunhos dos resultados perniciosos destes longos erros de erros religiosos. As Igrejas na maioria estão em uma condição de escuridão espiritual, não a escuridão de mal deliberado, mas a escuridão da ignorância, e ficam contentes por permanecerem assim, e mantêm a sua ‘fé’ com eles. Somos nós no mundo espiritual que temos que retificar todos seus erros monstruosos, e remover o temor injustificável que implantaram nas mentes de tantos milhões da terra.

Milagres

Tem sido bem observado que um homem fica à mercê do seu biógrafo, ao que poderia ser acrescentado, como corolário natural, que também fica à mercê de seus leitores e qualquer biógrafo subsequente. O dever estrito de tal função é registrar fatos que sejam completamente autenticados, e tudo que seja somente opinião deveria ser claramente declarada como tais.

É quando o escritor começa a usar a sua própria imaginação e designar motivos para os quais não há nenhuma confirmação que a dificuldade começa. Eu posso falar de experiência própria sobre isto porque meus próprios biógrafos erraram neste respeito. Eles às vezes professam conhecer muito bem o meu caráter, e sua apreciação foi baseada mais por suposição e conclusão que por referência direta ao conhecimento absoluto. Atenuando, entretanto, tem-se que dizer que é quase impossível conhecer realmente bem uma pessoa enquanto esteja ainda encarnada, de forma que em tais exemplos há muito para ser perdoado aos escritores.

Se estas inexatidões podem acontecer ao se escrever uma biografia de uma pessoa sem importância terra, como a vida de Jesus estaria afetada, a mais famosa de todas as biografias, se em parte pode ter sido floreada?

Agora sei o que alguns de meus amigos dirão imediatamente: Por que tal livro não pode ser comparado, nem mesmo remotamente, com qualquer outro na terra. O Novo Testamento é um trabalho inspirado, além disso, inspirado por ninguém mais que o próprio Deus. Tudo aquilo que aparece nele, portanto, deve ser a verdade.

Se fosse realmente assim, então não haveria nada mais para eu dizer, mas não é assim. O Novo Testamento não foi inspirado por Deus. Uma avaliação primária com algumas das leis do mundo espiritual demonstrará isso facilmente e depressa.

Entre as primeiras revelações que acontecem aos ministros da Igreja de qualquer denominação quando chegam para morar nestas terras estão as revelações de que podem, por toda a sua vida aqui, estudar o Novo Testamento em sua verdadeira avaliação. Estudantes deste livro sempre acham um amplo campo para investigação, comparação, e até mesmo para comentário pungente.

Nunca foi feito o trabalho de uma biografia sob um impedimento tão terrível como a que contém a vida de Jesus, e este impedimento pode ser descrito como uma concepção errônea trágica e lamentável. É uma concepção errônea tão desastrosa, na realidade, que chega a jogar todo o caráter do livro em um reino onde nenhuma outra pessoa penetrou, ou jamais penetrará.

Faz tanto para que pareça possível, onde, de fato, tantas coisas são impossíveis — o ‘levantar’ os mortos, para se dar um exemplo dentre muitos. Para vir ao ponto, esta gigantesca concepção errônea não é nada diferente da *divinização* de Jesus. Tudo que normalmente é inexplicável se torna nominalmente explicável pela declaração simples de que Jesus era Deus feito homem. Com esta capacitação, ele podia fazer ‘milagres’, e é a opinião geral dos homens encarnados que ele deve ter executado muitos mais do que foi registrado.

Desde bem no início, as circunstâncias que acompanham o nascimento de Jesus na terra não foram normais. A Teologia reivindica a ele uma natividade que é o resultado de um processo natural. A Ortodoxia está dividida nesta questão. Alguns dizem que o nascimento dele não foi nada diferente do de qualquer pessoa comum, enquanto outros declaram que sua mãe lhe deu vida pelo poder do Espírito Santo.

Esta última opinião foi a que eu acreditei enquanto estava na terra. Até mesmo a mãe de Jesus foi feita para ser uma exceção à doutrina do pecado original. Ela, pelo que parece, nasceu sem a mancha que foi lançada a todo o gênero humano pelo pecado de nossos supostos primeiros pais, Adão e Eva. Isto, claro, não tem nenhuma confirmação na Bíblia. É apenas uma invenção piedosa dos tempos posteriores.

A história do primeiro Natal na terra é bem pitoresca conforme se lê nos Evangelhos, na condição de que não se lançam muitos pensamentos sobre a narrativa devido à natureza primitiva dos tempos e das circunstâncias. Desde esse primeiro evento, a terra viu o surgimento de um imenso número de costumes agradáveis e lendas ligadas à sua celebração anual. Como festa, foi sempre simples, já que tratava grande parte de um processo comum a toda a humanidade, e sem o qual não haveria nenhum ser humano na terra. Os aniversários são considerados agradáveis, e o nascimento de Jesus foi um evento do qual toda a Cristandade poderia compartilhar.

Quando se aproxima o tempo do Natal na terra, nós ficamos muito conscientes disto no mundo espiritual, pois muitos pensamentos nos localizam aqui numa antecipação aprazível das festividades que se aproximam. Realmente, é a única estação do ano terrestre em que uma onda de bondade sai da terra, ou seja, para subir ao mundo espiritual. Nós, nestes planos, não temos nenhum interesse em um Natal que seja um banquete eclesiástico, mas ficamos profundamente jubilosos por causa das muitas mentes que nos trazem alguma recordação naquele momento, embora possam nos esquecer pelo resto do ano!

A história do nascimento de Jesus na terra, narrada como está no Novo Testamento, nos traz imediatamente a um reino de mistérios e maravilhas, como também a 'eventos sobrenaturais'. A profecia angelical dada aos pastores, com seu cumprimento rápido, e depois a visita de certos homens sábios que foram conduzidos pelo 'movimento sobrenatural' de uma estrela até aquela parte da terra onde o Jesus nasceu, e o resto, pensado em conjunto, constitui uma história encantadora, uma história que atingiu a fantasia do homem na terra e fez do nome e do movimento do Natal um sinônimo de tudo aquilo que é bondade e idealmente agradável; um tempo jovial, feliz.

Como tal, que seja para sempre recomendado pelo seu elevado valor como meios de ressurreição espiritual do homem na terra. Mas a mesma história, tomada em conjunto com a narrativa inteira da vida de Jesus, é onde a verdade foi obscurecida. Que Jesus nasceu no mundo terreno é uma verdade além de sutilezas ou dúvidas, mas que não houve nenhum 'milagre' em seu nascimento nem nos demais eventos também é uma verdade.

A palavra milagre, claro, é freqüentemente agregada a numerosos eventos espalhados ao longo dos quatro Evangelhos. Esses milagres são declarados como tendo sido executados por Jesus, e são aclamados pela igreja, ou algumas seções dela, como provas da divindade de Jesus. O assim denominado milagre do seu nascimento, claro, permanece por si só.

O que é precisamente um milagre, ou ainda, como se define o termo? De acordo com o idioma terrestre, um milagre é a ocorrência ou a atuação de algum evento maravilhoso ou ato através de meios ou agentes *sobrenaturais*. Isso introduz outra palavra que requer elucidação. Sobrenatural seria definido, penso, como estando acima das forças de natureza, ou além do reino das leis naturais. *Isso é uma impossibilidade absoluta.*

As leis de natureza são preeminentes. O que parece ser um 'milagre' não é bem assim. É somente o emprego de forças naturais de acordo com leis naturais. Todo o funcionamento do mundo espiritual é baseado em leis naturais. Ninguém, nestes reinos nos quais vivo ou em qualquer reino mais elevado ou mais baixo em estado espiritual, pode mover uma fração de uma polegada além de qualquer lei espiritual. Os aparentes milagres que reputam ter Jesus executado não são, na realidade, milagres de fato, no sentido geralmente aceito do termo, mas a utilização de forças naturais.

Se esses atos de Jesus em particular, que são denominados milagres, são encarados como atos executados por Jesus sendo Deus feito homem, então tais atos podem ter pouco ou nenhum significado para a humanidade neste ano presente de seu tempo terrestre. Eles são locais e contemporâneos; locais à região onde o próprio Jesus viveu, e contemporâneos com seu tempo. Foram de serviço inestimável aos interessados, já que curou os doentes, curou os cegos, 'ressuscitou o morto' — sobre o que terei algo lhe dizer mais tarde — e as muitas outras ações de serviço nobre para a sofredora humanidade. São registros, apesar de escassos, de realizações excelentes. Muitas almas atormentadas devem ter desejado ansiosamente que Jesus vivesse na terra nestes tempos de agora para trazer ajuda da mesma forma.

Considerados assim, tais atos são somente incidentes a serem lidos no Novo Testamento. Em uma palavra, não têm nenhuma aplicação prática à vida como ela é vivida na terra neste momento presente.

Mas para o estudioso de mediunismo, estes atos de Jesus apresentam um quadro muito diferente. Eles deixam de ser locais e contemporâneos, e se tornam um registro, apesar de faltar alguma coisa como mais detalhes, é verdade, mas um valioso registro, entretanto, do 'poder do espírito', do uso das forças naturais por um instrumento humano treinado à perfeição absoluta no exercício das habilidades mediúnicas.

Estas habilidades estão residentes em todos os seres humanos. Em alguns, estão sem cultivo e assim permanecem; em outros estão dormentes, mas são desenvolvidas eventualmente e empregadas a serviço dos irmãos da raça humana. O número de tais pessoas é lamentavelmente pequeno, comparando-se com os milhões da terra. Mas eles existem, como existiram na terra nos primeiros tempos.

Nunca fez parte do esquema das coisas que nossos dois mundos, o seu e o nosso, devessem ser separados, ou seja, dois compartimentos sempre isolados, impedindo um ao outro a visão e o som. Os meios sempre existiram pelos quais as pessoas do mundo no qual moro pudessem se comunicar com as pessoas do mundo no qual você mora. Mas a Ortodoxia, de uma forma ou outra, tentou eliminar o relacionamento entre espíritos, ou impedi-lo, suprimindo os instrumentos por meio dos quais tal comunicação é efetuada. A Ortodoxia nunca foi bem sucedida — e não será jamais. O mundo espiritual é imensamente mais forte que a Ortodoxia, e sempre será.

Deveria ser logo enfatizado que estas habilidades mediúnicas são coisas perfeitamente naturais. Elas são inerentes em todo ser humano nascido na terra. Não se atrofiaram pelos longos anos de desuso; ainda estão lá, mas estão dormentes e então precisam 'desabrochar' por desenvolvimento apropriado. Atualmente, a posse de tais habilidades pode ser considerada decididamente uma coisa 'esquisita', e os seus possuidores são realmente tidos como pessoas que não são totalmente 'certas' — 'pessoas peculiares', na realidade! Tanto as faculdades mediúnicas quanto seus e seus portadores são apenas normais. Uma apreciação como essa é totalmente errada.

Com que freqüência se ouve na terra a pergunta: por que é necessário que eu vá a um médium — pois é assim que os dotados destas faculdades são designados — para falar com meus amigos que já se foram?

Não haveria nenhuma necessidade de se ir a outro lugar pelo que tais pessoas buscam, se fizessem apenas o que é palpavelmente óbvio, isto é, desenvolver os seus próprios poderes psíquicos e exercitá-los da maneira que *deveriam ser exercitados*.

Certos sentimentos de desgosto talvez surjam nas mentes de alguns que podem estar 'apalpando' forças que seria decididamente melhor deixarem de lado; alguns dirão que a indulgência com práticas como a de falar os 'mortos' é fisicamente antinatural e doentio, doentio fisicamente, e decididamente doentio espiritualmente. Para todos eles eu diria peremptoriamente: Tolice!

O homem na terra não tem percepção nenhuma dos próprios poderes inerentes a ele. A sua vida terrestre é limitada somente pelos seus cinco sentidos. Ele não dá nenhuma atenção nem tem nenhum conhecimento sobre seus sentidos *mediúnicos* que, sob desenvolvimento apropriado, é capaz de trazer à superfície, e usá-los tão facilmente quanto os sentidos físicos. Há, claro, pessoas que, com a sensibilidade religiosa aguçada, objetam que não é certo nem apropriado que se 'perturbe os mortos', e que, de qualquer forma, às pessoas não é dado saber qualquer coisa sobre tudo isto porque Deus não deseja que isto seja assim.

Em tempos passados, as mesmas objeções insensatas surgiram quando apareciam entre os povos da terra quaisquer invenções novas e revolucionárias. Havia freqüentemente fortes brados dizendo que tais inovações eram contra as Escrituras Sagradas, como se as Escrituras Sagradas contivessem tudo aquilo é espiritualmente necessário para o gênero humano na terra. As Escrituras Sagradas são apenas uma minúscula e bastante mal-formada gota num oceano colossal de conhecimento espiritual.

É perigoso se supor que as Escrituras Sagradas sejam a última palavra em assuntos que estejam voltados à conduta de homem na terra. Mas a Igreja, ou pelo menos uma parte dela, ensina exatamente isso. Quando eu estive na terra, acreditei que toda a revelação entre Deus e o homem tinha cessado, e que com a passagem do último dos Apóstolos nenhuma palavra adicional de Deus seria enviada para a terra.

Se puder, eu gostaria de divagar por um momento — hábito ao qual meus amigos já estão ficando acostumados, seguramente! Desde que moro no mundo espiritual, muitas vezes tenho meditado sobre as convicções extraordinárias que aprendi e propaguei quando fui padre da Igreja. Claro, não ficou só nisto; a experiência com meus muitos amigos mostrou-me que quase não há ministro da Igreja, excluindo esses homens afortunados que foram espiritualmente iluminados antes de virem ao mundo espiritual, que em algum instante deixe de repensar profundamente as convicções que sustentou quando encarnado, a confiança que depositou naquilo que desde então se revelou ser trivialidade completa, juntamente com as coisas estranhas que professou de seu púlpito como sendo verdades espirituais.

Que mundo pequeno e estreito em que trabalhamos! Tentamos limitar, veja, este gigantesco, soberbamente organizado e transcendentemente belo mundo espiritual dentro de algumas palavras tiradas de um livro antigo. Tentamos dar entrada neste mundo maravilhoso dependendo de algumas regras infantis baseadas num texto extraído daquele mesmo livro antigo; ou condicioná-la à obediência a algumas regras fabricadas da Igreja.

Que direito tinha eu, assim pensei freqüentemente, de proclamar a lei de Deus sobre isso ou aquilo; para fazer com que a entrada nestes ou outros reinos do mundo espiritual fosse possível somente com a submissão diante de alguns 'mandamentos' da Igreja? Pelo que fiz, só posso reivindicar cegueira espiritual, e apressar-me em falar a verdade como a conheço agora. Durante esses dias na terra, nunca sonhei que um simples texto daquele mesmo livro no qual tantos depositam *total* confiança, literalmente dava a pista para toda a vida na terra sobre como se preocupar com a vida nestes planos.

Tudo o que o homem semeia na terra, colherá no mundo espiritual. Essa é a declaração plena do texto. Essa é a lei. A grande, inescapável, inevitável, infalível lei de causa e efeito. É minuciosamente exata e perfeita em sua execução. É incorruptível; não há nenhum suborno que a toque; nenhum privilégio pode valer uma reivindicação contra ela. Opera *semelhantemente* em todos os homens, sem olhar a idade ou sexo, não vê posição social; nem ocupação. Tanto 'rei' ou 'cidadão', clérigo ou leigo, rico ou pobre, *todos* são *semelhantes* perante a lei suprema de causa e efeito, e ela age exatamente da mesma maneira com cada indivíduo.

Não há nenhuma divergência, nem variação. É constante e invariável, precisa e exata. Não pode ser falsificada; não pode ser evitada pelos supostos atos de outra pessoa de qualquer estado espiritual. É constante e inflexível. Não permite o exercício de nenhuma clemência. É apenas rígida. Realmente, é a própria justiça. Não precisa de nenhuma administração. Administra-se, verdadeiramente, absolutamente, e irrevogavelmente por si mesma. O todo está compreendido naquele texto breve: Aquilo que o homem semeia, isso mesmo colherá.

Em muitas, muitas ocasiões, eu ouvi essas palavras, mas nunca percebi o verdadeiro significado — exatamente como neste minuto passei a você. Alguma lei poderia ser mais perfeita? Seguramente não, pois nela repousa a certeza da progressão espiritual para todo o gênero humano. Não há nenhuma conversa por aqui sobre o Julgamento e o Dia do Julgamento, nenhuma palavra por aqui sobre a danação eterna. Nenhuma palavra de um Deus vingador que inflige castigos terríveis a um homem porque este pecou contra Ele. É apenas uma declaração clara do fato.

Por pior que possa ser a colheita que cada indivíduo colha como conseqüência da vida que teve na terra, ele terá toda a eternidade diante dele para semear bem e colher a mais rica das colheitas ricas. Pode levar tempo e um grande esforço; pode valer ao indivíduo muita angústia mental; pode haver um remorso opressivo; mas a alma terá, e

tem, toda ajuda e oportunidade para recuperar qualquer terreno perdido e, desta forma, subir às maiores alturas em avanço espiritual.

Jamais um esforço é perdido. Nenhuma trivialidade de doutrinas estranhas nem ‘mandamentos’ de igrejas vão se intrometer para impor condições frívolas aos nossos esforços de progresso. Somos nós os donos de nossa própria alma, livres pelo direito imutável de ajudar-nos a nós mesmos a sairmos do pântano espiritual no qual nosso modo de ser na terra nos atirou; todos temos os recursos ilimitáveis do mundo espiritual para nos ajudar a nosso menor apelo.

Não requer nenhum ritual elaborado nem cerimonial, apenas nossos próprios esforços concentrados e determinados a recuperar nosso terreno perdido. O progresso é livre e aberto a todas as almas que estiveram, estão ou estarão nascendo na terra. Nenhuma Igreja ou outra organização pode nem mesmo interferir, ou impedir, ou obstruir, a ação daquela lei. Nenhum mandato foi expedido a qualquer Igreja ou outra instituição religiosa pelo qual se pode julgar os meios exclusivos de obter a entrada a estes ou qualquer outro reino do mundo espiritual.

Somente o homem decide que parte ou região do mundo espiritual será o seu destino inicial quando deixar o plano da terra com a sua dissolução. Seu modo de vida na terra decide isso, mas o seu modo de vida não inclui a obediência a algumas leis puramente eclesiásticas impostas por autoridades eclesiásticas a todos os adeptos daquele tipo em particular de ‘fé’ religiosa.

Frequência forçada a certos serviços da igreja baseada na dor da danação se faltarem é um exemplo brilhante de presunção espiritual total. Como lei espiritual é total e completamente ineficaz, mas não é menos danosa já que inspira medo na mente de muitos indivíduos inofensivos, e é totalmente oposta à verdade da vida e das leis do mundo espiritual.

Na realidade, a Igreja presume-se *juulgadora* da condição espiritual do homem por leis de sua própria fabricação, e o faz em nome de Deus, reivindicando que aquelas tais leis são leis de Deus. O que a Igreja *sabe* das leis de Deus? Ou, colocando-se tudo de outra forma: o que a Igreja — qualquer Igreja — sabe das leis do mundo espiritual, as leis naturais que governam estes planos e governam nossas vidas aqui?

Por exemplo, o que conhece a Igreja da lei natural de causa e efeito, já que esta é uma das leis do Pai? A resposta é que a Igreja não sabe *nada*: adivinha uma grande parte — e erradamente, e presume saber muito. E a Igreja assumiu para si mesma o cuidado das almas dos homens na terra. Quanta irracionalidade nos negócios relativos a assuntos que são tão vitais, tão urgentes, de importância suprema.

Bem, estes são apenas alguns poucos pensamentos que passaram pela minha mente de vez em quando, desde a minha vinda para habitar nestes planos. Alguns pensamentos desses ocorrem a muitos do clero quando vêm morar aqui.

Esta foi uma longa divagação, mas estou persuadido de que não terei desagradado por interromper o que estava dizendo ao deixar estes pensamentos para a sua meditação. Como padre que cumpriu um credo rigidamente tacanho e convidou outros se unirem a ele, como fui obrigado a fazer, descobri, quando entrei nestes belos reinos do mundo espiritual, que não era a influência da ‘fé’ religiosa que tinha me trazido até aqui, nem qualquer ligação com as leis eclesiásticas ou ‘comandos’, mas algo muito mais profundo, e mais saudável e seguro — de fato, a única coisa segura, isto é, o tipo de vida que eu tinha levado enquanto encarnado.

Agora vamos retomar. Os denominados milagres de Jesus, tentei explicar-lhe, não foram na verdade nenhum milagre, mas somente o exercício de suas faculdades mediúnicas superlativas. Tais faculdades podem ser vistas na terra neste mesmo momento. Mas há esta diferença: Jesus passou longos anos treinando e desenvolvendo essas faculdades, e combinou em um só indivíduo *todos* os dons psíquicos que é possível possuir, e eles foram desenvolvidos ao grau *mais alto possível*. Assim, ele é sem igual entre os homens.

Mas ele não era, e não é, Deus. Potencialmente, *todo ser humano nascido na terra poderia fazer precisamente o que o Jesus fez*. Isso é uma declaração que quero enfatizar. O fato de que ninguém o fez de modo algum contradiz aquela verdade. É falha do próprio homem não utilizar as suas potencialidades. Certamente seria uma tremenda investida em sua paciência, e tempo, e resistência, para atingir somente metade da habilidade mediúnica que Jesus pôde adquirir, fora o seu desenvolvimento *espiritual*.

No mundo da música na terra vocês têm seus grandes virtuosos instrumentais. Os seus nomes são conhecidos. Por que o reino das faculdades mediúnicas também não teria seu virtuose? O próprio Jesus foi um. Ele se dedicou — exatamente como os instrumentalistas famosos o fazem — a anos e anos de estudo. Ele aperfeiçoou sua técnica — para continuar usando o idioma musical, já que os casos são precisamente paralelos tanto no tipo quanto nas condições — e quando finalmente surgiu diante do público ao qual veio servir, seu desempenho era tão sem defeito quanto era espiritual e humanamente possível ser.

Pelo menos um violinista famoso foi acusado de ter ligação com o ‘demônio’ por causa da sua prestidigitação surpreendente no instrumento. Era manifestadamente impossível, assim exclamavam alguns dos seus entusiasmados fãs, que um homem, sem ajuda do ‘demônio’, pudesse executar tais efeitos da destreza manual em qualquer instrumento. Eles não ficaram muito longe de chamarem de ‘milagre’. Neste caso era só Satanás trabalhando.

Com Jesus foi ligeiramente diferente. Os seus supremos dons foram chamados de ‘milagres’ por um lado, e atribuídos a Satanás no outro! A teoria satânica é risível hoje em dia, mas a teoria do ‘milagre’ ainda persiste. Para qualquer pessoa colocar Jesus no mais alto grau de perfeição das suas capacidades mediúnicas requereria a

existência de circunstâncias materiais, antigamente, difíceis de conseguir. As condições de vida, em geral, foram bem alteradas na terra, mas isso não significa que nenhuma mediunidade possa ser, ou devesse ser, desenvolvida.

Não há uma injunção bíblica que diz *Provai os espíritos?* Que deve haver espíritos é óbvio, ou então as palavras não significariam nada. Assumindo que há 'coisas' como espíritos, e muitas pessoas nos consideram como pouca coisa a mais que 'coisas' — então como devem ser testados?

Se eles podem ser testados, então a conclusão natural é que eles têm que se fazer conhecidos para encarnar o homem de uma forma ou outra. Como? Pelos 'milagres' ou outro acontecimento 'supranatural' incomum? Dificilmente; pois não parecem ser bastantes para prover campo suficiente para investigação, além de alguns exemplos extremamente fracos que alegam ter acontecido dentro da Igreja. Afinal de contas, o 'milagre' do século vinte está em plano não substancial e é tão raro (assim levam você a acreditar) que realmente não há nenhum caso para investigar. O quê, então?

A única resposta, e a resposta certa, como muita gente provou conclusivamente inúmeras vezes, é a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo da terra. Isso é feito através do uso das faculdades mediúnicas, o mesmo tipo de faculdades que o próprio Jesus usou, o mesmo tipo de faculdades cujos exercícios feitos por ele foram denominados de 'milagres'.

Jesus foi o grande exemplo. Ele mostrou como o homem poder viver na terra, como o homem *deveria* viver durante a jornada da encarnação dele. Ele também mostrou como o homem deveria ter consciência das suas plenas potencialidades, e não restringir as suas percepções terrestres só aos seus cinco sentidos. Ele demonstrou claramente como estão próximos os nossos dois mundos; que o véu entre eles é, na verdade, tênue, e que não só é possível, mas certo que o homem na terra deva estar completamente atento a ambos os mundos: à terra na qual está temporariamente habitando e ao mundo espiritual que será o seu último destino; e que, estando atento a ambos, pode fazer da sua vida um equilíbrio cuidadoso de um e de outro.

Jesus viveu na terra como um ser humano natural, comendo e dormindo, e caminhando nos campos onde habitava. Mas enquanto vivia dia após dia, suas faculdades mediúnicas sempre estavam no auge da perfeição, prontas a serem exercitadas em numerosas ocasiões que se apresentaram no meio das pessoas. Ele executou ações que possivelmente as pessoas simples não podiam explicar. Pareciam milagrosas a alguns; a outros era obviamente 'o demônio'. Pelo menos os doentes e os sofrendores podiam dizer efetivamente e em boa verdade: se é o diabo ou não... estou curado!

Diabo estranho esse, para se dizer pouco, que passou pela terra fazendo o bem!

Milagres discutidos

De todos os assim chamados milagres de Jesus, nenhum é mais espetacular e sensacional que o de 'ressuscitar um morto!' Aqui, pensava-se, temos prova o bastante, se provas estão querendo, de que Jesus era Deus, pois ninguém a não ser Deus poderia executar um ato tão estupendo.

Antes que sigamos adiante, seria bom se, entre nós, chegássemos a algumas conclusões sobre o significado preciso da palavra 'morto.'

A própria palavra carrega uma variedade de significados que são o resultado de uma variedade de teorias. Deixe-me mostrar-lhe alguns desses significados.

Na definição rígida do dicionário, 'morto' significa 'parou de viver', ou 'aquele que não tem mais vida'. Aplicando-se ao corpo físico depois da dissolução, é uma declaração bastante precisa. Mas algumas pessoas pensarão em termos que estendem além disso.

Os 'mortos', afirmarão, não são corpos físicos dos quais a vida partiu. Eles são uma classe de seres, seres humanos presumivelmente, e estão situados em alguma localidade desconhecida e invisível da qual não emergem para voltar de onde partiram — alguns diriam que é porque não podem — e ficarão calados para sempre, por causa de suas condições e de seu destino. Se têm 'vida' ou não, ou se estão dormindo apenas, não se sabe, pelas mesmas razões.

Em alguns casos, os 'mortos' são distinguidos pelo título de 'santas almas'. Almas certamente são, mas 'santas' — certamente não. A propósito, santo não é uma palavra que está sempre sendo usada nestes reinos. Isto tem um sabor muito forte de piedoso doentio e de santarrão. Sugere distinções invejáveis que são repugnadas profundamente. Ambas as palavras, 'santo' e 'virtuoso', são jargão religioso rememorativo e, como tal, não está em uso por aqui.

Voltemos à nossa discussão do 'morto'. Há outras escolas de pensamento que consideram que os 'mortos' podem ser encontrados em adros e cemitérios, ou embaixo dos pisos de igrejas e catedrais que são usados para

aquele mesmo propósito. Em casos extremos, acreditam literalmente que os corpos se levantarão das suas sepulturas na ressurreição geral, seja lá o que possa ser isso.

Pois a desintegração corporal que aconteceu, indubitavelmente sob a provisão adequada, foi feita pela Providência — ou o que possa querer dizer essa palavra. Indo mais além ainda, alguém afirmaria que qualquer coisa que os 'mortos' possam ser, ou onde quer que possam estar, não podem estar como nós na terra. Nós, que estamos na terra, estamos *vivos*, e como a terra é o hábitat natural de seres humanos, tudo é, desta forma, normal, e é como deveria ser. A terra é o padrão de lugares *vivos*, não de algumas especulativas regiões invisíveis, do qual seu 'céu' pode ser o apropriado lugar para anjos habitarem, e seu 'inferno' para os diabos.

Esses nossos amigos e parentes que deixaram de viver neste planeta serão contados entre os 'mortos'. E assim por diante. Desta forma, perceba que o termo 'morto' pode significar duas coisas. Pode recorrer a corpos, ou a sobras de corpos que ficam sepultados em cemitérios nas várias fases de desintegração, e pode significar almas, ou espíritos, ou as personalidades dessas mesmas pessoas que partiram. Tudo isso é extremamente confuso.

Ao falar com você, usei termos precisos sempre que possível para evitar enganos, e o risco da prolixidade que aparece em frases como 'Durante minha vida terrestre', ou 'Quando morei na terra', ou, novamente, 'Quando eu era encarnado'. Nesta última frase estou falando em termos terrestres.

Encarnado significa simplesmente 'vestiu carne', quer dizer, 'um corpo físico', se prefere desta forma. Pensando em mim, indubitavelmente poderia usar o termo com o significado '*desencarnado*', claro, já que não tenho um corpo físico. Em tal base, fico convencido de que nos entendemos bem um ao outro. Mas, para ser estritamente preciso, o que é falar com verdade absoluta, posso reivindicar que sou inquestionavelmente encarnado, já que estou falando do ponto de vista do mundo espiritual.

Além disso, o corpo é de ordem bastante física a nós. É sólido; é natural; é perfeito em seu funcionamento e na aparência geral; nunca fica doente; não sofre de fadiga, nem de fome e sede; é imperecível e está de posse de seus membros completos, e assim por diante. Esse é o corpo que me abriga, a quem você, meu amigo, como leitor, veio a conhecer por estes escritos.

Não estou de jeito nenhum descarnado, mas bem encarnado — todos estamos, no mundo espiritual. As pessoas na terra podem me considerar 'morto', e é algo que repudio veementemente, porque estou muito vivo! Aplicando-se a seres humanos, *não há ninguém morto*, pois todos que estiveram vivos na terra ainda estão vivos morando no mundo espiritual. Nunca, nem por uma fração de segundo, pararam de fazer qualquer outra coisa que não fosse viver.

Vamos tentar, pelo menos para nossos atuais propósitos, trazer uma certa ordem a esta confusão, de forma que, no momento ou quando viermos a falar sobre 'retornar um morto à vida', não nos precipitemos em dificuldades verbais piores.

Morte *somente* se aplica ao corpo físico. Quando uma pessoa morre, o seu corpo físico torna-se inanimado. Toda a vida foi retirada dele, e tem que ser disposto da forma que já é bastante familiar a você. A desintegração acontecerá, depressa ou lentamente, de acordo com circunstâncias e condições, até que eventualmente haja muito pouco da forma física original que uma vez andou sobre a terra.

Não há nenhuma forma possível de restabelecer essas sobras ao seu estado original. Nenhum poder na terra ou do mundo espiritual pode fazer isso. É uma impossibilidade absoluta. A convicção de que no 'juízo final' os corpos mortos se levantarão das suas tumbas é, claramente, uma estupidez. Um breve pensamento mostrará o absurdo disto. Em primeiro lugar, assume-se que todo ser humano é enterrado confortavelmente em um cemitério ou outro lugar apropriado, ignorando-se os corpos desses outros que, através de meios vários, foram aniquilados completamente ou totalmente consumidos.

A Ortodoxia tratou o corpo físico puramente do ponto de vista material, sem fazer qualquer tentativa para descobrir como o corpo físico é animado e o que acontece em sua dissolução. Se o assunto tivesse tido uma atenção apropriada dedicada a ele, muita elucidação teria sido alcançada sobre o suposto milagre de 'trazer um morto à vida'.

O corpo físico é animado, é mantido vivo, pela alma do homem — colocando-se da forma mais simples, a qual possui um corpo espiritual pelo qual funciona e vive. O corpo espiritual, com todos seus componentes, usa o corpo físico para se manifestar enquanto está em sua curta estada terrestre. Os dois são firmemente, mas não inseparavelmente, unidos por uma corda magnética, uma linha da vida, por assim dizer, ao longo da qual, como a corrente elétrica em um cabo, passa a força que provê *vida* ao corpo físico.

Não provê naturalmente vida completa ao corpo físico. Toda pessoa encarnada tem que obedecer a certas leis pelas quais o corpo físico é alimentado e cuidado, e lhe é dado seu necessário combustível, como numa máquina locomotiva. Enquanto a corda magnética estiver presa ao corpo espiritual, o corpo físico reterá vida nele. Enquanto o corpo espiritual permanecer dentro do corpo físico, o corpo físico reterá uma consciência normal.

Quando o sono comum colhe o corpo físico, é porque o corpo espiritual se retirou temporariamente. As necessidades do corpo físico incluem a necessidade de uma certa quantia de sono. Tem que ser recarregado; a energia que foi consumida durante o trabalho do dia tem que ser substituída. Embora a quantia de sono requerida varie nos indivíduos, um pouco de sono, pouco que seja, é essencial. Esta retirada do corpo espiritual durante sono é um processo natural, comum a todo mundo, mas o que é mais necessário saber para nosso atual propósito: toda a experiência do sono, considerada como um processo, é bem próxima ao que na terra conhecem como 'morte'.

Há uma diferença e, claro, dirão que é uma diferença vital! Literalmente é vital, no que concerne ao corpo físico. A diferença, então, entre sono e 'morte' é que no sono o corpo espiritual volta ao seu envoltório físico, e induz a um retorno, ou retorno parcial, da consciência física, mas na 'morte' o corpo espiritual renuncia ao corpo físico para sempre. A corda magnética é cortada, o espírito do indivíduo, a pessoa real, parte para seu autodesignado primeiro domicílio no mundo espiritual, enquanto o corpo físico assume todos os sinais inconfundíveis da ausência completa de animação, um dos quais é a decomposição. Nenhum poder, físico ou espiritual, pode revivificar o cadáver. Está morto, final e completamente.

O dono original do corpo não tem mais nenhum uso para ele. É apenas um artigo de vestuário refogado. Mas ele (ou *ela*) não está morto; está muito vivo. Pode estar dormindo em algum lugar nestes planos, por razões que lhe contei anteriormente. Mas não está 'descansando em paz', de acordo com o entendimento que vem do usual livro de orações para a frase. Está dormindo, e pode estar muito em paz, mas é um sono temporário de tratamento medicinal, quando isso se torna necessário. A paz que ele desfrutará quando despertar será a paz que as glórias da vida nova daqui gerarão dentro dele.

Que noção inimaginável que é a que está na oração, '*dê-lhe descanso eterno, ó Deus*'. Quão gratos todos ficamos por esta oração nunca ser respondida! *Descanso eterno!* Eu realmente poderia fazer um sermão dos mais eloqüentes, baseado nessas duas palavras — se meus dias de sermões não tivessem terminado para sempre! Muitos clérigos expressaram a mim sentimentos semelhantes.

Quanta riqueza de temas de sermões gloriosos é descoberta nas verdades do mundo espiritual. Mas o tempo para isso cessa desde que passamos a esses planos. Quantos ministros da Igreja desejaram poder pegar as orelhas das suas congregações anteriores uma vez mais, e lhes contar agora uma história bem diferente. Se todos pudessem fazê-lo, quantos deles teriam crédito? Viria contra eles o velho clamor de 'demônio'.

Tantos clérigos descobrem que, por suas preces e pregações, condenaram em suas congregações como sendo diabólicas as mesmas coisas que viram ser verdades eternas agora. Desta forma, efetivamente fecharam a porta nas suas próprias caras. Há exceções, claro. Com grande sorte, sou uma dessas exceções. Nem sonhava, antigamente, que poderia voltar ao plano terrestre para falar com esses que ainda se lembravam de mim. Quanto ao descanso eterno, conversaremos mais tarde sobre isso.

Não é necessário que eu repita a narrativa das ocasiões em que Jesus 'trouxe um morto à vida'. Mas há algo para ser observado. Os próprios fatos têm economia de detalhes. É certo dizer que, se tais histórias acontecessem hoje, em outro contexto, elas nunca teriam aceitação por causa dessas poucas evidências. Elas são acreditadas somente baseadas no fato de que Jesus era Deus, e que as Escrituras em que estes fatos estão relatados são divinamente inspiradas. A palavra de Deus, na realidade.

Em um dos exemplos, diz-se que Jesus trouxe à vida um cadáver que tinha sido posto no túmulo há quatro dias. Tão pouca esperança havia de que Jesus pudesse fazer qualquer coisa efetiva sobre o assunto quando chegou à cena, que um dos que choravam parece ter chamado a sua atenção a este fato ao mencionar especificamente que 'a esta hora' o corpo do falecido estaria em estado bem avançado de decomposição. O calor do clima seria indubitavelmente um fator contributivo a isto.

Logo quando Jesus chegou para a ajuda fez a observação, de acordo com o Evangelho, de que a doença do homem 'não era mortal, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus pudesse ser glorificado desta forma'.

Como o texto explica, temos um exemplo do trabalho dos interpoladores. Jesus fez uma prognose simples sobre o caso em vista. Ele somente declarou que o homem não morreria da doença que o estava acometendo no momento. Isso era tudo. Os teólogos lhe pedem que acredite que ao homem fora permitido adoecer de propósito, a fim de que Jesus pudesse manifestar a sua autoridade e poder, e glorificar a Deus curando-o.

Uma vez mais, lança-se Jesus a uma falsa posição. O que é infinitamente pior, sugere que Deus fez as pessoas deliberadamente doentes, até mesmo permite-lhes que 'morram' — uma imputação ultrajante. Que Jesus pôde demonstrar a força dos seus poderes mediúnicos está absolutamente claro, mas ao demonstrá-los desta forma, estava prestando socorro aos seus irmãos da terra através da cura do doente. Não era trabalho dele continuar executando os alegados milagres como prova de sua 'autoridade' divina. Nenhum homem requer 'autoridade', divina ou outra, para fazer bem. Jesus não provou que ele era Deus pelo que fez, mas provou o que poderia ser feito com a ajuda de Deus, com a vivência correta, e cultivando os sentidos psíquicos e os dons.

Jesus sentia-se suficientemente assegurado de que o homem não morreria, porque pelos seus sentidos mediúnicos percebeu a verdadeira situação do caso. A sua prognose psíquica provou ser completamente precisa. Embora detalhes médicos sejam desejados, está claro que o homem doente tinha caído em um estado de coma de profundidade suficiente para justificar o veredicto de que estava 'morto'. Sendo a ciência médica primitiva naquela época, quem julgaria de outra forma?

Não é surpreendente, então, lermos que, quando Jesus aproximou-se do homem, descobriu que presumiram sua 'morte' e, adequadamente, enterraram-no. Que Jesus ficara transtornado por esta conclusão é natural, já que pelo enterro poderiam ter causado a transição do homem, colocando-o além de toda a ajuda material possível, considerando que poderia ter respondido ao tratamento de um mero caso de coma.

Não levou muito tempo para Jesus perceber que não era tarde. Ele podia ver que a corda vital que une o corpo espiritual ao corpo físico ainda *estava intacta*. Jesus deu as ordens dele; fez o que era necessário, e o homem

supostamente 'morto' foi devolvido aos seus parentes. A prognose psíquica de Jesus estava completamente justificada.

O que se aplica neste caso em particular aplica-se igual e positivamente nos outros exemplos onde Jesus 'trouxe os mortos à vida'. Que as pessoas em questão enfaticamente *não* estavam '*mortas*', no sentido de que os seus corpos não estavam completamente sem vida, simplesmente é uma questão de verdade espiritual. Se os corpos físicos dessa gente estivessem inanimados, Jesus não os poderia ter restabelecido à animação.

Bem semelhantes a estes atos específicos de Jesus, são esses que vêm com a designação 'curando os doentes'. Novamente, claro, reivindicações da Ortodoxia dizem que Jesus pôde fazer isso porque era Deus.

Ao longo do texto da Bíblia, grande ênfase é posta constantemente na 'fé', com relação aos muitos atos de cura. De Jesus, em uma ocasião, dizem que deve ter dito à pessoa doente, "*Tua fé te curou*". Teólogos fazem naturalmente uso da maioria de tais expressões como estas. A fé, diriam, significa a convicção de que o Jesus era Deus. Sem esta convicção definida não teria havido nenhuma cura. Ou fé, outros declarariam, nos poderes de Jesus como um curador dos doentes. Em qualquer coisa que possa ser, a fé é essencial.

Como essa palavra tão curta é usada por clérigos em geral! Acredite nisto, ou acredite naquilo, e você será 'salvo'.

A cura pela fé, como dizem, é praticada na terra por alguns clérigos até hoje em dia. Ajuntam os doentes nas suas igrejas e, pela 'imposição' das mãos, tentam alívio e conforto ao doente, e talvez curá-los completamente. Tais métodos são desaprovados em alguns locais, apesar do exemplo deixado pelo seu Mestre, mas o uso do termo 'a cura pela fé' ajuda a escapar da censura de um superior eclesiástico.

A menos que o paciente tenha fé, dirão, eles não podem fazer nada. Curando o doente através da ação espiritual?—nunca! Eles nunca se associariam a tais coisas sujas, afirmam piamente com horror! Esta é puramente uma questão religiosa.

Vale a pena olhar um tantinho mais de perto nesta questão de cura pela fé. Em primeiro lugar, a palavra 'fé' se presta a uma variedade de significados e, por conseguinte, é aplicada em vários modos diferentes e em contextos diferentes.

A Fé, diz o velho ditado, moverá montanhas. Aqui eu concluo corajosamente e enfaticamente afirmo que a fé não fará tal coisa. Muita coisa se espera da fé. Isso não é culpa da fé, mas de pessoas que abusam da palavra.

Quanto à cura pela fé dos clérigos, a fé é usada para cobrir os seus sucessos e os seus fracassos. Se o paciente foi curado ou recebeu um benefício óbvio, a fé é a causa. Se nenhum sucesso foi alcançado, então a *falta* de fé é a razão. Em ambos os eventos da cura pela fé e tudo o que parecer com isso fica protegido completamente. Os resultados, pelo que parece, ficam a cargo do paciente. O clérigo talvez reivindique pouca coisa a ele.

Tua fé te curou. A Fé *somente* não poderia fazer tal coisa. Se for fazer sentido espiritual, aquela frase deveria ser 'Tua fé ajudou a te curar', o que é precisamente tudo o que a fé pode fazer. No máximo, fé — isto é, o tipo particular de fé que estamos agora discutindo — é um estado alegre, otimista de mente, uma atitude esperançosa.

A fé que dá esperança a uma pessoa ou é promissora, essa deve ser inspirada. Por exemplo: se seu próprio médico terrestre é um homem sã, e suas experiências passadas da habilidade dele e a prática provaram-lhe o seu valor, você deposita natural e corretamente uma fé extrema em qualquer tratamento que ele possa prescrever-lhe para sua necessidade.

Se ele, por casualidade, não conseguir aliviar sua dor, qualquer que seja ela, você provavelmente ainda manterá sua confiança nele, e considerará o fracasso talvez como temporário, devido à obstinação de sua reclamação. Já que a recomendação pessoal o levou em primeiro lugar a ele, sua fé subsequente nele é baseada na evidência, e a sua evidência também. Sua fé é algo que está muito vivo e agudo dentro de você, se posso me expressar assim.

Podem achar difícil de descrever o sentimento em tantas palavras, mas a sensação de confiança está lá, sem dúvida. Assim permanecerá, até que uma sucessão de fracassos no alívio da dor venha a intervir e banir esses sentimentos de sua mente. O doutor lhe falará que sua atitude otimista e confiante nas habilidades dele como médico e no tratamento que está lhe fazendo ajudarão enormemente na cura, se é que é humanamente e cientificamente possível efetuar uma cura. Mas essa atitude, por si só, não traria nenhum resultado.

Na seqüência, então, a fé é melhor descrita como um estado de mente esperançoso, otimista, até mesmo alegre, e não uma convicção cega.

Esses dentro do clero que praticam a cura pela fé ou cura espiritual na terra são, na maioria, totalmente ignorantes dos meios pelos quais os sucessos são alcançados. Eles não reivindicam milagres, mas dizem que Deus, pelo Espírito Santo e pela própria imposição das mãos deles, tem, pela graça Dele, trazido cura, ou alívio, para a pessoa doente.

Tal cura ou alívio, afirmam, só foi outorgado em virtude da fé da pessoa interessada. Presume-se, naturalmente, que o próprio clérigo tenha alguma descrição da fé no que ele está fazendo, caso contrário ele seria partícipe do que simplesmente seja um escárnio. Sua sinceridade de propósito e desejo sério para prestar serviço aos membros da raça humana é o motivo louvável por trás de tais indivíduos, mas estes bons companheiros não sabem o que está acontecendo, nem como conseguem qualquer resultado que podem obter.

Há gente na terra que está em comunicação íntima e em cooperação conosco daqui, e que pelo exercício dos seus poderes psíquicos podem curar o doente. Estão fazendo o trabalho exatamente como fez Jesus quando estava na

terra, pelos mesmos meios, e pelo mesmo poder. Eles são médiuns pelos quais pode ser trazido o poder do mundo espiritual para impor sobre o doente. A Fé não pode produzir uma cura. Pode ajudar, e ajuda amplamente, mas por si mesma é impotente à cura.

Enquanto o ministro da cura pela fé na igreja dele reivindica a fé como o instrumento do seu trabalho curativo, na realidade ele o faz somente em virtude do fato de empregar faculdades psíquicas das quais ele é totalmente ignorante. Que ele seja inconsciente de tais poderes dá na mesma. O poder espiritual está trabalhando, e ele é o agente terrestre inconsciente disto. Pode chamar da forma que quiser, mas não faz diferença à verdade neste caso.

Qual é a posição na terra hoje em dia sobre a cura dos doentes por ação espiritual? Além desses que são responsáveis por isto e que estão ativamente engajados nisto, e essa gente feliz que conhece os grandes benefícios disto ou desfruta deles, a cura pela ação espiritual é desacreditada, escarnecida com ares de superioridade, ridicularizada, e geralmente diminuída. Há exceções, naturalmente, para essa declaração generalizada, mas é uma estimativa justa da situação.

Ainda mais, esses que estão executando estes atos indubitáveis de cura — indubitáveis por parte desses que foram curados das suas doenças e por todos os demais que estão em associação íntima conosco do mundo espiritual — os médiuns curadores, estão fazendo precisamente o que o próprio Jesus fez. As testemunhas das curas de hoje em dia estão vivendo entre vocês na terra, prontos a atestar a verdade das suas curas e das minhas próprias palavras aqui.

A Ortodoxia aceitaria alguma atestação como esta? Ela se preocuparia até mesmo em considerar o assunto? Aqui está uma evidência do trabalho espiritual para os clérigos testarem, levarem a cabo a injunção bíblica *Provai os espíritos*. Eles fizeram isso? Há só uma resposta — para vergonha eterna deles, *eles não fizeram isso*. Preferem ignorar todo o assunto e as verdades ainda maiores que estão por trás destes trabalhos esplêndidos de cura; preferem concentrar os seus pensamentos e energias ao orarem dos seus púlpitos sobre os 'milagres' de Jesus.

Entendendo completamente errado, e interpretando também errado as Escrituras em que leram as realizações de cura de Jesus, desacreditam por completo do esquema inteiro e das providências do mundo espiritual; espalham pela terra inteira que o homem, em todos os tempos e em todas as épocas, terá à mão a ajuda do mundo espiritual nos seus males de corpo e alma, numa distribuição privilegiada, atenuada, pelos quase três anos do tempo terrestre de duração — os três anos, de acordo com a Bíblia, durante os quais Jesus executou os seus 'milagres'.

Durante o curto espaço de três anos — querem que acreditem nisso — o próprio Deus veio à terra como Jesus. Ele veio a uma parte obscura da terra, entregou seus ensinamentos, a maioria não registrados, curou doentes, e assim partiu da terra para voltar aos reinos do céu. E isso foi perto de dois mil anos atrás.

Não houve nenhum doente depois daquele tempo? O que dizer de hoje, quando há tantos corpos mutilados e doentes na sua terra? Considerando imparcialmente, não é maior a necessidade agora de Jesus e seus poderes, neste momento presente? Então, por que o privilégio extraordinário concedido a uma área pequena de um país oriental, há tantos anos atrás?

É inútil dizer, 'é a vontade de Deus'. A Ortodoxia não sabe nada da vontade Deus. É fútil dizer que você não precisa sondar as razões para estas coisas, mas tenha-as como são. A Providência Divina, declararão os clérigos, não viu necessidade de enviar um tanto de alívio para a terra por outro como Jesus. Foi o bastante. A terra está forrada de pecado; é por causa disto que Deus enviou todo o sofrimento que a humanidade sofreu recentemente, como julgamento de sua maldade. Essa é a voz magnífica da Ortodoxia.

Infelizmente para o mundo da terra, a Ortodoxia está dois mil anos atrasada. Habitou em seu pequeno mundo teológico estreito e restrito de credos, dogmas e doutrinas, cegamente conduzindo os cegos cada vez mais e mais fundo no pântano de ignorância espiritual. Os teólogos têm transmutado Jesus em um realizador de 'milagres'. Pela sua total falta de compreensão a respeito das suas faculdades e poderes, declararam ser ele Deus.

Nestas bases, quiseram converter os 'pagãos' e os 'selvagens' para longe dos seus falsos deuses. Os mesmos pagãos e selvagens estavam prontos para divinizar qualquer um que pudesse exibir poderes superiores, e a adorá-lo como deus deles. Isso é precisamente o que Ortodoxia tem feito. Falhando sombriamente em perceber e reconhecer os verdadeiros poderes de Jesus, e como e de onde derivaram, como ele os usou, e por que ele os usou, os teólogos emularam o pagão a quem consideram selvagem por causa de suas próprias divinizações, e divinizaram Jesus.

Eles o elevaram ao plano de Mente Divina, e obscureceram completamente essas faculdades mediúnicas muito naturais que ele exercitou para benefício dos membros da raça humana. Eles fizeram dele o artista dos atos mais impossíveis, e o possuidor de atributos impossíveis. Concordaram de forma geral com uma narrativa que contém talvez apenas meia dúzia de palavras relativas a algum ato de Jesus, mas recusam-se a aceitar o testemunho de pessoas vivas na terra onde plenas e completas evidências estão ali, para a atenção deles. É o mesmo poder do mundo espiritual que está trabalhando na terra neste momento do seu tempo, e curando os doentes.

A estreiteza, presunção e estupidez da Ortodoxia são um insulto eterno ao Pai do Universo. Os clérigos tentaram cercar o Pai dentro dos confins restritos das suas próprias mentes insignificantes e pequenas. Tentaram reduzir a sabedoria Dele às dimensões frágeis das suas próprias inteligências sombrias.

Esse é o porquê de no mundo espiritual haver tantos clérigos e teólogos, grandes e pequenos, que foram compelidos pela força da verdade a mudarem tão radicalmente as suas visões, as quais agora não trazem nenhuma semelhança com as visões que defenderam quando encarnados. Esse é o porquê de minhas visões terem mudado semelhantemente!

Os enterros

Durante alguns escritos anteriores, discuti com você certos aspectos dos métodos habituais de dispor o corpo físico depois sua 'morte'. Brevemente, eu lhe falei de como são ruins todos os cerimoniais religiosos e as decorações tristes que normalmente acompanham todo o procedimento do enterro; são semelhantemente ruins para o indivíduo que passou para estes planos, e ruins para esses que ficaram para trás na terra.

A tristeza ocasionada pela saída da terra de um amigo ou parente querido existe na proporção em que existem as ligações pelos afetos humanos que surgiram. Isso é apenas natural, da forma como são as coisas no momento. A ignorância ou a falta de conhecimento das verdades espirituais e das condições de vida no mundo espiritual servem para intensificar aquela tristeza.

Esta ignorância não é só da parte do indivíduo; as Igrejas da maioria das denominações compartilham-na. É para eles, como supostos mentores espirituais, que o dedo deve ser apontado por acrescentarem o fardo de tristeza que a perda traz com ela.

Para se perceber esta ignorância do conhecimento espiritual em seu pior grau é apenas necessário se examinar a ordem dos serviços de enterro da Igreja. Realmente, aqui é que se exhibe a ignorância numa descrição monumental. As assim chamadas orações das quais estes enterros são totalmente compostos revelam exatamente o quanto as Igrejas estão longe de tocarem as realidades espirituais. Em vez de as orações serem uma fonte rica de conforto ao que choram, e o que ainda é mais importante, de ajuda prática e sã para a pessoa que 'morreu', elas são, tanto a anterior quanto a posterior, totalmente sem valor.

Vamos examinar juntas algumas das orações, e verá a força das minhas palavras.

Um grande número das orações são simplesmente citações bíblicas, com generosas extrações dos Salmos.

Aqui devo enfatizar que tanto os que lamentam como os 'falecidos' necessitam de ajuda prática. O que chora precisa de conforto à sua aflição; a pessoa que deixou a terra há pouco durante todo o tempo precisa de ajuda do tipo *material*. Ele pode estar em dificuldades de tipos e graus vários. Pode precisar muito de ajuda puramente espiritual; pode querer somente ajuda na etapa de descobrir o que aconteceu com ele, onde ele está, o que deve fazer, como fazer, e uma lista de assuntos semelhantes.

Enquanto nós, que somos residentes aqui, fazemos tudo que podemos neste lado, uma atração direta pela oração da parte do ministro em exercício somará ao poder que nos é dado para dispor ajuda a outros. Mas *devem* ser orações do tipo certo. Citações longas de algum salmo ou outro, bonito como podem ser em seu conteúdo, e no seu idioma, são completamente ineficazes se essas citações não trouxerem nenhum acréscimo naquilo que é necessidade urgente, isto é, ajuda direta e orientação.

Aqui está outra circunstância muito importante para a qual as Igrejas, na ignorância delas, não mostram nenhuma disposição. Os enterros realizados normalmente nos climas mais temperados acontecem alguns dias depois do momento da passagem. O 'morto', na realidade, passou e se foi. Mas é justamente no momento da transição que a ajuda pode ser de grande valor. Eu reconheço que não seria possível em todos os casos prover que isto aconteça, já que as circunstâncias de transição variam tanto, mas onde a dissolução estiver a ponto de acontecer, com suficientes advertências de sua iminência, esse é o momento de se enviar orações sérias por ajuda. Assim, você verá claramente que os trabalhos da Igreja na hora do enterro, da forma como se apresentam, tanto no tempo que levam quanto no conteúdo espiritual, são principalmente muito tardios para serem de qualquer valor espiritual prático à pessoa querida.

Se lembrar, então, destas poucas observações que discutimos nos trabalhos dos enterros, verá claramente quão distante está a Ortodoxia de qualquer conhecimento sobre as verdades espirituais.

Deveria mencionar que sob a designação de trabalhos de enterro incluo tudo aquilo que acontece, tanto na Igreja quanto no local do enterro.

Quantas, de todas as orações, são compreendidas pelos que estão orando, ou deveriam estar? Palavras calcadas em frases estranhas que parecem não ter qualquer aplicação, direta ou indireta, para o assunto em questão, exceto uma – garantidamente fazem as coisas bem piores aos que choram, pelos sentimentos sombrios e desesperados que carregam em si.

Para que uma prece tenha valia, tem que haver força e direcionamento por trás dela. Um murmurar desinteressado e o resmungar de alguma fórmula de reza é totalmente inútil na terra, também não tem qualquer proveito nos céus. Além disso, quando as palavras não carregam em si nenhum significado àquele que as recita indiferente a elas, já temos aí um caso ruim de completa desesperança.

Orações que incorporam apelos que estão em oposição direta a leis espirituais são semelhantemente ineficazes. De que serve clamar contra uma lei natural? Alguém em sã consciência rezaria para que a lei de gravidade pudesse ser revogada, ou qualificada de outro modo, ou dispensada completamente? Em caso semelhante estão todos esses argumentos pedindo clemência pelos que se foram. Recorde-se do que lhe contei sobre o assunto da 'misericórdia' de Deus.

Considerado como um todo, o tema principal que traspassa as orações durante os serviços de enterro é o da incerteza, da desesperança. A Igreja está completamente às escuras relativamente às condições da 'vida depois da morte': não sabe nada, literalmente. As orações claramente revelam essa ignorância.

Eu lhe pediria que se lembrasse bem do que há pouco mencionei, relativamente a orações para a pessoa que se foi: como devem ser diretas ao ponto, pedindo ajuda em termos claros; em termos, explico-me, que sejam completamente compreendidos por todas as pessoas que as pronunciam.

Agora vamos proceder a um exame mais íntimo do assunto. Aqui, como exemplo, está uma parte de uma oração usada nos trabalhos nos enterros: (Salmos, 130, 7)

Das profundidades eu clamei ao Senhor, Ó Deus; Deus, ouve a minha voz.

Mantém Teus ouvidos atentos à voz de minha súplica.

Se Tu, Ó Deus, apagares a marca das iniquidades; quem será contra?

Pois no Senhor há perdão misericordioso: e por causa de Tua Lei esperei pelo Senhor, Ó Deus.

Desde a alvorada até mesmo até a noite, que Israel creia em Deus.

Porque em Deus há clemência: e com Ele, redenção plena.

E Ele resgatará Israel de todas suas iniquidades.

Descanso eterno dá a ele, Ó Deus. E permite que a luz perpétua brilhe sobre ele.

Você, meu amigo, consegue detectar uma palavra que acredita, honesta e verdadeiramente, que seja útil a um companheiro mortal que tenha deixado o plano terreno para ir a uma região qualquer do mundo espiritual? Estou seguro que não.

Há uma — apenas uma — que possivelmente poderia ter algum pequeno uso: —'Permite que a luz perpétua brilhe sobre ele'. Esse é o único caso vislumbre de senso nessa recitação perfeitamente inepta. Que uso terreno poderia ter a introdução de referências a Israel em qualquer oração por uma pessoa que necessita de ajuda espiritual? A maioria não tem nem a mais remota noção do que Israel tem a ver com a dissolução do seu amigo ou parente. Aos que lamentam porque perderam um ente querido, a Igreja se destaca magnificamente e lhes oferece orações sobre Israel. E o que se foi? Ele tem algo, de qualquer forma, a ver com Israel?

Meus amigos entenderão que estou abordando este salmo-oração somente sob o ponto de vista prático no assunto em questão, isto é, ajudar uma alma em sua chegada aos planos espirituais.

No argumento do *descanso eterno*, já fiz em outro lugar várias observações. Toda a concepção que ele engloba é outro exemplo fulgurante do afastamento das Igrejas de realidades e verdades espirituais.

Este salmo, que foi tratado como uma oração, é todo ele frigidamente formal. Sua linguagem não tem nenhuma aplicação a qualquer um que seja chamado para dizê-lo, tanto do seu próprio lado quanto do outro. É sombrio e triste, e garantidamente aprofunda a depressão já instalada naqueles que pranteiam.

A Morte, declara a Igreja, é assunto atemorizante e terrível. A alma volta a seu Fabricante para ser julgada, e nenhum homem na terra sabe qual será o destino da pessoa passada. Não é então hora de outros pensamentos e expressões que não sejam os mais horrivelmente solenes. Faria um mundo de diferença ter o real conhecimento espiritual nestas recitações lúgubres todas!

Outro salmo também é apresentado, o qual foi convertido semelhantemente em uma oração, e é conhecido sob seu nome familiar de *Miserere*. (NT: Salmos, 51, 10)

Começa com estas palavras: *Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a magnitude das tuas misericórdias, apaga as minhas iniquidades*. Continua ao longo dele na *primeira pessoa*, e o tema principal segue quase nas mesmas linhas que o indicado nos dois versos que há pouco dispus a você. Agora, isto é apresentado como sendo uma oração por uma alma que se foi, mas a pessoa que recita isto está pleiteando inequivocamente *para ele mesmo*. Temos que perguntar novamente, de que serve, então, à alma que se foi? Um clamor desesperado, em todo caso, tendo em vista as falsidades com as quais a oração está envolta.

A Ortodoxia não pode oferecer nada a seus membros, apenas a *clemência* de Deus. A que estado lamentável, na verdade, a Ortodoxia se reduz.

Então, pedir que Deus apague as iniquidades da pessoa. Se Deus fizesse isto, o que haveria de justiça, para depois no salmo o indivíduo que lê esta oração promete que a língua dele 'exaltará Tua justiça'? Onde está a justiça se uma iniquidade é destruída?

Mas seguramente temos o ápice absoluto do pleitear insensato quando, mais adiante, estas palavras acontecem: *Favorece, Ó Deus, por Tua boa Vontade com Sião, para que as paredes de Jerusalém possam ser construídas* (Salmos, 51, 18) Estas são orações, meu caro amigo, por uma alma que se foi do plano terreno, por sua dissolução, ao mundo espiritual, e provavelmente esteve necessitando de ajuda e orientação de natureza seguramente prática. A ineficácia de tais orações é dupla: pelo seu conteúdo não ajudam o 'morto', e são recitadas dias depois que aquela pessoa se foi do mundo terreno para o mundo espiritual.

Deixe-me contar-lhe minhas próprias experiências nesta ocasião. Minha passagem foi, sob todos os aspectos, monótona e perfeitamente direta. Durante os últimos momentos que fiquei na terra, e quando ficou óbvio que eu estava 'morrendo', os que estavam presentes começaram a fazer orações por mim. Não posso dizer que fiquei consciente de qualquer reação espiritual em consequência dos seus esforços, mas isso é um pouco surpreendente por mais de uma razão. As orações deles por mim eram do tipo que já citei a você. Verdadeiramente posso dizer que eu não estava nem um pouco interessado em Israel ou Sião, tanto no sentido religioso quanto no poético que essas duas palavras foram empregadas.

Quando finalmente tinha deixado meu corpo físico pela 'morte' e me levantei, lá no mesmo quarto em que meus amigos tinham testemunhado minha transição, o que eu precisava – por causa de minha ignorância - eram instruções claras, simples, e indubitáveis sobre o que ia acontecer em seguida. Aquela ajuda era para o futuro imediato, mas ela não veio por causa das orações que estavam sendo feitas. Realmente, pela própria natureza delas, nem poderia.

Um velho amigo e colega, chamado Edwin, veio em minha ajuda, e se apresentou a mim naquele quarto. Ele assegurou-me que não viera em resposta a qualquer oração que estivesse sendo oferecida. Na realidade, afirmou que não havia nada em qualquer uma delas que o trouxesse, ou que o enviasse, em meu socorro. Veio porque soube de minha transição pendente através da organização perfeita que existe no mundo espiritual. Então, soube que minha dissolução era iminente algum tempo antes que os da terra tivessem a mais leve sugestão disto. Quando o momento preciso veio, foi até lá me cumprimentar e me ajudar, assim que a ajuda foi urgentemente necessária.

Depois de um momento ou dois de conversa, segui minha viagem para estes reinos, sob o cuidado hábil de meu velho amigo. Eu já lhe contei a maior parte do que aconteceu em minha chegada aqui. Na realidade, minhas pequenas aventuras com Edwin durante minha viagem de descobertas nestes reinos foram o assunto da minha primeira quebra de silêncio para a terra desde que eu saí de lá.

A conselho de Edwin, fiz um breve descanso antes de começar minhas viagens. Enquanto eu estava nestes passeios realmente encantadores, a Igreja na terra estava executando um réquiem dos mais solenes para o repouso de minha alma!

Toda a reputação que eu havia alcançado, tanto como o pastor quanto como escritor, as autoridades eclesiásticas consideraram suficientemente proeminente para que minhas exéquias devessem ser as melhores que pudessem providenciar.

Não é de se estranhar que quanto mais alta a posição material – e eclesiástica – que se possa ter na terra, tanto maior será o réquiem ou serviço memorial quando chegar a hora. Igualmente, quanto mais acharem que somos os melhores na terra, quero dizer espiritualmente melhores, com proeminência material suficiente, mais elaborado será o serviço do enterro e seus ritos. Presumivelmente, se fosse possível apontar a qualquer um como santo verdadeiro, indisputável, seguramente aquela pessoa teria exéquias como a terra jamais testemunhara!

Logicamente, este indivíduo seria uma das pessoas na terra que menos necessitaria da poderosa 'intercessão' que a Igreja se julga capaz de fazer! A pobre alma que mais precisa disto, que está na maior necessidade de ajuda espiritual porque a vida dele na terra não veio dentro de mil ligações ao 'grande' e 'ilustre' personagem para quem fizeram tal cerimonial solene e enfeitado, a essa pobre alma *normalmente* impingem alguns palavras murmuradas de forma superficial, como se a pessoa não fosse de importância — o que, realmente, não é, aos olhos das autoridades. Na realidade, deixam que parta por si mesmo, pelo que concerne ao interesse da Igreja.

De que forma podemos ter, então, frases como 'dar ao homem um enterro cristão'? Há certas circunstâncias onde este chamado enterro cristão será negado a alguém. O seu corpo físico, em tais casos, cairá enterrado sem cerimônias, enquanto a Igreja manterá um severo silêncio espiritual. Porém, o mundo espiritual pensa diferentemente sobre isso, muito diferentemente, e em nenhum caso a alma será deixada aos próprios cuidados.

A ajuda vem sempre, abundante. Dependerá, naturalmente, da pessoa interessada: se a ajuda será aceita, deliberadamente rejeitada, ou somente ignorada. Depende completamente dele. Nós não forçamos, não podemos forçar nossos serviços a gente que não esteja disposto para recebê-lo.

É aos grandes da terra que são destinados os ritos de enterro mais imponentes; quanto maior o personagem, melhores os ritos. Mas fora de todo o esplendor religioso, este grande homem pode facilmente se descobrir numa posição no mundo espiritual bem fora do alcance do cerimonial ritualista que o acompanhou em sua sepultura. Pensa-se bem freqüentemente que grandeza material conota também grandeza espiritual.

Claro, podem argumentar que se o grande não for ao final das contas tão grande na verdade, então as exéquias elaboradas e impressionantes, o réquiem solene, são bem necessárias no caso dele. Sobre isso, em decorrência, poder-se-ia discutir mais adiante que, como o estado espiritual de alguém não é determinável no lado terrestre da vida, então todas as pessoas deveriam ter tratamento igual ao pedirem seus serviços de enterro, e que o serviço deveria ser, em todos os casos, o mais solene, devoto e inclusivo que seja possível às mentes eclesiásticas inventarem. Apenas isso.

Mas o que se quer, em todos os casos, é uma reconstrução completa de todo o serviço de enterro da forma como são executados por quaisquer denominações. As observâncias ritualistas que acompanham alguns deles são mera exibição exterior. Eles são imensamente impressionantes aos observadores. Se não fizerem nada demais, aparecem como um acréscimo de prestígio da Igreja. O povo sincero é enganado por tal exibição; outros têm sua

aflição aumentada pela solenidade horrorosa dos vestuários pretos, e das luzes, e da música lúgubre. 'Morte' e 'Julgamento' são vigorosamente lembrados por todos os presentes.

Mesmo enquanto tal esplendor religioso estava sendo destinado a mim, executado com todo o peso do poder da Igreja por ninguém menos que um príncipe da Igreja e com apoio de um coral completo, até mesmo enquanto isto ia acontecendo, *eu já estava nos reinos espirituais*.

Eu estava experimentando a emoção de minha vida. Na companhia cordial de meu velho amigo, Edwin, estavam se revelando a mim as glórias destes reinos. Em linguagem simples, clara, *eu estava desfrutando de todo o coração*, como nunca tinha desfrutado antes! E o que estava fazendo a Igreja, literalmente, por mim na terra? A Igreja, através de um de seus príncipes, estava rezando: *Do portão de inferno, despache a alma dele, ó Deus! — A porta inferi, erue Domine animam ejus*.

Devido a minha reputação como pastor e escritor, e o título eclesiástico ao qual eu tinha sido elevado, sugerir-se que eu poderia precisar ser despachado do portão de inferno não foi uma moção muito cortês, para se dizer o menos.

A resposta a isso, quando se sentissem maldosamente incentivados a fazerem qualquer questionamento ao assunto, seria que é impossível se saber a posição espiritual de qualquer indivíduo, e que é então melhor estar no lado seguro presumindo o pior, rezando contra o pior, e esperando pelo melhor. Em todo caso, as palavras fazem parte da ordem do serviço; não pode haver nenhuma divergência quanto a isto; não pode haver nenhuma discriminação individual ou favoritismo.

Sobre o efeito que tudo isso fez sobre mim, só posso dizer que não percebi efeito qualquer, nada! Enquanto meu corpo físico estava sendo enterrado com solenidade — sob o julgamento que se faz na terra — eu estava em algum lugar nestes reinos, não posso declarar precisamente onde, completamente inconsciente do que estava acontecendo na terra a meu lado.

Na companhia de Edwin, que estava agindo como meu cicerone, eu podia estar contemplando encantado alguma paisagem magnífica, admirando as flores divinas pela centésima vez, ou conversando com alguns amigos recém-conhecidos, ou sendo apresentado a um ou outro dos maravilhosos setores de aprendizado. Eu poderia estar fazendo qualquer uma destas coisas agradáveis e tão encantadoras, enquanto o alto dignitário da Igreja estava rezando pedindo que minha alma pudesse ser despachada do portão do inferno.

Aquele mesmo príncipe da Igreja está agora conosco nestes reinos. Ele é meu bom amigo. Muitas são as ocasiões em que discutimos este mesmo assunto. Ele me perguntou, 'O que estava fazendo enquanto eu estava executando todos esses ritos para você?' E lhe respondi da mesma maneira que expus aqui para você. Ele se divertiu muito — e não poderia ser de outra forma. Ele pensava, disse, que estava me prestando um grande serviço com todo o poder da intercessão da Igreja. Ele sentia isso honestamente, porque ficou genuinamente aflito com a minha partida da terra. Como pode ver claramente agora, teria sido de grande benefício a mim se as palavras do serviço possuíssem alguma aplicação prática no propósito real em questão, e se essas palavras tivessem sido ditas no momento de meu transcurso, e não dias depois.

Há outra oração em particular que também fazem para o 'repouso de minha alma'. Faz parte do serviço habitual, mas é, acho, a mais aterrorizante de todas as orações. Aqui lhe mostro, para que possa julgar por si mesmo. Notará que a pessoa que faz esta oração está pleiteando para ele uma vez mais, enquanto deveria estar rezando para o 'falecido':

Livre-me, ó Deus, da morte perpétua naquele dia terrível, quando serão movidos os céus e a terra: quando Tu vieres julgar o mundo através do fogo. Eu tremo de medo e arrepio, esperando o dia da prestação de contas e da ira que está por vir, quando serão movidos os céus e a terra. Aquele dia, o dia da ira, de calamidade, de miséria, que grandioso dia de amargo, quando Tu vieres para julgar o mundo através do fogo.

Há muita razão para se acreditar que qualquer um tremeria de medo, e se arrepriaria, diante de uma proposição tão terrificante. Realmente, aqui há uma arma feita de palavras alarmantes, com seu fio bem afiado, para amedrontar gente honesta, e enchê-los de depressão e desespero.

Como os antigos clérigos se encantavam em enfatizar o fim do mundo! O fim do mundo terreno era o 'último dia'. Aí então Deus julgaria todos os homens; uma separação entre ovelhas e cabritos. O céu ou o inferno, para toda a eternidade, esse era o destino de toda a humanidade — e é, claro. O dia da ira, da calamidade, da miséria - e o resto do catálogo terrível de todos os horrores.

Aqui temos novamente a ira de Deus trazida à vida do homem, a mesma ideia pagã que foi passada através dos tempos, transferida de uma pluralidade de deuses ao Deus Único. Poderia haver calúnia mais infame ao Pai do universo, em quem a ira é uma impossibilidade absoluta, completa e fantástica?

O mundo seria julgado pelo fogo, de acordo com a invenção iluminada desta oração escolhida. Por que através de fogo? Concebivelmente, esses clérigos consideraram o fogo como um elemento misterioso, no qual eles tentaram descobrir a 'mão de Deus', um Deus purgador, purificador, e aniquilador irresistível.

Certo é que o fogo pode infligir as dores e as torturas mais cruciantes. E consoante com as concepções ultrajantes dos clérigos sobre o Pai, eles deveriam predizer que Ele vai infligir, no 'último dia', em julgamento de todos os homens que tiverem 'pecados', a mais devastadora de todas as formas de punição — queimar no fogo, de uma forma ou outra, um fogo que queima, mas não consome suas vítimas.

Que oração agradável é essa, que se coloca nas bocas das pessoas que estão lamentando o transcurso de um ser amado. Que conforto tem para lhes trazer; que serviço inestimável deve prestar a ele ou a ela que passou aos reinos espirituais...

Quando penso nos vários detalhes de meu próprio transcurso, e recorro minhas experiências ao testemunhar a chegada de tanta, tanta gente a estas terras, quase me sinto subjugado pela divergência enorme entre os ensinamentos de uma Igreja que prepara orações como esta e a real verdade da vida espiritual. Se quer saber, meu amigo, nós condenamos completamente efusões malévolas e danosas como esta, ainda mais porque são empregadas em certas ocasiões, isto é, nos serviços de enterro, quando não podem fazer nada de bom por um lado, e causam muito dano no outro. Nenhuma alma recebe nem uma só faísca de benefício derivada de tais orações ultrajantes. Elas podem causar medo e dor infinitos às pessoas sensíveis que estão chorando.

Um momento atrás eu mencionei um enterro cristão. Uma das condições necessárias para tal enterro é que aconteça dentro de 'chão consagrado'. Isto significa que o terreno deveria ser 'abençoado', teologicamente falando, por um ministro da Igreja antes que o enterro acontecesse. Há uma oração, usada para isso, que claramente reflete as noções brutas com que a Ortodoxia envolve as funções, propósitos, e organizações do mundo espiritual. Sugere até mesmo, pelo pedido específico que faz, que a Ortodoxia *sabe* como pelo menos alguns de nós passamos nossas vidas nestas terras. Aqui está a primeira parte de uma oração usada para 'abençoar' uma sepultura:

Ó Deus, em cuja clemência as almas dos que tem fé encontram descanso, digne-Se em abençoar esta sepultura, e dispense Teu anjo santo para vigiá-la...

Que recompensa divina é essa, um 'anjo' santo passar todo o seu tempo pela eternidade vigiando uma sepultura! Poderia se perguntar mais uma coisa, contra o quê o anjo vai vigiar a sepultura?

Novamente perceberá a maior importância que é dada ao corpo físico depois que toda vida tenha saído dele, quando está literalmente *morto*. Como tal, *não tem nenhuma consequência ou significação*. A pessoa real que uma vez o possuiu se foi. Como é assim, torna-se perfeitamente inútil. Nada pode ser feito com ele, exceto dispô-lo de alguma forma, finalmente. Tem até menos valor que um artigo de vestuário refugado que uma vez cobriu seu corpo físico. Não tem nenhum valor espiritual; não é 'sagrado' nem 'santo'. O seu dono anterior abandonou-o para todo o sempre pela ação de uma lei natural. A seu devido tempo, tornar-se-á uma massa desfeita, mal-cheirosa e em estado de putrefação. É diante disto que um 'anjo' santo, um morador destes planos, deve montar guarda!

Eu pediria sua indulgência por apresentar este assunto em condições desagradáveis como estas, mas estou colocando a verdade diante de você, do modo mais franco possível.

Talvez alguém me pergunte: 'Por que você está usando tantas palavras, e também tanto tempo e energia, no que é, afinal de contas, um assunto de muito pouca conta? Serviços de enterro têm acontecido por séculos. Em outras palavras, que importa? Há coisas bem mais importantes!

Mas, meu querido amigo, importa, e importa muito realmente. Havendo coisas mais importantes, o que poderia ser de maior importância que sua chegada, e a chegada de milhões de outras pessoas, ao mundo espiritual?

Já lhe falei sobre este assunto antes, mas você não contestará, tenho certeza, se eu lhe recordar o fato que uma parte considerável de meu trabalho no mundo espiritual consiste, com outros, em ajudar as pessoas que são recém-chegadas recentemente nestes reinos. Falo com você, então, com experiência pessoal, experiência adquirida, para ser até mesmo mais preciso, ao testemunhar os que chegam aqui em estado de desesperada confusão, em enorme quantidade.

Eles não sabem de nada do que lhes aconteceu, ou mesmo sabendo ou adivinhando o que já aconteceu, ficam em uma condição de paralisia por causa do medo daquilo do que vai acontecer em seguida. A eles foi ensinado pelos seus preceptores religiosos na terra tudo sobre os supostos horrores do Julgamento ou do Dia do Julgamento.

O pouco que acreditam é que uma provação assustadora, de um tipo não especificado e de resultado desconhecido, deverá acontecer, mais cedo ou mais tarde. É nosso trabalho acalmar esta gente infeliz e atormentada pelos seus medos, e tentar trazer paz e tranqüilidade às suas mentes torturadas. Temos que negar, como a pior de todas as falsificações, as coisas más que foram atribuídas ao Pai do universo; entre as principais, temos que negar que jamais qualquer homem já foi, ou está sendo ou será julgado pelo Pai, e afirmar com toda a ênfase possível que Ele não baniu este poder ou direito de assim fazer com qualquer pessoa.

Temos que contar a esta gente que, por causa de sua vida na terra, obtiveram para si alguma região ou lugar de domicílio no mundo espiritual, no qual eles encontrarão, a princípio, a si mesmos, e lá se encontrarão porque é a região com a qual estão em sintonia perfeita.

Nós temos que lhes falar que nenhuma pessoa é *obrigada* permanecer onde está, mas que, trabalhando, pode progredir em sua condição para frente e para cima, e que há que *nenhum limite conhecido* às alturas para as quais pode subir espiritualmente, se ele escolher e se determinar a fazer. Avanço espiritual é para todos, igual e semelhantemente; não há coisas como privilégios ou favoritismos, nenhuma corrupção de autoridade e ganhar vantagem sobre o próximo. A progressão espiritual vem por mérito, e só através do mérito. Não há nenhum adiantamento privilegiado.

Em resumo, entre muitas outras coisas, isso é o que nós temos que falar aos nossos amigos angustiados por terem sido abominavelmente enganados pela Ortodoxia na terra. Temos que gastar nossas energias consertando os ensinamentos espúrios da Igreja, se é que tais desvios brutais da verdade podem ser dignificados pelo nome de ensinamentos. Nós temos que endireitar os erros da Igreja.

Em vez de enviar seus “fiéis” ao mundo espiritual adequadamente equipados e fortalecidos com conhecimento correto, com fatos, com farta informação sobre as condições de vida nestes planos, eles chegam num estado lamentável de completa ignorância. Não pense que estou exagerando sobre o estado mental das pessoas assim que chegam, porque não estou. Por mais brava a ação da qual um homem ou uma mulher possa ser capaz de enfrentar na terra, ele ou ela são colocados frente a frente com essa realidade terrível (assim ambos acreditam que seja) e isso é o bastante para fazer tremer o coração mais duro.

Estes, claro, são medos mentais, e o maior de todos — o medo do desconhecido. Até que possamos esclarecê-los, esse medo está presente. Esse é o porquê, meus queridos amigos, de desqualificarmos qualquer coisa que a Igreja ensina e que esteja em contradição e oposição direta à verdade, como a conhecemos por aqui. Pelo menos entre estas falsidades devem ser incluídas as invenções viciosas que estão contidas nos serviços de enterro como eu exemplifiquei.

Está em oposição direta à expansão do universo que as mentes humanas devam ser desencaminhadas e enganadas por mentiras monstruosas como essas que estão contidas, implicitamente, nas orações que citei. A Igreja fracassa diante do homem nos últimos momentos da vida dele na terra, da mesma maneira que fracassou muito e freqüentemente antes da vida dele terminar. Ela fracassa até mesmo depois que ele partiu da terra, porque não sabe rezar por ele depois que ele partiu.

É incapaz, por sua ignorância colossal, de ofertar uma sílaba de ajuda também para as pessoas supostamente mortas, as quais estão, na realidade, muito vivas no mundo espiritual, nem para esses que ficam na terra lamentando. A Igreja tem uma concepção tão grandiosa de nossas vidas e das condições de vida nestes planos que verdadeiramente acredita que 'santos anjos' são designados pelo Pai para vigiar sepulturas onde há as montanhas de pecados.

A Igreja concentra uma imensa energia em um cadáver inútil, coloca-o em um caixão, reza sobre ele, coloca velas acesas ao seu redor, até mesmo abençoa-o, enquanto a alma daquela pessoa que se foi fica chamando em vão pela Igreja, apelando por uma ajuda real de que tanto necessita. Mas a Igreja está, enquanto isso, bem longe também e preocupada com seus ritos e cerimônias de enterro, centrando toda sua atenção no corpo morto.

A Ortodoxia vive uma vida nebulosa na especulação sobre possibilidades e probabilidades espirituais — e a maioria deles, na verdade, estão bem longe. Nós no mundo espiritual vivemos uma vida de realidade e verdade absolutas.

Essas, então, são as minhas razões — respondendo àquela pergunta anterior — para dedicar tantas palavras a este assunto em particular dos serviços nos enterros, pois é o evento culminante de uma vida terrestre; uma ocasião em que a Igreja, se estivesse com a verdade, poderia trazer tanta ajuda efetiva à humanidade.

Muito bem, ouço contestações; você não fez críticas francas a este serviço da Igreja; você, na realidade, demoliu-o como sendo inútil. Qual oração poria em seu lugar? Você foi destrutivo. Agora seja construtivo.

Precisamente. Deixe-me ser assim, de todo jeito. Mas em tudo que faço, não é minha intenção detalhar uma forma nova para o serviço de enterro. Vou me aventurar em apresentar uma sugestão ou duas, até que grandes esclarecimentos venham sobre a terra realmente, é tudo o que posso fazer.

Aprecie o fato de que, para um serviço de enterro ser como deveria ser, isso é, baseado na luz das verdades espirituais, as pessoas na terra deveriam ter o conhecimento dessas verdades espirituais. A verdade afastará o que é falso.

Nenhuma pessoa ou organização com o conhecimento das verdades do mundo espiritual, das condições de vida daqui, poderia dar sanção plena à forma dos serviços de enterro como são executados no momento na terra por denominações religiosas várias. As poucas sugestões que lhe faço vêm do ponto de vista de que a base de qualquer reforma no serviço dos enterros deve ser as verdades espirituais.

Além disso, eu não daria uma fórmula qualquer de orações, mas somente esboçaria uma base onde construir. O que tenho que dizer pode ser considerado como sendo de tempo curto, mas posso assegurar a meus amigos que se alguma reforma dessa ordem nos enterros for adotada, como lhes proporei, fará uma enorme diferença à pessoa interessada, e uma diferença equivalente aqui para nós, cujas vidas no mundo espiritual estão bem ligadas com a angústia de tantos recém-chegados aqui.

Isto é o que vou sugerir — e explico que esta proposição de reforma vem de um grande grupo de pessoas no mundo espiritual que estavam, ou estão, ativamente interessados nisto.

Em primeiro lugar, pode-se dar uma ajuda muito valiosa a alguém quando do momento de partida do plano terreno. Esse é o momento em que o poder dos altos planos é realmente necessário. Com este grande acréscimo de força que vem assim, oportunamente, podemos fazer maravilhas com a alma que está entrando para o outro mundo.

Assumindo-se as condições normais de transição, onde o indivíduo é assistido de perto por amigos ou parentes, e onde talvez também possa estar presente um ministro da Igreja, então deveriam ser feitas orações pedindo ajuda daqueles do mundo espiritual que empreendem tal trabalho de levar os que partem sob seus cuidados e orientação, e que aquele poder lhes seja concedido para ajudar em seus esforços.

Naturalmente, se o mundo estivesse tão iluminado como estou supondo que agora eu esteja, é razoável assumir que os que partem também teriam um pouco de conhecimento da verdade. Uma oração *breve* e sincera, corretamente dirigida, trará positivamente tudo aquilo que é pedido. Da forma como as coisas são, uma oração como essa, embora

sua récita ocupe apenas cinco minutos em tempo terrestre, ou até mesmo menos, seria produtiva e de resultados imediatos, enquanto que o réquiem elaborado não é produtivo de forma alguma.

Se meus amigos desejassem saber o que seria uma deliberação perfeita, eu diria isto: imediatamente após a morte do corpo físico acontecer, o corpo deveria ser removido para um lugar próprio, arrumado à parte para o propósito, longe de habitações particulares de qualquer tipo, e onde não seria mais visto por qualquer parente ou amigo. Lá ele esperaria por todas as formalidades necessárias a serem cumpridas, depois disto seria higienicamente disposto pelos que são contratados para fazerem este trabalho. Inquestionavelmente, só há um método de disposição que se recomenda a todos nós aqui, no mundo espiritual, quero dizer, a cremação. Deixe as Igrejas extinguirem os fogos do inferno que eles mantêm tão fantasticamente iluminadas, e usem chamas reais para um propósito excelente.

Aqui eu poderia lhe expor algumas observações sobre o assunto lugares de enterro. O enterro habitual solo abaixo é uma prática ruim, pois seguramente, como acontece, a sepultura sempre será uma atração a muitas pessoas; torna-se o foco de pensamentos e sentimentos. As pessoas gastam tempo e devoção tomando conta de um montículo de terra, a lápide que é posta, e assim por diante. São energias perdidas, pois se os pensamentos que acompanham essas atenções fizessem algum efeito na pessoa passada, tal efeito seria ruim, como antes mostrei ser o caso.

Com a completa e absoluta eliminação do corpo físico de forma que *nada* permaneça, este lugar de reunião tão melancólico, o cemitério, também poderia ser eliminado. Pondere no que poderia ser feito com os muitos acres de terreno usados como cemitérios hoje.

Se sentissem que algum lugar seria desejável como memorial a esses, no distrito em que ‘morreram’, um local onde se pudesse fazer um retiro e buscar paz e se acalmar, não seria melhor jardins agradáveis adequadamente planejados e organizados? O que seria melhor para o propósito que os locais dos cemitérios existentes? Se fossem ajardinados para se transformarem em paraísos para o repouso da dor, teriam imensuravelmente melhor uso que os dolorosos locais de enterro atuais.

A mesma coisa se aplica aos cemitérios que cercam igrejas. Também estes, se fossem abolidos, e se o solo fosse arrumado graciosamente com flores e outros vegetais emoldurando a igreja, como seja, em cor e plantas, quanto aumentaria a beleza da própria estrutura, e isso serviria semelhantemente ao propósito de ser útil.

Mas em ambos os casos, tanto nos cemitérios comuns como nos cemitérios adjacente a igrejas, não deveria haver nenhuma sugestão de tumbas ou lápides. Minha experiência destes adros dizia que muitos deles viram uma mata selvagem, uma profusão de ervas daninhas, um local tristemente negligenciado e um incômodo ao olhar.

Pode-se dizer, em oposição a que fossem abolidos os locais de enterro, que as pessoas ainda achariam um foco para a sua aflição; que se não levarem a sua aflição para o cemitério, encontrando desta forma uma vazão ao cuidarem de uma sepultura, reteriam sua aflição em suas casas. Na realidade, não teriam nenhuma vazão pela atenção que algumas mentes dão aos cuidados de uma sepultura.

Só há um antídoto, ou melhor, *cura*, para tais mentes, que é o conhecimento da verdade. Quando a verdade se tornar completamente difundida por todo o mundo, então os cemitérios de todos os tipos desaparecerão automaticamente, pois *ninguém* que está em comunicação direta conosco aqui e que desfruta a felicidade da conversação continuada com um parente ou amigo, se preocupa em pensar locais como cemitérios. Para esses, os cemitérios não representam nada para os seus entes queridos que partiram.

Mas eles sabem que são lugares ruins para qualquer um visitar, a menos que a pessoa tenha o conhecimento da verdade e assim veja tal local sob a sua verdadeira luz. Para os que pranteiam, são os piores locais que se pode imaginar.

Nossos amigos na terra que nos conhecem e falam conosco não lidam com os corpos. Para esclarecer o assunto, meu amigo, você que está lendo estas palavras, como poderia pensar em mim em termos de um cadáver deitado sob o solo, quando estou *vivo* e falando com você através destes escritos. A pura ideia já é absurda.

Sobre qualquer forma em particular de serviço de enterro, no sentido exato, isto é, falando do ponto de vista de nós daqui do mundo espiritual que uma vez estivemos na terra e que 'morremos', não há nenhuma necessidade de qualquer espécie de orações a serem ditas diante de qualquer cadáver. Elas não podem afetá-lo de maneira nenhuma porque é completamente inanimado. É como rezar para uma pedra ou um tijolo.

Na realidade o enterro poderia ser levado a cabo sem qualquer formalidade religiosa — e nenhum dano aconteceria, nem seria uma falha. As orações deveriam ser concentradas na pessoa viva, e não no seu corpo inanimado. Por isso seria melhor não ter o 'corpo presente' na igreja em hora alguma. Inevitavelmente, as mentes são levadas a enfatizar o que está em baixo da mortalha ou das outras cortinas que lhe servem como coberta.

Tudo isso agrava a tristeza. Se a dor é genuína e não espúria, quer dizer, se a tristeza é sentida pelo que se foi, e o que lamenta não está sentindo dor por ele mesmo, então esse sentimento localizará a pessoa que partiu e causará angústia, aumentando dessa forma nossas dificuldades por aqui.

A essência das orações não deveria conter nada que não seja baseado em verdades espirituais. A pessoa poderia enumerar assuntos que deveriam ser resolvida e determinadamente evitados como sendo falsos. Por exemplo: evitar qualquer referência a ser julgado ou ao Dia de Julgamento, ao 'dia final', ao descanso eterno, à ressurreição, a pleitear por clemência pelo que se foi, mencionando palavras como *esse dia virá para o mesmo que ora*; nem fazer qualquer referência à ira de Deus, ao portão do inferno... O catálogo de itens quase que poderia se estender infundamente!

Mas falei o suficiente e alguém poderia me repreender ao escolher um assunto tão distante da alegria. Claro que não é alegre, porque as Igrejas fizeram deste assunto de 'morte' um monstro. Todo mundo sente tristeza na partida de um amigo, mas essa tristeza é multiplicada várias vezes pela ignorância dos fatos da vida espiritual. A Ortodoxia aumentou a angústia daqueles que pranteiam por causa de seus envolvimento com o fogo do inferno e o Dia de Julgamento, ressurreições míticas e compensações vicárias.

É uma de minhas ambições tentar banir alguma tristeza e sentimentos de desesperança na hora da perda e, no seu lugar, empossar a verdade e boas novas.

O Credo

Há uma passagem nos Bíblia que diz: “Qual é o proveito se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? *Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?* Mais adiante está escrito que também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. (NT: Tiago, 2, 14 e 17)

Surge naturalmente a questão: fé em quê ou em quem? Fé na existência de Deus, talvez? Ou fé em algum ramo particular de religião?

Embora a Igreja enfatize que fé sem obras é uma situação perigosa para qualquer homem, contudo declaram sem hesitar que trabalhar sem fé é completamente fatal. Isso não só significa fé na existência de Deus, mas uma convicção em todas as doutrinas como relato de várias cláusulas dos credos.

Nestes escritos, anteriormente já falei com você um pouco sobre o assunto da fé, mas aqui temos fé de outro tipo. A fé Cristã consiste em um corpo de crenças colocadas numa sucessão de cláusulas sob o título de credo. Um credo seria descrito como várias convicções mantidas por uma sociedade, às quais todos têm que se submeter se desejam se tornar e permanecer como membros daquela sociedade. No nosso caso presente, a sociedade é religiosa, isto é, a Igreja.

Os credos da Igreja são reivindicados como sendo compilados da Bíblia, com referência particular a algumas das declarações ou ensinamentos de Jesus.

Alguns dos credos são imensamente mais complexos que outros, mas todos contêm declarações que são impossíveis de serem explicados. Realmente, quando os teólogos tentam explicar em detalhes qualquer um dos credos, a explicação deles é apenas 'uma troca de ignorância por outra de outro tipo'. A Igreja inventou convicções bizarras, supostamente fundamentadas na Bíblia, e se precipitou em problemas insuperáveis em sua tentativa de esclarecê-los.

Na maioria dos escritos oficiais da Igreja, a maior pressão é colocada na fé, com ênfase adicional *na* fé. Sem ela, o homem fica praticamente condenado. A Ortodoxia negocia com a fé como se fosse um artigo. Fé é um passaporte ao céu.

O que cada homem pensa por si sobre a fé, da forma como ela é classificada nos credos? Qual é a atitude dele em relação a eles? Isso é para que cada indivíduo diga por si. Muitos vão contestar dizendo que o homem tem que ter algo em que acreditar, em que colocar sua esperança e confiança, tem que ter algo em que se 'agarrar'. Concordamos com isso profundamente, mas por que o homem não pode depositar sua esperança e confiar em fatos, e agarrar-se à verdade? Isso seria bem mais significativo que convicções mais sublimes.

Quantos homens podem entender as cláusulas várias dos credos? Se eles forem verdadeiramente honestos consigo mesmos, admitirão que realmente não entendem nem uma parte deles, nem as explicações oficiais os deixam mais sabedores. Ainda mais, são preparados para acreditar em algo que não podem compreender, cujo significado poderia ser qualquer coisa no meio de tudo que sabem.

Pelo menos um dos credos foi incorporado nos serviços gerais da Igreja, da qual forma parte importante. É recitado regularmente por muitas pessoas e por todas as partes do mundo. Em todos os sentidos é apenas serviço labial, o 'crente' entra em estado de sonolência espiritual. O livro de orações é somente meio de lembrá-los de certas palavras a serem ditas em uma certa ordem. Elas normalmente são tagareladas ou resmungadas. Quanto ao credo, não importa se termina apressado ou não, porque as palavras não significam nada nas mentes da maioria, apesar de repetirem as palavras 'eu creio'.

E a significação espiritual dos credos, a avaliação das verdades espirituais colocadas neles? A Fé do tipo que estamos discutindo agora é completamente ineficaz. Toda a fé do mundo, codificada em cem ou mais cláusulas, fazendo quaisquer reivindicações que seus compiladores possam achar justas que se façam, e recitada por milhões de pessoas sérias, sinceras, é impotente para fazer um cisco de diferença às verdades eternas do mundo espiritual, e não pode produzir uma fração de um grau de progresso espiritual ou avanço intelectual em qualquer pessoa. Não há nenhuma lei no mundo espiritual que pode ser alterada, qualificada ou modificada por qualquer fé que seja celebrada por qualquer pessoa na terra — nem no próprio mundo espiritual! A fé não pode alterar fatos.

As pessoas acreditarão, ou assim declararão, que de acordo com os termos do credo conhecido como o *credo dos Apóstolos*, Jesus desceu novamente ao inferno e voltou no terceiro dia. Será que essa gente parou para pelo menos pensar no que crê? Eles acreditariam nessas duas declarações da mesma forma que acreditam que o sol amanhã aparecerá? Eles não têm nenhuma evidência de que Jesus desceu ao inferno, mas dirão que a probabilidade do sol subir amanhã é tão forte que pode ser considerado sob todos os aspectos como uma certeza absoluta. A mesma convicção poderia ser aplicada à descida de Jesus ao inferno?

Opiniões teológicas dividem-se sobre qual é o destino de um homem que não tem nenhuma fé, usando a palavra em seu sentido religioso. Alguns dizem que sofrerá morte eterna.

É difícil de saber exatamente o que é morte eterna. No que concerne à vida do homem, não há coisas como morte eterna. O corpo físico é a única parte de homem que pode sofrer morte. Só neste sentido o termo tem qualquer significado. Uma vez que o corpo físico esteja morto, estará eternamente morto, pois nenhum poder na terra, ou nos reinos espirituais, pode trazer-lhe vida.

Claro, a Igreja não interpreta as palavras assim. Se o fizesse, teria o crédito por ter feito uma declaração profunda da verdade — grande raridade! Não, não é ao corpo físico que os teólogos estão se referindo, mas à alma de homem, a alma *imortal*. Assim, por um lado a alma é imortal, e, por outro lado, pode sofrer morte eterna!

Os teólogos declaram que o homem é capaz de 'perder sua alma', como se fosse uma posse da qual o homem pudesse se privar por causa de mau comportamento, ou porque tivesse desobedecido uma das leis peculiares da Igreja, ou porque provou não merecê-la.

A alma do homem não pode sofrer morte, eterna ou não, pois a alma do homem é imperecível.

Pode-se perguntar, 'O que é a alma de um homem'? Nós não precisamos nos preocupar com definições teológicas — especulações seria uma palavra melhor — mas aqui usarei a palavra para significar todas essas qualidades ou atributos que conjuntamente vão formar o que se vê manifestado na personalidade de um homem. A alma de um homem poderia ser descrita como a soma das suas experiências, indelevelmente registradas nas dobras de sua mente. Sua alma, meu amigo, é bem você, como você se conhece, com todos seus modos e predileções particulares, todas suas fantasias, seus gostos e repugnâncias, com todos seus pensamentos e convicções mais íntimas, suas virtudes.

Esse é o uso não-técnico que aqui faço da palavra *alma*, e o faço apenas pelos propósitos presentes. Vão surgir problemas ao se tentar explicar certas coisas pelas condições terrestres que existem dentro da gama de seu entendimento — e do meu próprio, pois se eu mesmo ainda não posso entender certas coisas, como poderia explicá-las a você tendo esperança de que as compreenda?

O corpo físico é a *única* parte do homem que é perecível. Todo o resto dele é imperecível. Por mais baixo que ele possa afundar espiritualmente, ainda assim não pode perecer. Ele pode permanecer nos seus baixios durante eternidades de tempo, contudo ainda vive. Não há nenhum poder, eclesiástico ou não, que possa tirar a vida de uma única pessoa que seja. Apesar das muitas leis horrorosas que a Igreja pôde introduzir, a violação de qualquer uma delas pode, nas mentes dos doutores da Igreja, trazer morte perpétua à alma, mas essas leis eclesiásticas não podem fazer uma só partícula de diferença. É verdade que alguns teólogos se referem à alma como sendo imortal, mas isso revela a confusão que existe por parte dos teólogos somente porque, faltando com a verdade, fazem especulações apressadas.

A Igreja reivindicou certos direitos sobre alma: moldou leis, puramente por sua própria autoridade, pelas quais o estado espiritual, até mesmo a localidade espiritual, de uma pessoa depois da morte é predeterminada. 'Se você morrer em estado de pecado mortal', diz uma Igreja com extremo dogmatismo, 'perecerá no inferno para toda a eternidade'. Os trovões pontificais da Igreja — desta em particular — não fazem nenhuma diferença nos fatos da vida espiritual. Nós ainda continuaremos nossa tarefa de ajudar as pessoas que chegam aqui em tão grande número e tantos deles em estado de 'pecado' mortal.

Eles não parecem nada piores por estarem nesta supostamente terrível condição! Se esta declaração em particular fosse diferente do lixo que é, as mais baixas regiões do mundo espiritual — claro que quero dizer das regiões trevosas — por agora estariam completamente lotadas de boa gente cujo único 'pecado' foi desobedecer alguma lei eclesiástica, insignificante ou regente. É uma pena que a Igreja se faz aparecer tão tola aos nossos olhos aqui.

O que a falta de fé tem a ver com a luz da verdade espiritual? Apenas isto: nada. Fé do tipo teológico não tem nenhuma significação em qualquer parte destes planos, do mais elevado e mais perfeito até o mais baixo e completamente imperfeito, dos reinos de pura luz até os reinos de pura escuridão.

Os escritores no Novo Testamento colocam uma não comprovada e improvável ênfase na fé. Em sentido exato, não é falta desses escritores. É o trabalho em tempos posteriores de muita gente que introduziu tanta interpolação na Bíblia, que o texto original ficou totalmente distorcido em algumas passagens, escandalosamente falso em outros.

A Fé não faz a menor diferença quanto ao domicílio de um homem neste mundo espiritual, nem a falta dela.

Muitos séculos atrás, certos povos orientais encaravam o sol como sendo a incorporação visível do Pai, representação d'Ele na terra. O sol banhou benevolmente a terra com luz e calor, e permitiu-lhes cultivar comida com o que sustentar os seus corpos físicos. O sol os ajudou a manterem-se vivos na terra. Eles não adoraram o sol, como muitos acham que fizeram, mas somente consideraram o sol simbolizando Deus. Foram, e ainda são,

chamados de adoradores de sol, e são encarados como os pagãos e idólatras do pior tipo. Não tinham nenhuma fé, como os teólogos de agora usam a palavra, contudo quando chegaram a estes planos não estavam nem um pouco piores espiritualmente por causa disto.

Uma Igreja afirma que tudo o que é necessário para a 'salvação' está contido na Bíblia. Na realidade, de acordo com os ensinamentos da mesma Igreja, toda a vida de um homem no 'além' depende da 'salvação'.

Mas essas pessoas antigas do oriente viveram na terra centenas de anos antes mesmo que a Bíblia fosse escrita ou que se ouvisse falar da salvação. Por que a salvação só seria necessária ao gênero humano na terra desde dois mil anos atrás? Por que não era necessária nas épocas anteriores àquele tempo? Depois veremos a resposta ridícula da Igreja a estas perguntas.

A Ortodoxia fez um mistério monstruoso e fantástico sobre a parte espiritual da vida do homem na terra e depois da dissolução dele, no mundo espiritual. Impôs condições que não tinha nenhum direito de fazer. O antigo clamor foi ouvido, e ainda é ouvido por algumas regiões: não há nenhuma salvação fora da Igreja, mas isso envolveu muitas dúvidas, muitos problemas para os quais nenhuma solução pôde ser achada. Os homens usaram seus poderes de raciocínio e não puderam perceber nenhuma razão lógica pela qual não devesse haver salvação fora da Igreja.

A religião Cristã deu a si própria o encargo do bem-estar espiritual dos homens, colocou uma multiplicidade de regras, inventou convicções inumeráveis, como se revela nos credos, e assim circunscreveu de tal forma a vida espiritual do homem na terra que as chances dele de parar no 'inferno' depois de sua morte ficam sumamente remotas.

Assim como com os extratos que fiz dos serviços de enterro, assim também tratarei dos credos, quer dizer, com extratos *passim* (*NT*: advérbio latino que significa, literalmente, "aqui e ali"; "por toda parte") . Dá na mesma a qual deles vou me referir - são todos igualmente ineficazes.

Eu lhe pediria apenas que se lembre que ser Cristão significa, no sentido exato, subscrever-se às condições as mais simples destes credos, e que a religião Cristã se considera possuidora dos direitos exclusivos na promoção e no cuidado do bem-estar espiritual do homem. A religião Cristã é vista pelos cristãos como padrão a todas as religiões, e que só por ela pode-se obter a salvação.

O primeiro artigo ou cláusula dos credos abre com as palavras, 'Creio em Deus Pai todo-poderoso'.

Aqui uma pergunta se apresenta imediatamente, 'O que acontece, no mundo espiritual, com um indivíduo que sente que, por uma razão ou outra, não pode acreditar na existência de Deus?' Há inúmeras pessoas boas que, quando lhes acontece algum tipo de desgraça, não conseguem acreditar que Deus permitiria que tais coisas terríveis acontecessem, porque Deus deveria ser um Deus de bem.

Então, argumentam que não há nenhum Deus. Não poderia existir, dizem com efeito, ninguém 'lá em cima', sabendo que há tanta miséria apavorante 'aqui embaixo'. Só precisamos apontar a batalha horrível pela qual a terra passou para termos exemplos copiosos de tragédias pessoais. Se a crença deles no Pai esmorece gradualmente, ou seja, pensam eventualmente de forma diferente, não faz diferença individualmente àquelas pessoas se, quando chegarem aqui ao mundo espiritual, ainda trouxerem aquela descrença. Quem vai condená-los? Ninguém. O próprio Pai não o faria. *Ele não condena ninguém, nem permite que qualquer outro o faça*. Essa é uma declaração que já lhe fiz antes, mas não pode ser reiterada muito freqüentemente.

A Igreja tem um temeroso destino guardado para o ateu: o inferno para toda a eternidade.

Não é no que um homem crê durante a sua vida terrena o que conta: são as suas ações e os seus motivos onde se baseia a grande avaliação. Se ele foi espiritualmente bem, e ainda assim não acredita em Deus, é o desempenho espiritual dele que conta — e sempre contará.

Esses que acham causa para discordar de meus escritos talvez se apressem em concluir que defendo ou favoreço uma descrença em Deus, ou que dou pouca importância à crença no Pai. Apresso-me em afirmar enfaticamente que não é assim.

Os fatos simplesmente são estes: A Ortodoxia condena à perdição o homem que professa a sua descrença no Pai. O mundo espiritual, a terra da Verdade, não faz tal coisa. A Igreja divide o mundo espiritual em duas regiões: céu, onde tudo é luminoso e belo, e inferno, onde tudo é escuro e terrível. A menos que um homem seja 'salvo', ele irá para inferno. O Céu está reservado para o Cristão, e o Cristão, claro, acredita em Deus. A conclusão é óbvia, teologicamente falando. Falando-se espiritualmente, a conclusão é toda injusta, porque toda a convicção é falsa, do começo ao fim. *Todo homem é o seu próprio salvador*. A salvação vem apenas através de esforço pessoal. Estou usando a palavra salvação não em seu sentido teológico, mas no sentido de que uma pessoa deve esculpir o seu próprio destino espiritual, apesar de que estará sempre sob cuidado e orientação de seres espirituais mais sábios.

Quando um ateu chega ao mundo espiritual, fica chocado, mas o choque dele não é, sob muitos aspectos e em muitas ocasiões, nada pior, nem menos freqüente que o experimentado por muitos clérigos, pois, do ponto de vista espiritual, não acreditar em nenhum Deus não é pior que acreditar no Deus estranho da Ortodoxia.

Quando o ateu se vê nestes planos, também descobre que cometeu um erro tremendo e vital. A existência do Pai não precisa de nenhuma prova nestes reinos. O fato é evidente por todos os lados, em uma imensa variedade de modos. O ateu não precisa ser convencido. Nenhum argumento prolongado ou profundo, nenhum aprofundamento hermenêutico é necessário. Ele se convence, e freqüentemente em espaço muito curto de tempo, que lá não só existe um Deus, mas que aquele mesmo Deus é o Pai de todos nós.

A mente do ateu não é marcada com um monte de convicções complexas, portanto ele alcança uma verdadeira estimativa do Pai com maior facilidade. O não-crente dirá que não acredita na existência de Deus porque não teve nenhuma prova de da Sua existência. Dada esta prova, ela falará convincentemente e o convencerá. Ele percebe. Não por nosso esforço, mas pelo exercício de sua inteligência livre do acúmulo de falsas concepções religiosas.

Logo em seguida também vê seu engano, e se arrepende profundamente. Percebe o quanto perdeu enquanto esteve na sua viagem terrestre. Mas, não obstante, grande é a felicidade dele, pois encontrar ao Pai é encontrar a si mesmo. O seu prazer por sua vida nova aumenta. É, sob todos os aspectos, o começo de uma vida nova a ele. O mesmo acontece com o não-crente.

O que acontece ao clérigo, especialmente o de visão pronunciadamente estreita? Tão forte é sua 'crença' em Deus do seu próprio jeito, ou da Igreja particular dele, que freqüentemente faz sua chegada a estes planos cheio de confiança religiosa. Ele não só se sente seguro em virtude da sua chamada religiosidade, mas também pela proteção que acha que suas convicções lhe garantirão. Os ensinamentos de Ortodoxia enchem sua mente. Ele está preparado para o seu 'juízo', e preparado, também, se necessário, para buscar clemência de acordo com as condições da sua religião.

A concepção de Deus que Ortodoxia fabricou é a única concepção que ele traz. As noções dele de céu são as habituais, nebulosas, vagas e indefinidas. Ele está preparado para algo; sabe um pouco disso. Muito freqüentemente testemunhamos arrogância espiritual em tais casos. Em muitas ocasiões, o clérigo exige, como seu direito, que tudo aquilo em que acreditou e ensinou ao seu rebanho extraviado deva ser cumprido.

Ele afirmará corajosamente que sempre cumpriu seu dever pela Igreja; que adorou Deus da maneira exposta no missal; que ensinou a Bíblia como estava escrito nessa mesma Bíblia que assim fizesse; que sempre apoiou os direitos e as dignidades da igreja; que guardou o sagrado e santo Sábado, e, sob todos os aspectos, onde era humanamente possível, fez tudo aquilo poderia ter sido razoavelmente cobrado dele. Mas, acima de tudo, confiou no perdão misericordioso de Deus, e onde tudo o mais pudesse ser negligenciado ou posto de lado, que pelo menos pudesse reivindicar, como seu privilégio, ser um Cristão.

Este não é um caso hipotético que estou colocando a você, mas um fato que bem freqüentemente aparece durante nossos trabalhos aqui. Eu não 'eliminei a reverência', usando uma antiga expressão.

Agora os clericais devem tremer com as suas velhas e estranhas convicções. Essas noções talvez estiveram com eles durante a maior parte da sua vida terrestre, fazem parte deles. O choque deles é o maior de todos, então, quando temos que lhes explicar suavemente que suas visões têm que sofrer uma reconstrução completa. A sua fé na luz de verdade espiritual é fantasiosa; não tem nenhuma substância.

Assistem às suas convicções arraigadas caindo uma após a outra, conforme vão conhecendo a verdade pela primeira vez. Descubram logo que o Deus terrível da sua Igreja é uma caricatura terrível. Descubram ser pura ficção o 'Perdão' misericordioso. A meticulosidade com que executaram os serviços das suas Igrejas, logo percebem que foi de pouca valia. O único crédito que podem perceber posteriormente é pelo que 'cumpriram sua obrigação' como homens honestos.

Onde estava tão orgulhoso e confiante, começa a sentir menos orgulhoso e menos confiante. Mas nós nos esforçamos para lhe dar confiança, de outro tipo e melhor. Podemos assegurar que tudo está bem longe de estar perdido. Ele se inclina a pensar que está, mas nossos esforços constantes trarão alguma paz a sua mente preocupada e, assim, finalmente, ele será o homem mais feliz que se poderia querer ver.

Como recompensa bastante agradável pelos nossos esforços, teremos outro bom amigo e colega para se unir a nós no trabalho. Eles sabem bem o que se passou com eles. As suas próprias experiências os deixam em boa qualificação. Desfrutaram serem membros de nossa grande organização de 'pós-clérigos', entre os quais enumeramos os ministros de qualquer denominação religiosa sob o sol, e de qualquer grau eclesiástico, do mais alto ao mais baixo.

Nossa sociedade alcança algo que não pode ser feito na terra, entre os ministros de qualquer religião — alcança a unidade completa.

A segunda parte do primeiro parágrafo do credo dos Apóstolos é abstrusa (NT: sem nexos nem ordem). Afirma uma convicção em Deus como *o criador do céu e da terra*. Isso é como declara o mais simples dos credos. Outra versão é: *o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis*.

O assunto todo sobre criação, como o termo é usado pelos teólogos, não é meramente difícil. Essa é uma palavra moderada para expressar isto. *É incompreensível*.

Vamos olhar o assunto sob o ponto de vista da pura investigação. Os credos declaram a convicção de que Deus criou a terra. A Ciência afirmou que a terra, de alguma forma se deslocou para longe de outro e desconhecido corpo maior. O que se diz daquele outro corpo do qual o mundo se separou? Pareceria às mentes comuns uma sugestão levando a outra, por assim dizer, mas nunca chega à fonte.

A Igreja ensina que o universo foi criado pelo Pai por um esforço de vontade. A Igreja está, possivelmente então, declarando algo que não pode saber, porque milhões de nós não sabemos nem mesmo nestes planos. A resposta para muitos problemas desta natureza permanece desconhecida e sem possibilidade de ser encontrada na terra. Essas respostas serão achadas no mundo espiritual.

Mas não quer dizer que estão abertas e acessíveis a todos que buscam. É concebível, poderiam sugerir, que eu pudesse consultar um dos grandes setores de aprendizado e lá, através de achados em pesquisa diligentes, obtivesse a

solução para o problema da criação do universo e de tudo que está vivo. Em muitos exemplos isso seria perfeitamente verdade, mas para fazer isso, devo ter um pouco de conhecimento do assunto primeiro, ou então poderia tecer-lhe considerações em assuntos sobre os quais não tenho nem a mais remota ideia se a declaração feita é correta ou incorreta, sábia ou tola.

Forçosamente devo saber sobre o que estou falando antes de passar adiante minha informação com alguma esperança de obter a sua compreensão. Eu mesmo devo entendê-la. Mas nem toda informação é deixada assim, aberta a nós, nos setores de aprendizado. Grandes partes sobre alguns assuntos ficam visivelmente perdidos. Entre esses, enumeremos como 'contendo segredos' os que não são para os homens saberem ainda. A criação do universo, ou como ele começou a existir, é um deles. Toda a vida se inclui naquela categoria. O mais que podemos fazer é, entretanto, irmos fazendo nossas próprias observações, e tirarmos as conclusões que julgarmos boas. Temos liberdade de pensar e discutir, para nossa alegria. Contanto que nossas teorias não colidam com alguma lei natural, ficaremos bastante seguros.

A segunda parte do primeiro parágrafo do credo é uma declaração fácil de se fazer, e assumindo que o Pai criou o mundo, Ele também criou o 'céu' ou todas as coisas invisíveis. Mas qual é a evidência real que as Igrejas têm de que o mundo invisível existe? Literalmente, *elas não têm nenhuma*.

Geralmente, os teólogos e os clérigos recorrerão à Bíblia e lhe dirão que toda a informação sobre os assuntos espirituais, *como foi revelado por Deus*, está contida entre as capas daquele livro. Tal declaração contém dois erros principais. O livro *não* contém toda a informação sobre os assuntos espirituais, e o que contém não foi revelado por Deus. Aquele livro tem centenas de anos. A Igreja não tem algo — qualquer coisa — mais moderna? Não tem. Tem algum meio de obter mais informação? Não tem.

Embora haja meios e oportunidades de comunicação entre o 'mundo invisível' e o mundo terreno, a Igreja *oficialmente* recebeu ou aceitou qualquer comunicação de nós destes planos? Não o fez. Uma denominação religiosa não se interessa nem ao menos com o que possa praticar e orar qualquer um de seus membros.

Para a Igreja o mundo espiritual deve ser, para todos os efeitos e propósitos, um mundo morto. Pelo menos, é um mundo dos mortos! Lembre-se do antigo ditado 'os homens mortos não contam histórias'. Os assim chamados homens mortos não podem contar nada à Igreja porque ela não acredita que podemos falar. Recusa-se a aceitar qualquer conhecimento sobre o assunto.

As Igrejas vão complacentemente aceitar as poucas, extraordinariamente poucas, palavras que reputam Jesus ter dito sobre o 'depois da vida', sem reter a menor suspeita do porque tão pouco foi dito sobre um assunto de vital importância a todos os homens. A verdade não é que Jesus disse tão pouco, mas que muito foi expurgado da Bíblia deliberadamente, quando a adulteraram. Nem uma fração do que Jesus falou sobre o assunto da vida no mundo espiritual foi permitido que permanecesse na Bíblia. O resultado é que a Igreja foi atingida com seu próprio dardo.

As informações originais contidas na Bíblia foram retiradas, a Igreja não possui mais nenhuma, e não tem nenhuma fonte de onde se poderia obter qualquer informação perdida. Em resumo, a Igreja não pode provar nada e, por conseguinte, atrasa-se em adivinhações — a maioria do tipo mais bruto.

A Igreja está pesarosa e lugubrememente séculos atrasada, usando-se uma frase conhecida. Poder-se-ia contestar que as verdades espirituais não podem ficar obsoletas. Não, claro, não podem, mas verdade espiritual é justamente o que as Igrejas não têm. Eles têm um substituto peculiar, que não apresenta nenhuma semelhança ao original, nem em forma nem em conteúdo. A Igreja não tem nenhum fato, mas confia em convicções como as contidas nos credos.

A convicção de que o Pai criou todas as coisas visíveis e invisíveis fica logo aberta à objeção, e objeção muito séria.

Primeiro, de coisas visíveis. O que se diz das coisas horrorosas e lugares horrorosos na terra? O que se diz desses borrões na face da terra, por exemplo, as choupanas conhecidas como favela? Elas são feitas pelo Pai? Ainda assim o credo diz *todas as coisas visíveis*.

A resposta é óbvia, como indubitavelmente muitos replicarão imediatamente. Tais desgraças são obra do homem, e apenas do homem. Precisamente. Isso é por que o credo diz que o Pai é o fabricante de todas as coisas visíveis. Na realidade, é apenas outro exemplo dos caminhos tortuosos da Ortodoxia, isto é, declaram uma coisa, mas significando ao mesmo tempo algo diametralmente oposto.

Lembre-se da observação que fiz uma vez sobre aquela sentença em particular da oração ao Pai Nosso, 'não nos deixe cair em tentação'. A Igreja (observei então) coloca que ninguém em sã consciência acreditaria que Deus pudesse conduzir qualquer pessoa em tentação. Então por que declara uma coisa significando precisamente o oposto? Trabalhos sociais e outros acabariam no caos se tais métodos fossem adotados em seus relacionamentos terrestres comuns.

O trabalho manual do homem está esparramado por toda a superfície da terra, e é obviamente do desígnio e de origem humana, e igualmente obvio não foi Deus quem fez.

O que dizer, então, de *todas as coisas invisíveis*? Aqui, dirão, estou pisando em solo no qual a Igreja não anda. O que dizer da criação no mundo espiritual? Nisto posso lhes passar de minhas experiências, mas como também são experiências de milhões e milhões de outros daqui, então perceberá que estou apenas declarando fatos.

São fatos, e não apenas convicções. Pois você pode raciocinar que um imenso número de pessoas na terra pode acreditar em uma coisa ou outra, mas ainda continua sendo só uma convicção, porque a mera força dos números que apóiam uma convicção não metamorfoseia uma convicção em um fato.

Considere o assunto deste modo. Enquanto estou de pé, digamos, olhando para a paisagem gloriosa de uma das janelas superiores de minha casa, vejo ao redor de mim outras casas e jardins; ao longe há a cidade com seus edifícios soberbos. De onde veio tudo isto? Estas são as coisas invisíveis do credo — invisíveis para você na terra, mas não para nós aqui. Elas são o trabalho manual do homem.

Minha própria casa foi construída pela ajuda dedicada de vários amigos. Não foi criada pelo Pai 'num piscar de olhos', pelo esforço da vontade Dele. Por que o Pai faria aquilo que um homem, ou vários homens juntos, podem fazer perfeitamente bem? Fazendo o que fizeram, essa boa gente ganhou uma recompensa esplêndida pelo serviço espiritual, entretanto, claro, não era essa a sua meta. A gente esquece tais coisas por aqui.

O Pai poderia ter criado minha casa — e todas as outras casas neste reino — por Sua própria vontade. Mas nós temos muitas evidências de que Ele não trabalha desse modo. Meus amigos tiveram imenso prazer no serviço que me fizeram. O Pai tiraria deles essa alegria, deliberadamente, só porque a Igreja diz que Ele é o Criador de todas as coisas invisíveis? Certamente não.

O que se aplica à minha própria pequena casa aplica-se igualmente a todas as outras coisas por aqui que podem ser formadas e podem ser fabricadas pela habilidade, labuta e dedicação cuidadosa do homem. Talvez seja dito que sem a permissão de Deus eu não poderia ter erigido minha casa. Ele não deu a permissão Dele. Em virtude de uma lei natural, fui qualificado para possuir uma casa para meu uso pessoal. Ninguém pôde, ou pode, me negar esse direito; *nem sequer o próprio Pai faria isso.*

Eu ganhei o direito de possuí-la; era meu o direito, e sempre permanecerá meu, a menos que eu cometa algum ato que seja uma infração a qualquer lei espiritual, deliberada ou incautamente.

Onde Deus entra nisso exatamente então?, perguntam. Precisamente desta maneira: é Ele que provê a força, o poder com que construir, não importa o que possa ser, se casa ou mansão, ou alguma ninharia que meça apenas uma polegada ou duas. Mas por mais qualificado que possa ser, seja qualquer uma a habilidade que a pessoa possa exibir, há uma coisa que nós não podemos fazer, que é criar vida. De onde ela vem, não é para nós sabermos ainda. Os seres ilustres nos reinos mais elevados terão esse conhecimento.

Por tudo aquilo que sabemos no contrário, eles podem, por eles mesmos, por algum meio de cooperação ou outro, ou algum processo de coordenação de elementos vitais, criar vida. Realmente não nos importa, a nós na escala mais baixa — bem mais baixa — da vida espiritual. Estamos contentes por levarmos as coisas como elas são, darmos conta do total de conhecimento que já possuímos, afastarmo-nos de especulações estúpidas, inúteis, que não levam a nada, e esperarmos o dia em que também seremos admitidos nesses segredos diligentemente vigiados. Mas podemos rebater, onde percebemos que existem enganos, desde que um engano possa conduzir a muitas outras mais asneiras, e assim ajudar a desaparecer com o que no final virará um grande depósito de mentira.

Nas mentes de muitas pessoas, o mundo invisível, como chamam o mundo espiritual em que vivo, é uma região sombria e decididamente não-substancial, muito religiosa em geral, altamente espiritualizada e completamente não-humana.

Meus amigos que acompanharam meus escritos até aqui conhecem algo destes reinos, sabem que tudo aquilo que temos aqui é mais significativo que qualquer coisa que possa ser encontrada nos planos terrestres. Também se recordarão de minha breve narrativa de quando assisti a construção de um anexo a um dos setores de aprendizado nestes reinos.

Bem, aquilo foi um ato de criação, e é inimaginável compará-lo à construção de um edifício na terra. Na terra, os homens ajuntarão certos materiais, entre eles tijolos da moda ou outros componentes. O processo fica sujeito a uma fórmula, mas não tem vida. Os mestres de obra e pedreiros aqui não têm que juntar os seus materiais antes de começarem a operação. Realmente, quando se reúnem com a finalidade de erguer um edifício novo, não há nenhum sinal daquelas evidências que sempre se vê na terra, nem antes, depois, ou durante o trabalho deles. O material que nossos homens usam para construir é o *pensamento*.

O edifício que constroem é o resultado direto de pensamentos concentrados. Mas o pensamento tem que ter algo em que basear para se fazer permanente, e nenhum homem destes planos pode fazer tal trabalho sem a ajuda direta dos reinos elevados. Tudo que temos aqui é imbuído de vida, e a vida só pode vir desses reinos elevados.

O poder desce e é utilizado pelos que pediram sua dissensão. Nas obras do edifício que lhe descrevi, o poder, como pode lembrar, apareceu na forma de faixas de luz. O que teria acontecido se os construtores apenas tivessem ficado parados e não tivessem feito nada, deixando as faixas de luz vertendo do alto? Teria o edifício crescido diante de nossos olhos? Certamente não; nada disso teria acontecido. Mas se aquela força viesse dos reinos mais altos, ou até mesmo do próprio Pai, então seguramente Ele poderia ter criado aquele edifício pela própria vontade Dele?

Aqui já estamos entrando no reino da especulação. Eu não posso lhe dizer o que poderia ou não poderia acontecer; posso só lhe falar da minha experiência atual sobre o que ia acontecer ou não neste caso. Nenhum edifício, segundo me disseram, foi erguido, nestes planos ou outros contíguos a estes, de si mesmo ou por si só. Nunca vi isto acontecer, com certeza. Todo edifício vem do trabalho de algumas pessoas cuja identidade é facilmente determinável. Eles não sobem num 'piscar de olhos', entretanto os pios, sem dúvida, gostam de imaginar que sim — se é que imaginam que temos edifícios!

E as flores e tudo que cresce? O mesmo princípio se aplica, exatamente. Os especialistas em horticultura — eles têm que ser especialistas — podem formar muitos espécimes celestiais de beleza botânica, mas não lhes podem

dar forma nem modelo *sem* um poder semelhante àquele que é determinado aos construtores, nem podem animar duas criações.

Isso vem desses reinos elevados. Em uma palavra, nossa gente pode criar, mas não pode animar. A Criação fica nas mãos das pessoas destes e de todos os outros reinos de luz.

Recorde-se que eu mencionei, um momento atrás, coisas horrorosas na terra com relação ao parágrafo do credo que afirma que Deus criou todas as coisas visíveis. Agora pode ser que aquela declaração seja citada contra mim, ou seja, lembrando que lhe dei algum toque, como também menciono de vez em quando, das regiões escuras terríveis do mundo espiritual.

E sobre eles?, diriam. A mesma resposta pode ser dada precisamente. Estas regiões são o trabalho do homem, e só do homem. Eu poderia lhe devolver as palavras — amigavelmente, claro — acrescentando que são o trabalho de homens que vieram da terra, todos eles.

As características obnóxias dessas regiões são o resultado dos moradores obnóxios, desprezíveis que ali moram, da mesma maneira que todas as belezas naturais dos reinos de luz refletem as mentes e os pensamentos dos que vivem neles. Nos reinos trevosos não há nenhuma árvore, nenhuma flor, e como verdadeiramente designa seu nome, não há nenhuma claridade.

Os odores pestilentos que poluem todo o ar são apenas uma indicação adicional da qualidade de seus habitantes. Isso é a criação deles, na medida de que são capazes. *Criador de todas as coisas invisíveis*. Há mentes teológicas na terra, no passado e no presente, que acreditaram ou ainda acreditam, que o Pai seria responsável pelas lagoas imundas e fedidas que se encontram nos reinos de escuridão, juntamente com os muitos mais horrores inomináveis que há por lá.

Por que Ele não os eliminou, e para sempre, todos eles? Não é para o Pai o empreender deste trabalho, mas assim que a condição espiritual do homem na terra melhorar e melhorar ainda mais, nesta hora estas regiões não mais continuarão a ser povoadas pela terra.

Se a partir de hoje, para sempre, nenhuma única alma a mais que seja entrar nessas esferas para morar, então nessa hora esses, cujo trabalho é assim, poderiam gradualmente clarear seus habitantes. Com a passagem deles a reinos mais elevados, faliriam também os mais baixos, os reinos de escuridão. Isso é apenas o funcionamento de uma lei natural e tais leis sempre trabalharam assim. O Pai não executa eternamente truques milagrosos como a Igreja acredita que Ele faz. Se o homem melhorasse a condição espiritual dele na terra, antes de vir para o mundo espiritual, as próprias choupanas repugnantes para morar na terra seriam as primeiras a desaparecer.

A palavra *sobrenatural* é totalmente destituída de significado em seu mundo ou no nosso. O próprio Pai não age acima ou além do que é natural. Leis naturais são supremas, e o Pai é o grande exemplo delas.

Talvez meus amigos desejem saber por que estou usando tantas palavras neste aspecto particular de nosso assunto, isto é, a criação. Minha razão é simples, contudo é extremamente importante. As palavras de abertura do credo entregaram, ou algo assim, a chave para a composição inteira. Elas pretendem enviar a Deus as reivindicações que a Igreja faz, e daquela série de parágrafos surge toda a grande interpretação errada do Pai.

Para que alguém não diga 'Seguramente Deus não precisa que *você* O defenda' eu responderia, 'Claro que não'. Não é isso que tenho a presunção de fazer. Um de meus grandes desejos é ajudar desfazer os erros tão abundantes relativos ao Nosso Pai porque uma vez feito isso, uma imensa quantidade de conceitos assumirá seus lugares e proporções corretos.

Quando lhes conto — como qualquer outra pessoa nestes reinos poderia e contaria a você — que o Pai do universo é um Pai real cuja vontade é que todas as pessoas sejam felizes na terra e depois no mundo espiritual; que não é, nunca foi e nunca será juiz para julgar o gênero humano, e que não delegou, nem jamais delegará esta função a qualquer outra pessoa ou pessoas, quando eu apenas menciono estes fatos a você, dentre muitos outros, como *fatos* e não convicções, então começará a perceber algumas das atrocidades verbais que Ortodoxia cometeu ousando fazer essa péssima caricatura do Pai como fez.

A maioria das pessoas tem medo de Deus, e esse é o estado mais terrível. Eles têm medo da morte dos seus corpos físicos e do Julgamento terrível feito por Deus que alegam as Igrejas que se segue àquele processo. É medo e medo e medo, com o Pai como o maior inspirador do maior medo.

É por isso que, meus amigos, eu me prendo no mais ínfimo fragmento de mentira relativo ao Pai que, de alguma forma, seja responsável por virar as mentes de homens na direção errada na relação deles com Ele. Eu sou apenas o porta-voz de uma grande organização de amigos com o tipo de trabalho com o qual você já está familiarizado. Eu falo por eles e por mim.

Você não percebe que a Ortodoxia é baseada em uma série de conceitos terrivelmente errados e deduções errôneas? Perceberia, se residisse aqui. Dia virá em que deixará seu corpo físico e virá se unir a nós aqui. Seria esplêndido se o fizesse completamente sem temor, sem medo do presente ou do futuro, mas com a emocionante perspectiva de, afinal, ver e viver no 'mundo invisível', como ele é agora a você, em toda a sua glória, a manifestação visível e tangível da vontade suprema de Deus de que todos os homens sejam felizes.

Tão distante da perspectiva horrível e tenebrosa que as Igrejas lhe oferecem. Depois de uma vida de labuta na terra, prometem-lhe: Julgamento. Essa é uma das mentiras mais ofensivas das quais a igreja é capaz.

O Credo é uma fórmula doutrinária ou profissão de fé. No Cristianismo, também é conhecido como símbolo dos apóstolos. A palavra tem origem na palavra *credo* que significa *creio*.

O credo era a princípio uma proclamação batismal enunciada pelo catecúmeno, contendo as proposições objeto da fé na qual estava sendo admitido o batizado. Em 325, passou a ser uma síntese dos dogmas da fé promulgada pela autoridade eclesiástica, através do Concílio de Nicéia. A primeira formulação do tipo credo encontra-se no original de uma carta do bispo Marcelo de Ancyra. De uma tradução, com algumas alterações, do credo de Ancyra se deriva o credo latino ainda hoje adotado.

Existem outras variações do credo: o da Igreja bizantina (381), egípcia (370), o de Justino Mártir (150), o Credo Niceno e outros. O papa Bento VIII, no ano de 1020, introduziu o uso do credo na missa.

O Credo Niceno, ou o Ícone/Símbolo da Fé, é uma declaração de fé cristã que é aceito pela Igreja Católica Romana, pela Igreja Ortodoxa Oriental, pela Igreja Anglicana e pelas principais igrejas protestantes. O nome tem a ver com o Primeiro Concílio de Nicéia (325), no qual foi adotado, e com o Primeiro Concílio de Constantinopla (381), onde foi aceita uma versão revista. Por esse motivo, ele pode ser referido especificamente como o Credo Niceno-Constantinopolitano para distingui-lo tanto da versão de 325 como de versões posteriores que incluem a cláusula filioque. Houve vários outros credos elaborados em reação a doutrinas que apareceram posteriormente como heresias, mas este, na sua revisão de 381, foi o último em que as comunhões católica e ortodoxa conseguiram concordar em todos os pontos.

Creemos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creemos em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai desde toda a eternidade, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai; por Ele todas as coisas foram feitas. Por nós e para nossa salvação, desceu dos céus; encarnou por obra do Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e fez-se verdadeiro homem. Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; sofreu a morte e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; subiu aos céus, e está sentado à direita do Pai. De novo há de vir em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim.

Creemos no Espírito Santo, o Senhor, a fonte da vida que procede do Pai; com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Ele falou pelos profetas.

Creemos na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professamos um só batismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo que há de vir. Amém.

Essa versão era recitada pelos novos cristãos no momento do Batismo, e ficou conhecida como credo apostólico. Sua tradução é a versão mais conhecida do credo:

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra.

E em Jesus Cristo, seu único Filho nosso Senhor. O qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao inferno, no terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir julgar os vivos e mortos.

Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

O Credo, continuando

Depois do parágrafo de abertura do credo dos Apóstolos que lhe dei, o credo então transfere sua atenção a Jesus. Declara as circunstâncias peculiares do nascimento dele, as quais são peculiares apenas pelas convicções Ortodoxas, mas na realidade não são nada estranhas, já que são, sob todos os aspectos, perfeitamente normais; então o credo continua no fato simples da morte dele e o enterro.

Nisto os autores do credo seguiram a história da Bíblia. Mas no momento que Jesus sai da visão deles, como se diz, a especulação acontece em linhas teológicas típicas.

Jesus, como declara o credo, desceu aos infernos; no terceiro dia ressuscitou dos mortos. A Igreja não só afirma que Jesus desceu a essas regiões, mas professa dar a razão específica pelo seu proceder. Assim que morreu, a alma dele desceu àquela parte de inferno chamado Limbo, diz a Igreja, onde as almas dos que morreram antes de Jesus estavam presas por não poderem subir ao reino do céu até que ele o abrisse a eles. Será que houve fantasia religiosa levada a níveis mais fúteis que este?!

Confesso abertamente que quando vivi na terra, também acreditei nesta doutrina estúpida, mas não descobri a estupidez — ou a falsidade — dela até que cheguei nestes planos para viver.

Entre as primeiras verdades que meu amigo Edwin me revelou, entre tantas palavras, estava a verdade compreensível que o mundo espiritual estava operando, funcionando e tocando suas múltiplas tarefas exatamente do mesmo modo como fizera nos incontáveis milhares de anos antes do nascimento de Jesus na terra.

Eu contei o que Edwin me falou entre tantas outras palavras. Isso somente fora um preâmbulo para minhas próprias peregrinações com ele e as observações que pude fazer durante elas, demonstrando a veracidade absoluta da sua declaração. Ela foi claramente exposta em toda extensão.

Aqueles milhões de pessoas deveriam esperar por milhares de anos em condições e circunstâncias que, para dizer o menos, quase que não poderiam estar num grau minimamente tolerável, já que este Limbo mítico é reputado como sendo uma parte do inferno, que este número incontável de gente deveria ser compelido a esperar por uma 'abertura de cerimônia' oficial nas regiões melhores do céu. Isso revela às mentes sensatas as concepções realmente infantis da sabedoria divina da forma como elas foram entregues pelos primeiros clérigos e escravizadamente apoiados pelos seus seguidores pelas eras afora. Que propósito útil poderia servir um aprisionamento desses, desordenadamente demorado? Literalmente nenhum.

A organização econômica do mundo espiritual, pois assim poderíamos designar toda esta imensa dispensação, não compreende o trivial. Não negocia em esforços despropositados, a esmo. Suas leis são leis naturais, e leis naturais não toleram o fantástico. As leis naturais do mundo espiritual são maiores que qualquer concepção humana ou leis dos homens. Nenhum propósito haveria, útil ou não, quando se detém deliberadamente incontáveis milhões de pessoas em regiões que não fossem agradáveis ao olhar. As leis do mundo espiritual não são leis insignificantes projetadas por mentes insignificantes.

O que se supõe precisamente que Jesus tenha feito quando desceu ao inferno, e então 'abriu o céu' para todas estas pessoas? De que descrição, ou tipo, ou natureza, é o céu, já que requer 'abertura'? Onde o inferno termina e o céu começa? A Igreja certamente não pôde responder *isso*.

A Igreja assumiria que há uma linha clara de demarcação entre esses dois lugares. *Do portão do inferno entregue a sua alma*, reza a Igreja pelos seus próprios mortos. Meramente uma menção poética, podem sugerir. Talvez, mas refletindo o que está nas mentes dos clérigos, não menos.

Supõe-se que teria acontecido o quê, depois de acontecer esta imensa afluência de humanidade? Há silêncio teológico neste ponto. O pio declararia indubitavelmente que estes milhões de pessoas vivas, que presumivelmente tinham cérebros dentro das suas cabeças, agora começariam a sua vida eterna cantando eternamente 'salmos, hinos e cânticos' espirituais, e se comportando de todas as formas que imaginariamente a Igreja acredita que nos comportamos aqui, ou como alguns dos semi-ortodoxos crêem, agindo como se diariamente fosse domingo, a vida sendo uma ininterrupta reunião para oração!

Que mundo de diferença há entre as noções horripilantes da religião ortodoxa concernentes ao 'depois daqui', e a verdade sobre este mundo espiritual. Estão muito longe uma da outra. Por um lado têm-se as ideias triviais, insignificantes, esquisitas de toda a Igreja sobre nós e nossas regiões e, por outro, tem-se o fato de que somos um mundo superlativamente organizado, governado por leis naturais e contendo *toda a sabedoria*.

Parecia haver um pouco de confusão nas mentes dos clérigos sobre o significado exato de inferno. Um estudioso culto diz que inferno foi definido como um lugar de 'espíritos que se foram'. Isso é vago o bastante para dar grande prazer aos melhores círculos Ortodoxos. Mas ele faz objeção a esta definição porque inferno, quando usado em referência à condição daquele 'que se foi', não pode ser um lugar; pode ser só um estado. A ideia de lugar conota a ideia de matéria, e a ideia de espírito leva a sair de *matéria*. Localidade só pode aplicar a corpos. Espíritos, como tais, não podem ter nada a ver com localidade. O que se aplica a inferno também tem que se aplicar a céu.

O argumento é verdadeiramente rico, pois simplesmente significa que o mundo espiritual não se situa em parte alguma, e nós, os 'espíritos', somos colocados semelhantemente. Não somos nada e não vivemos em nenhuma parte! Temos comprimento, amplitude e profundidade, mas, infelizmente para nós, não temos nenhuma magnitude! Deveremos ser sombras de algum tipo, mas pelo fato de que sombras às vezes têm um pouco de amplitude!

Concordemos por um momento o argumento deste cavalheiro. Inferno só é um estado. Muito bem.

No que se segue, meus amigos entenderão que nas mentes da maioria na terra, a palavra inferno significa as mais baixas regiões do mundo espiritual, é a antítese exata de céu. Inferno é tudo o que é horrível. No mundo espiritual nós não designamos especialmente as regiões escuras sob o título de inferno.

Falando por experiência própria e pela dos anfitriões de outros, o inferno deve ser um estado que é reconhecido facilmente de longe, tendo muitas características bem distintas que não são achadas em outra parte, mais ainda, um estado que é altamente malcheiroso e que pode ser percebido prontamente pelas narinas... bem rapidamente percebido.

Eu escalei os locais rochosos dentro do 'inferno', vi a princípio as lagoas asquerosas com o seu fedor, examinei o lodo imundo e esverdeado na superfície das pedras, e observei de perto os cidadãos dessas regiões podres, muitos desses habitantes vestidos com sobras esfarrapadas.

Parti de maneira deliberada, acompanhado por amigos, para visitar estes reinos de trevas, e contei-lhes o que vimos lá. Fomos daqui para lá, de um *lugar* para outro, da luz para a escuridão. Fomos a pé como pedestres comuns. Deixamos todos os nossos ambientes bonitos para trás, as flores, a grama, as árvores, a água pura e cristalina, e muitos amigos encantadores.

Conforme avançamos em nosso caminho, o local gradualmente deteriorou e a luz diminuiu até que chegamos razoavelmente no meio da escuridão e dos horrores. E aquele clérigo culto diria que o 'inferno' não é um lugar - nem céu, nem nada. O inferno dele é só um estado. Em outras palavras, uma condição criada pela mente, sem substância e sem localidade.

Isso é precisamente o que não é. É um lugar criado pela mente, e isso é muito diferente, pois a mente, nestes planos, tanto de trevas como os de luz, pode e cria solidamente.

As mentes dos infelizes nos reinos sem luz não têm nenhuma beleza, nem beleza espiritual nem beleza material. Eles só podem pensar em termos de bestialidade bruta, e o resultado — de acordo com a lei natural — são pedras duras, cobertas com lodo repugnante, buracos rochosos que contêm um líquido grosso e viscoso de cheiro repugnante.

A mente maldosa, através de ações más, produzirá as paródias mais horrorosas e detestáveis da forma humana e suas características. Eu vi as mãos de um dos cidadãos destas regiões que se assemelhavam a nada menos que garras malévolas de alguma besta carnívora da terra, e cujos dentes eram verdadeiras presas. Isto tudo não era um 'estado'; eram reais e verdadeiros.

Se não fossem reais, então nada na terra ou nestes reinos seria real. Não poderia haver nenhuma realidade. Tudo seria apenas um sonho; um pesadelo, emanções da mente. Vamos voltar à realidade e demolir aquela declaração tola do clérigo. Permita que lhe dê uma comparação simples.

Você está lendo estas minhas palavras na página impressa, e palavras impressas em papel, quando o livro estiver fechado, são um fato real e sólido. Você poderia bater na mão de alguém com ele para chamar a sua atenção, e ele sentiria indubitavelmente.

Vários destes livros empacotados juntos pesarão bastante, porque papel sempre pesa um pouco. Para ser breve, este livro é sólido e ocupa espaço. Você não o chamaria de 'estado'. Não; nem penso que o faria. Ocupa tão bem o espaço na realidade que você pode colocá-lo em sua estante.

O livro é muito real, *mas não é mais real que qualquer outro livro que nós temos nestes planos*. Na verdade, é *menos real*, pois não tem nenhuma vida nele, enquanto nossos livros vivem em sua própria substância. Agora, eu tenho alguns livros em minha própria estante — de um deles não tenho orgulho, porque eu o escrevi e queria que não tivesse feito isso. Mas isso é a propósito.

Esses volumes em minha estante são sólidos e permanentes; eles podem ser controlados e podem ser se mudados, e colocados em qualquer lugar que deseje. Você chamaria esses livros e as estantes onde estão de um 'estado'? A pergunta responde-se por si mesma. Geralmente, o fato é que os clérigos de qualquer denominação são obcecados pela noção de que nada no mundo espiritual tem solidez. Nós somos 'espíritos', cochicham ao outro, e por isso não pode haver nenhuma substância. O que eles realmente pensam e acreditam intimamente em suas mentes, só eles sabem.

Seja lá o que possa ser, exteriormente eles não nos encararam, nem nós nem a terra em que habitamos, diferentemente de algo que seja essencialmente tênue e vaporoso. Mas o contrário é a verdade. Somos essencialmente sólidos e significativos. Para nós, nosso próprio mundo e seus habitantes são relativamente mais materiais que o seu mundo da terra e seus habitantes são a você. Entre as vantagens superabundantes que temos sobre vocês está o fato de que somos imperecíveis, enquanto vocês não são.

Em contraposição aos teólogos que acreditam que o inferno seja um estado e não um lugar, nós temos a escola oposta de pensamento que insiste em que não só o inferno é um lugar, mas um lugar ígneo. A estes reinos são despachadas todas as pessoas que ofenderam a Deus e 'morreram' naquela condição infeliz. As armadilhas são muitas, nas quais o mau pode cair. Até mesmo a infração a um dos 'mandamentos' da Igreja pode precipitar uma alma infeliz no inferno para toda a eternidade, porque a falta ofendeu Deus!

Não há nenhum apelo. Justiça severa — do tipo teológico. Neste inferno existem chamas *torturantes*, queimando, mas nunca se consumindo. Esta forma suprema, primorosa de tortura foi inventada pelo Pai, assim é ensinado, e o fogo, como ensina um clérigo simples, inflige as dores mais terríveis quando esse mesmo fogo for enriquecido com enxofre! Pobres companheiros de mente simples e sincera, cuja imaginação é tal que vê um Deus de amor e 'misericórdia' de um lado e, no outro, um Deus que condena os seres humanos inofensivos a queimarem por toda a eternidade.

Para a descida de Jesus ao inferno que aconteceu em sua transição, há outra razão apresentada por outros grupos religiosos: É que Jesus foi ao inferno orar pela 'salvação' dos 'mortos'. Alguns afirmam que foi pregar lá o 'evangelho'. Toda essa concepção é uma revelação — outra entre tantas — de quão distante a Igreja está do contato com as verdades e das realidades espirituais. Pois se há uma coisa que não acontece nestes planos é um pensamento sequer de 'pregação'. Por pregação, claro, quero dizer a pregação do Evangelho, o evangelho cristão.

Eu já tentei lhe mostrar que a religião Cristã não é o padrão espiritual destas terras. O mundo espiritual *não* é um mundo Cristão para o espírito. Não acontece nenhuma submissão a qualquer doutrina, dogmas ou credos, sejam eles Cristãos ou não. Reconhecem a verdade apenas, e a verdade é o padrão.

A religião Cristã ainda tem muito a aprender. Se um dia vier a aprender, será altamente problemático. O Cristianismo organizado terá seus méritos, mas eles estão bem distantes por seus deméritos. As convicções das religiões Cristãs da terra, tomadas como um todo, incluindo uma ampla variedade de doutrinas irracionais, estão tão longe da verdade que não têm nenhuma aplicação à vida como ela é vivida no mundo espiritual. Desta forma, a última coisa que se ouve nestes reinos é 'pregar o evangelho'.

Os habitantes das regiões escuras não são tratados desta maneira. De que serviria?

O ministro que pensasse nestas linhas iria, talvez, parar em alguma pequena e agradável congregação do Dia de Sábado, em alguma localidade retirada e quieta onde tudo é paz, onde montaria o seu púlpito e ali babaria de tanto

citar as escrituras, achando que assim eleva as mentes do seu rebanho, enquanto que, com certeza, as suas mentes, ou da maioria deles, mantêm-se completamente vazias durante todo esse proceder. Isso é 'pregar o evangelho', e ninguém discutiria o fato.

Como essa mesma alma simples pregaria o evangelho aos moradores das regiões trevosas daqui? Se, por casualidade, ele por si mesmo penetrasse nestas regiões, com apenas o seu conhecimento elementar do evangelho e seu coração sério, sofreria já nos primeiros minutos de sua incursão uma experiência tal que, provavelmente, nunca mais esqueceria. Mal teria tempo até mesmo de tomar o fôlego inicial para começar a oração dele. No seu estado de despreparo, sofreria mais do que teria acreditado ser possível.

E sobre Jesus? Como quer que o pobre pastor pudesse estar, poderia alegar que com Jesus foi completamente diferente. Com Jesus *não* foi completamente diferente. Jesus não se permitiria arriscar-se nessas regiões depois de algumas horas, literalmente, do seu transcurso a estes planos. Ele teria estado sem condições de fazê-lo, mesmo que fosse permitido, pois ninguém se arrisca na escuridão sem estar equipado adequadamente.

Durante o transcurso de minhas peregrinações na companhia de meus amigos Edwin e Ruth, nos primeiros dias de minha residência por aqui, viajamos ao limiar dos reinos escuros. Nós já tínhamos penetrado a névoa quando fomos abordados por alguém cuja tarefa era vigiar bem de perto aqueles como eu e Ruth, pois não deveríamos andar para muito longe pelos locais e pelas angústias.

Porém, este amigo vigilante logo reconheceu Edwin como sendo homem experiente, percebeu que estávamos em mãos seguras. Se estivéssemos sem a escolta de Edwin — ou de alguém igualmente experiente — deveríamos retroceder, inevitavelmente. Mas naquela ocasião não fomos longe demais. Eram ainda os primeiros dias. Depois, fizemos uma profunda entrada bem para dentro dos reinos de pura treva. Ruth e eu éramos completamente ignorantes do que iríamos encontrar, e dos muitos perigos dali. Mas não Edwin, ele estava completamente familiarizado com as regiões e as suas condições.

Os movimentos posteriores à morte de Jesus não foram em nenhum ponto diferentes daqueles de qualquer outra pessoa cujo primeiro destino fosse, depois da sua dissolução, os reinos de luz. Quer dizer, imediatamente depois da sua transição, ele foi conduzido a um lugar de repouso que já estava preparado para a sua recepção, e lá ele foi tratado fiel e cuidadosamente. Porque precisou de tal cuidado e atenção não requer nenhuma explicação. A própria forma de sua dissolução foi bastante para autorizar que ele tivesse repouso imediato e energização.

E foi assim. Mas ele requereu consideravelmente menos ajuda que muitos outros indivíduos antes jamais precisaram. Muita gente sofre períodos longos de doença e de sofrimento profundo antes de passar para cá. Além de estarem fisicamente em condição muito debilitada, fazem seu corpo espiritual reagir, e assim precisam revigorar espiritualmente.

O processo inteiro, em tais casos, pode ocupar muito tempo, medido em dias terrestres. Mas quando o corpo físico é, ao contrário, saudável, embora a transição tenha sido violenta, com ou sem aviso de sua iminência, o período de repouso pode ser reduzido em muito. Jesus deixou a terra no início da sua vida, embora a sua transição fosse provocada pelos meios mais terríveis. É a circunstância posterior que, se não houvesse outras exigências, o fez ser levado para longe do plano terrestre com extrema pressa.

A própria ideia de que, imediatamente à sua partida da terra, Jesus 'desceu aos infernos' é uma suposição que é logo refutada ao se ter um conhecimento completo dos fatos. É contra todas as regras e ordens de procedimento do mundo espiritual que qualquer alma, imediatamente à sua transição, deva se desviar de seu próprio caminho para visitar os reinos de trevas.

Uma pergunta adicional surge. Que meta Jesus poderia atingir se lhe tivesse sido permitido fazer o que o *credo* alega que fez? Jesus, com todo seu amplo conhecimento espiritual, seguramente sabia bem mais do que conheceria se embarcasse em tal expedição.

Esse foi o primeiro pensamento. Não haveria nenhum galardão individual de trabalho nos reinos trevosos para que Jesus tivesse que se sacrificar ainda mais. Em uma palavra, não havia condições de se fazer diferente do que ele fez.

Com a melhor vontade do mundo, ele não poderia fazer nada porque não estava em estado de realizar nada. Ele mal poderia ter sido coerente. Como, então, poderia ter 'pregado o evangelho', se tivesse sido contemplado com mais esse outro trabalho? Não; Jesus, no transcurso dele ao mundo espiritual, ficou perfeitamente feliz de se entregar nas mãos de amigos que estavam lá expressamente para ajudá-lo, e que souberam exatamente o que fazer, como fazer, e quando fazer.

Que voltou ao plano terrestre, logo depois de sua transição, pôde visitar os seus amigos, e isso conta eloqüentemente da eficácia do seu repouso e de seu tratamento. Sua esplêndida saúde física contribuiu em grande parte para que tal retorno fosse tão rápido.

De acordo com o *credo*, depois que ele tivesse feito a suposta descida ao inferno, Jesus 'subiu dos mortos'. Na realidade, esta é a ressurreição na qual toda a Igreja deposita imensa importância. Na terra ensinam que Jesus estava entre os 'mortos' durante parte dos três dias e no terceiro dia 'ressuscitou dos mortos'.

Realmente, aqui há um problema para os teólogos resolverem, e eles se estenderam nobremente com suas palavras ao fazê-lo. Eles 'ressuscitaram-no' na ocasião. Não sabendo absolutamente nada sobre as condições de 'depois da morte', e acreditando que Jesus seria uma exceção a todas as regras e que não era sujeito a nenhuma lei

natural, pois já o tinham divinizado, os fabricantes do *credo* elaboraram uma declaração irracional onde nem eles puderam se entender, e então tentaram explicá-la.

Aquela explicação, citando-a novamente, é 'apenas uma troca de ignorância por outro tipo de ignorância'.

Há outro ditado que poderia ser adequadamente aplicado aqui — e, em muitas ocasiões, mais com relação a este assunto: 'que teia enroscada tecemos, quando primeiro tapeamos'.

A Ortodoxia tem enganado o mundo terreno por gerações. Tem enganado os milhões de moradores terrestres dizendo que possui autoridade espiritual determinada por Deus, que é depositária de toda a verdade espiritual no que concerne ao homem na terra e à vida dele no mundo espiritual. Enganou o mundo terreno com uma brava exibição de conhecimento e aprendizado.

Seus partidários principais, os clérigos, exibem a sua ignorância sob uma capa de erudição. Mas o conhecimento e o aprendizado da Ortodoxia, como está expresso em seus muitos enigmas doutrinários e dogmáticos, e a erudição de seus clérigos, revelada nas múltiplas 'interpretações' desses mesmos enigmas teológicos, é apenas a ignorância mais miserável quando é vista sob a luz poderosa e penetrante da verdade espiritual. Esta luz revela a Ortodoxia como sendo nada mais que algo muito inferior; as suas doutrinas como nada mais que trivialidades; os dogmas como o pensamento curto e sem imaginação de mentes também sem imaginação.

Na ressurreição de Jesus foi colocada uma primeira importância. A Igreja ensina que, depois que Jesus sofreu a dissolução, 'elevou seu corpo novamente à vida no terceiro dia' — **ele** elevou o corpo dele, note. Novamente temos a atribuição a Jesus de poderes que ele não tinha.

Se Jesus se elevasse dos (assim denominados) mortos em virtude de poderes transcendentais que, presumivelmente, nenhum outro indivíduo possui, então de que serviria o momento daquela ressurreição? Como pode afetar de alguma forma a toda família de seres humanos na terra, os que estão viajando para a sua última transição? Obviamente, não pode afetá-los.

A verdade é que a morte do corpo físico de Jesus estava de perfeito acordo com a lei natural, e em nenhum único detalhe foi uma variante de sua operação ou entrou em conflito com ela, nem houve qualquer modificação ou desqualificação daquela lei. São estes fatores que fazem a reaparição subsequente de Jesus na terra ter tal importância primordial e ser de sério valor para todos os homens.

Jesus se manifestou aos amigos dele, mostrando que tinha sobrevivido à morte do corpo físico. Voltou à terra para provar a verdade de suas muitas palavras sobre o assunto, pronunciadas junto a eles antes de que passasse ao mundo espiritual. Que valor teria qualquer demonstração para o mundo inteiro se Jesus fosse o próprio Deus? A resposta simplesmente é *nenhum*. O Pai não se preocupou em mostrar quão poderoso é o poder Dele.

No seu retorno à terra, Jesus disse efetivamente: 'labutei para lhes contar que a "morte" não é o fim. Na verdade, é apenas o começo da vida real. Vocês me viram "morrer". Estou aqui, voltando daquele lugar misterioso que chamam "além da sepultura". Aqui vim para lhes provar pela minha própria pessoa e pelo peso da evidência de minha própria experiência, que nunca estive "morto". Estou vivo; sempre estive vivo desde aquele momento em Belém'.

Esse foi o verdadeiro propósito do retorno de Jesus aos seus amigos na terra — exatamente como milhares de pessoas voltaram semelhantemente aos seus amigos, e com o mesmo propósito. A ressurreição de Jesus não foi nenhum 'milagre'. *Não houve nenhuma ressurreição*. Como poderia haver? Não há nenhum processo psíquico que poderia ser designado. De onde Jesus subiu? E para onde? O processo real de transição no caso de Jesus não foi diferente em nenhum detalhe dos de todos os outros seres humanos. É precisamente o mesmo a todos, *sem exceção*.

Lembre-se de como comparei seu sono de cada noite com a morte do corpo físico, de serem semelhantes sob todos os aspectos, exceto um. Ao despertar em sua cama pela manhã, o corpo espiritual volta ao seu envoltório terrestre. Em sua dissolução, o mesmo corpo espiritual se desune, para não mais se reunir ao veículo físico descartado.

Você descreveria o levantar de sua cama sucessivamente a cada manhã de sua vida terrestre como sua ressurreição? Não, se você for normalmente constituído. Se você for para o lado das tendências poéticas, poderia ser tentado a tais 'vãos de fantasia'. E vãos de fantasia descrevem adequadamente o uso da palavra ressurreição com relação ao retorno espiritual de Jesus.

Como este fato simples, facilmente explicado, o retorno dele junto a seus amigos foi mal interpretado, mal entendido, visto de forma errada; distorcido para uma forma que nunca se pretendeu — uma grande exibição do Divino Poder.

A Igreja ensina que *Jesus se levantou*. Como poderia fazer isso? De 'morto' ele se elevou à vida, presumivelmente da mesma maneira como, quando estava na terra, supunham erradamente que ele ressuscitava as pessoas mortas. A verdade simples é que não há nada para 'ressuscitar'.

A vida é contínua. A morte que intervém é só a morte do corpo físico. Não há nenhuma quebra de continuidade na vida. A pessoa pode cair num sono suave, mas o despertar é, sob todos os aspectos, semelhante ao seu despertar do sono na terra. Essa é uma ação *cotidiana* comum que todas as pessoas fazem e que não há nenhuma ocasião para sinalizá-la por um nome exclusivo ou título, sugestivo do que não é. É apenas um despertar de sono, quando sono aconteceu. Não há nenhuma ressurreição sobre isto.

Depois da denominada ressurreição, Jesus então, nas condições do *credo*, ascendeu ao Céu e sentou-se à direita de Deus Pai Todo-poderoso.

A Igreja explica esta frase do credo dizendo que Jesus subiu, corpo e alma, ao céu. Mas de nenhuma forma esclarece de qual corpo falam.

Se é do corpo espiritual, então por que declarar o que é palpavelmente óbvio, pois o corpo espiritual não pode se separar da alma? Se é do corpo físico que pretendem falar, então esta frase se torna tolice ainda maior.

Qualquer que seja a expressão usada, pretende-se indicar que Jesus subiu ao céu.

Como a Igreja explica que Jesus 'sentou-se à mão direita de Deus?' Deste modo: que Jesus, sendo também Deus, subiu ao lugar mais alto no céu. Então se apressam a fazer este acréscimo verdadeiramente brilhante e iluminado: a Igreja usa as palavras 'à mão direita de Deus' *não porque signifique que Deus tem mãos, já que Ele é um espírito!*

Um espírito não tem mãos! Seguramente a Ortodoxia se supera neste exemplo da profundidade de seu conhecimento. Deus não tem nenhuma mão porque Ele é um espírito. Portanto, nenhum espírito tem mãos.

De que tipo a Igreja acha que somos? Se não tivermos mãos, poderemos ter pés, possivelmente? Por que esta preferência seletiva em favor do resto do corpo à custa das mãos?

As mãos são membros indispensáveis. A pessoa pode fazer muito mais, falando comparativamente, na ausência dos pés que na ausência de mãos. Se não temos mão, e o resto do corpo?

Não parece haver nenhuma razão racional pela qual deveriam as mãos ser vitimadas desta forma, se eu puder me expressar assim. Logicamente, se não temos nenhuma mão, então também não temos nenhum outro membro? Assim, o que nos resta?

Ficamos reduzidos a nada. Um corpo tem que ter suas partes ou então não é um corpo; só um mero navio velho. Talvez a Igreja imagine que sejamos apenas calções de banho com uma cabeça sobreposta. Que monstros devemos ser... A aparência externa que apresentamos a todas as pessoas deve ser bastante repulsiva.

Mas não posso ver nenhuma outra conclusão a ser tirada a não ser que, se não temos nenhuma mão, então falam bem pouco sobre não termos qualquer outro membro. Para uma vida de completa e absoluta inatividade, como pedem na oração por 'descanso' eterno, mãos seriam redundantes.

É difícil pensar que essas mãos maravilhosas de Jesus, essas mãos que fizeram tanto bem às almas sofredoras na terra com suas curas, já não devam fazer parte da mesma grande alma.

Claro, meus amigos, tudo isso é muito infantil para se pôr em palavras. Vamos voltar ao senso e à sanidade.

Nós, sob todos os aspectos, temos nossos complementos de membros. Não somos monstruosidades nestes reinos do mundo espiritual. Cada um tem seu respectivo trabalho para fazer; usamos nossas mãos e membros da mesma maneira que vocês o fazem na terra, e para os mesmos propósitos.

Sem mãos, como eu poderia abrir uma porta, por exemplo, ou poderia mudar as coisas de minha casa, ou executar as centenas de ações que são do 'trabalho do dia a dia'?

Jesus é como o resto de nós a este respeito. Sugerir que ele não tenha nenhuma mão seria insultante se não fosse pelo o fato de uma convicção dessas ser mera infantilidade. Mas revela a condição de ignorância abismal na qual a Igreja está mergulhada, a Igreja que reivindica para si mesma ser guia espiritual, que reivindica ser depositária de toda a verdade espiritual.

Uma das denominações, a mesma que é responsável pela 'explicação' das mãos perdidas de Jesus, reivindica ser infalível. A pessoa pode julgar prontamente a qualidade de sua infalibilidade pela amostra que lhe dei há pouco.

Ela infalivelmente ensina que um espírito não pode ter mãos! Deixe que a Igreja tente explicar uma frase como essa — se é que pode. Seguramente não pode — sem que tropece em uma confusão de palavras que no fim não significam nada e não deixam o inquiridor mais sábio.

Meus amigos não desejarão saber por que é que nós no mundo espiritual pensamos tão pobremente das Igrejas e de seus ensinamentos. Se, por casualidade, qualquer ministro da Igreja nos visse com as características que a Igreja ternamente ensina serem nossas, ou ficaria amedrontado além de sua imaginação, ou se revoltaria pelo espetáculo e logo depois nos julgaria diabólicos, já que não temos membros, somos monstros disformes.

O Credo, concluindo

Depois que Jesus subiu aos céus, o *credo* declara que 'De novo há de vir em glória, para julgar os vivos e os mortos'.

Meus amigos estão familiarizados com o que já disse sobre doutrina falaciosa. Ao mesmo tempo, eu desejaria que não houvesse nenhum engano sobre isto. Eu lhes falei que, em momento algum, o Pai julga qualquer homem. Ele nunca fez isso e nunca fará. O que é da mesma importância: Ele não banuiu nem jamais banirá essa determinação de qualquer pessoa. Não se deve esquecer que, aos olhos da Ortodoxia, Jesus é Deus.

Da forma que determina o *credo*, é Jesus, como Deus, que julgará todos os homens.

Deixe-me colocar-lhe o assunto deste modo. Se esta doutrina for verdade, então não há nada mais a ser dito. Se isto não é verdade — *e não é verdade* — qual é, pondo a questão em palavras claras, qual é a opinião do mundo espiritual sobre isto, e ainda mais, qual é a opinião do próprio Jesus? Realmente, muitos de meus amigos da terra poderiam ficar tentados a perguntar: 'Onde está Jesus? Você e outros já O viram? Ou ele só fica nesses reinos elevados em que se supõe que ele habite?'

Respondendo à última pergunta primeiro: não há ninguém nestes reinos que não tenha visto o próprio Jesus. Ele é uma visita constante, e foi meu privilégio, como também o de muitos outros, ter falado com ele. E por que não, rezar? Não há nenhuma cancela ou barreira, nenhum obstáculo de qualquer tipo, para alguém dos reinos elevados visitar qualquer reino mais baixo se assim quiser. Visitantes dos reinos mais altos são sempre vistos para lá e para cá, nas suas jornadas entre as próprias esferas, estas e outras esferas.

Eles têm trabalho a fazer que os levam a visitar pessoalmente.

Tais seres sabem o prazer infinito que nos dão pela sua presença, e não nos negam esse prazer somente porque alguém — qualquer um — pensa que não podem ou não devem vir de seus céus elevados até um reino mais baixo. Não estamos sujeitos a opiniões terrestres em tais assuntos; reconhecemos as realidades — realidades do mundo espiritual.

Com a proeminência universal do próprio nome de Jesus, não é notável que devêssemos buscar a oportunidade de vê-lo e de falar com ele? Que sentimentos você supõe que as pessoas têm quando, ao conhecerem Jesus deste modo natural, se recordam daquilo que a sua Igreja lhes ensinou sobre ele enquanto estavam encarnados, isto é, que este mesmo homem ilustre e de alma suave seria o juiz deles?

Talvez alguns de nós recordemos que a Igreja teve a audácia de pôr na boca de Jesus as palavras com que ele condenaria os seres humanos ao inferno, “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.” (NT: Mt 25,41). Essas palavras serão achadas na Bíblia para qualquer um ver e ler.

A Igreja fundamenta a autoridade de tais ensinamentos nessa mesma Bíblia, verdadeiramente acredita que Jesus, como Deus, pronunciará aquela maldição viciosa e diabólica ao homem pecador. Recordar essas palavras na presença de Jesus, que não pôde achá-las em seu coração para condenar o pior transgressor, é uma revelação por si mesma. A pessoa só teria que estar na presença dele apenas por um momento para saber que uma imputação como essa é um erro de interpretação dos mais chocantes e infames, uma mentira tão apavorante que qualquer um se sentiria envergonhado só de ter acreditado nisso por uma fração de segundo.

Jesus não fica sutilmente afetado por esta imposição assustadora? Realmente fica. Mas ele, pessoalmente, não fica só triste, mas profunda e justificavelmente colérico porque, depois do trabalho dele na terra, depois de seus esforços para revelar a verdade sobre a vida espiritual e de como o homem pode ganhar para si na terra as glórias dos reinos de luz, ele veio a ser, depois do seu transcurso na terra, elevado a Deus e proclamado o grande e terrível Juiz de todo o gênero humano. Que recompensa perfeita ao gênero humano pelos imensos serviços que ele executou quando estava na terra. Isso é um dos maiores crimes da Ortodoxia — e ela tem mais a seu descrédito.

Jesus ensinou a verdade enquanto esteve encarnado. Veio como um homem simples com qualidades superlativas; suas faculdades mediúnicas foram treinadas ao mais alto grau de perfeição, e ele as usou durante o seu curto prazo de vida na terra sempre a serviço do homem.

Nunca, em qualquer ocasião, ele condenou uma única alma viva por suas transgressões espirituais. Não condenou pessoas; *ele as ajudou*, sempre as ajudou. Em sua própria natureza, teria recuado diante do simples pensamento de ter que pronunciar um julgamento, eterno ou não, de qualquer pessoa. Além disso, sabia que o próprio Pai não julga nenhum homem, nem permitiria que outro o fizesse. Isso é o que Jesus ensinou quando estava no mundo.

Então, diante de qualquer referência que se pode encontrar na Bíblia que fale nestes termos, isto é, o Pai julgando qualquer homem, ou sobre sua danação eterna, não somente trate com suspeita, mas deixe de lado como inútil, uma mentira, uma interpolação maléfica dos escribas sem escrúpulos da Igreja.

Tais interpolações, se a Bíblia for lida cuidadosamente, devem se revelar pelo que são. No mundo espiritual, sempre que a ocasião surgiu, Jesus se afastou totalmente e com o maior vigor de tais expressões — e sem dúvida essas ocasiões continuarão surgindo até que a terra se torne mais esclarecida sobre as verdades espirituais.

É natural que, quando estamos conversando com Jesus, estas perguntas se apresentem, especialmente entre nós que fomos ministros das Igrejas várias. Jesus tem paciência infinita, já que deve vir respondendo à mesma pergunta há muito tempo. Ele sempre trata cada novo interrogador como se fosse o primeiro a fazer tal pergunta.

É de se espantar que estremeçamos quando ponderamos sobre o que dissemos e fizemos na terra em nome de Jesus? Usamos o nome dele bem livremente durante o curso de nossas explicações eclesiásticas, até que chegou a ter um valor quase talismânico em nossas mentes. Nós o usamos ao término de muitas das orações da Igreja, incorporando-o em orações que, quando criticamente examinadas, percebe-se que não há nenhum significado nelas. Tais terminações fazem parte do final costumeiro da maioria das orações dos funcionários da Igreja, e normalmente levaram nelas, às mentes de tanta gente, as qualidades fictícias associadas com a maioria das práticas e expressões supersticiosas.

Que Jesus tenha sido elevado a Deus é uma ofensa profunda a ele. A doutrina de sua paridade com o Pai é aceita e mantida universalmente e é rara a pessoa que venha a estes reinos que não tenha acreditado na doutrina ou sabido sobre ela. Todos nós descobrimos nosso engano quando afinal chegamos aqui, e nossos pensamentos vão a

ele, que foi tão mal entendido e que ficou *embaraçado* pela reverência, adoração e a atribuição de deidade que lhe foi imposta.

O mundo ainda não pode entender — pelo menos em partes dele — que o Grande Espírito do universo inteiro, de todo mundo, visto e não visto, o grande emanador e sustentador de toda a vida, é Um e indivisível. Ele é conhecido entre nós aqui como o Pai de Todos. Ele não tem nenhum filho que seja Seu 'filho unigênito', título pelo qual os credos da Igreja nomearam Jesus. Somos todos filhos e filhas do Pai. Desta forma, a religião Cristã inteira espera de Jesus imensamente mais do que é capaz de dar, ou estaria disposto a isso.

Os 'fiéis', de qualquer denominação, por um lado rezam a ele como o Pai e, por outro, esperam receber seu julgamento. Rezar a uma pessoa como sendo Deus é colocar aquela pessoa em uma posição embaraçosa, para expressar isto de forma suave. Esperar o julgamento desta pessoa é atribuir-lhe poderes que nem por um momento ele pôde aspirar, se é que tenha aspirado a isso, e sugerir a execução de um trabalho que lhe seria desagradável no mais alto grau. Essa é a posição que foi imposta a Jesus pela Ortodoxia Cristã.

Sobre o 'poder salvador' de Jesus, as efusões mais elementares e cruas, tanto no púlpito quanto no livro de orações, como também daquele indivíduo heterodoxo, o 'promotor de campanha para despertar a fé religiosa', ensinaram as pessoas a acreditarem que eles apenas têm que se lançar diante de Jesus para serem 'salvos' para sempre dos tormentos do inferno.

A Igreja tem muito a responder pelo que fez, mas nunca foi tanto quanto nesta doutrina espúria da deidade de Jesus. Pois nessa doutrina toda a importância do trabalho de Jesus na terra foi distorcida ou obscurecida. Sua verdadeira avaliação foi alterada desta forma para fazer com que tivesse uma aplicação enormemente restringida, já que, sendo Jesus verdadeiramente Deus, e com Deus todas as coisas são possíveis, dessa forma o que ele fez na terra deve ser considerado somente como uma exibição do que o Pai pode fazer. Em vez disso, Jesus veio demonstrar o que o *homem* pode fazer com a ajuda divina.

Se a missão de Jesus na terra for justamente compreendida, trará imediatamente em si mesma uma nova avaliação, e bem elevada. Mas uma das primeiras coisas que devem ser feitas para se chegar àquela compreensão é eliminar a falácia sobre Jesus ser o juiz de todo o gênero humano, como os credos especificamente declaram que é. Jesus é amigo de todos os homens, não o juiz deles.

Jesus não é, e nunca foi, o indivíduo delicado que freqüentemente sugerem tanto em quadros quanto em prosa — e em muitos dos hinos da Igreja. Sua força de caráter e os seus atributos físicos sempre foram mais elevados. A história das suas habilidades e poderes mediúnicos, e o exercício deles, é uma prova disso. Mas ser o 'grande juiz' terrível de toda a Humanidade — nunca!

O parágrafo do credo que diz *creio na Comunhão de Santos*, numa primeira visão, pareceria oferecer as maiores esperanças de conter alguma substância. Sugerem muito, mas são, afinal, palavras bem vazias, pois a 'comunhão' consiste somente em honrar fielmente os santos como 'glorificados membros da Igreja', oferecendo-lhes orações, e pelos santos que rezam pelo fiel em troca. É tudo extremamente negativo.

Usando palavras atuais, esta comunhão em particular está aberta ao 'tráfego' de uma só mão. O crente está em comunicação com os santos, mas estes não parecem estar em comunhão com ele. Seria positivamente terrível se um dos santos realmente fizesse sua presença ser sentida e conhecida, fazendo desta forma a comunhão ser recíproca e concreta.

Quem são os santos a quem a Igreja demonstra tanta devoção? Eles são 'glorificados membros da Igreja', de acordo com a definição oficial. A Igreja presume saber acima de toda e qualquer dúvida sobre o estado espiritual da pessoa a quem eleva à santidade, já que a Igreja, que canoniza, clama infalibilidade em suas determinações e em sua liderança na terra. Essa é uma grande e poderosa — se assim posso dizer — bazófia.

Onde está a verdade? Simplesmente não há nenhum indivíduo na terra que pode dizer do estado espiritual de qualquer pessoa que esteja morando no mundo espiritual, a menos que esse indivíduo seja informado especificamente sobre o assunto diretamente destes planos. Isso nunca aconteceu no curso de qualquer procedimento de canonização, nem é provável que aconteça.

A estimativa da santidade do candidato à canonização é pura adivinhação, pura suposição e pura presunção. Depois de provar, para a satisfação das autoridades eclesiásticas, que o candidato teve uma 'vida de santo' na terra, exige-se a prova da ocorrência de 'milagres' que lhe possam ser inquestionavelmente atribuídos durante sua ausência, depois da sua partida da terra.

Como não há essa coisa de milagres na terra — nem no céu — o que acontece, então, com essas qualificações principais? O acontecimento de milagres nem sempre foi requerido. Os 'Mártires' pela fé foram promovidos espiritualmente pela Igreja na terra a seu tempo.

Que desempenho cego que é essa coisa toda, pois na verdade a Igreja não pode ter nem a menor noção sobre em que parte do mundo espiritual o seu candidato a santo está vivendo. A Igreja assegura que estar no 'céu' é suficiente. O Céu é um todo único; entretanto pode haver porções dele mais seletas e exclusivas que outras, contudo, basicamente, é um todo único.

A santidade terrena, como a Igreja avalia, é uma qualidade duvidosa ao extremo, já que se cobra com tanta ênfase que seja um membro exemplar da Igreja, tanto dos ministros ou dos leigos. Obediência às leis da Igreja e aos 'mandamentos' dela não tem nenhum valor espiritual quando vier a grande cobrança. Enquanto a Igreja eleva seu santo ao céu mais alto, ele pode, na verdade, estar doente em algum lugar bem abaixo.

O calendário dos santos, como tantas outras coisas que compõem a soma total da Ortodoxia, tornou-se, como se diz, um hábito. As orações que são endereçadas aos assim chamados santos estão no mesmo nível de todas as outras orações.

Quantos dos fiéis sabem alguma coisa sobre o santo a quem estão oferecendo as suas orações? Deixe que tomem o calendário eclesiástico em suas mãos. Começando no primeiro dia do ano, deixe que passem pelos trezentos e sessenta e cinco dias, prestando atenção ao santo de cada dia, e que escrevam tudo aquilo que conhecem sobre cada um deles.

O resultado, penso, surpreenderia tanto a eles mesmos quanto a qualquer pessoa. Eu ficaria muito surpreso se soubessem um único fato sobre qualquer um deles. Isso vem da minha experiência como padre na terra. Os santos nada mais são que uma superstição arraigada. Se um estudioso lesse sobre eles, particularmente sobre esses que foram canonizados nos primeiros dias, seria pego de surpresa quanto à credulidade fantástica que aparece por todos os lados.

'Santos do céu' é um termo geralmente usado entre as pessoas da igreja que acham que esses mesmos santos são seus poderosos defensores. O que há de verdade sobre eles? Há pouco: que os santos, longe de estarem todos congregados no 'céu', espalham-se por toda a extensão e amplitude de todo o mundo espiritual. Não há nenhum 'batalhão de santos', pois os santos fabricados pela Igreja não são todos da mesma excelência espiritual. De fato, disseram-me que, em muitas, nos primeiros tempos, o 'santo' logo santificado tinha mais necessidade das orações da Igreja que a Igreja das dele. Frequentemente achava-se em profundas dificuldades, mas a Igreja infalivelmente dizia que estava no céu!

O fiel, então, pode entrar em comunhão com os 'santos', mas os 'santos' não podem entrar em comunhão com os fiéis. Talvez seja assim, pois se uma comunhão ativa e literal fosse estabelecida entre os 'santos' e a suposta Igreja deles na terra, poder-se-ia ouvir algumas notícias desagradáveis, alguns fatos perturbadores, e receberiam um choque bem-merecido à sua presunção e à satisfação espiritual.

A Igreja que faz os santos fechou a porta a toda revelação para si mesma através do simples fato de proclamar que toda a revelação cessou na época apostólica e que, com efeito, Deus não teria mais nada que acrescentar ao que já supostamente Ele teria dito na Bíblia, e que se alguém pudesse voltar 'do túmulo' para falar com as pessoas na terra, então essa visita não desejada não seria nada mais que um diabo disfarçado de anjo de luz que está vagando pelo mundo atrás da destruição de almas.

O termo comunhão, da forma que é usado pela Igreja, é tão vago quanto se pretendeu que fosse. No sentido poético, alguém pode comungar com a natureza andando nos deliciosos campos verdes, entre as flores e pássaros, não pensando em nada em particular por ali. Isso é uma comunhão do tipo negativo, mas tem tanto propósito e efeito quanto a 'comunhão dos santos'. Na realidade, uma pessoa pode ficar mais impressionada pelas belezas dos ambientes bucólicos, pelo charme das flores e da canção dos pássaros, ficando completamente elevada, calma e inspirada, trazida para mais perto do Pai no jardim da natureza, muito mais que os que estão em alguma igreja fria, deserta, rezando a um santo de quem não se sabe nada mais que o seu nome.

Coisas como a litania dos santos monotonamente recitada em procissão, com suas repetições tediosas, são tão ineficazes quanto todos os outros métodos de rezar da Igreja.

Os verdadeiros santos não aparecem em uma lista ou calendário qualquer publicado pela Igreja. Há algumas exceções notáveis, mas isto pode ser dito deles: que o tempo de canonização não foi contemporâneo com sua chegada a um estado espiritual elevado. Esta, em muitos exemplos, veio muito tempo depois da canonização.

A palavra 'santo' não se usa no mundo espiritual. Não somos classificados em tais categorias de distinção espiritual. Cada um de nós vive no reino para o qual fomos providos, e isso é o fim da conversa.

Em alguma ocasião no futuro, progrediremos e avançaremos em nosso estado; passaremos a outro reino mais alto, e assim continuaremos. Mas por mais alto que subamos espiritualmente, nunca nos tornaremos santos, não seremos marcados por um nome como se fôssemos de espiritualidade superior. Nós nos apresentaremos perante todos os homens pelo que somos, não importa o reino que habitemos. O único sinal distintivo, se puder denominar assim, é o reino no qual vivemos. Insígnia pessoal do estado espiritual, como os membros sinceros da Igreja imaginam que os santos têm, não se acha por aqui. Qualquer recompensa que possamos ganhar são recompensas pessoais. Não nos podem admitir numa companhia não existente de santos.

O último parágrafo do credo dos Apóstolos especifica uma crença no 'perdão de pecados; a ressurreição do corpo; e vida eterna'.

Sobre o perdão de pecados as Igrejas não estão de acordo, uma situação que não lhe traz surpresa, porque elas não concordam em muitas coisas.

A Igreja da qual eu era padre na hora de minha dissolução ensina que Jesus deixou o poder de perdoar pecados aos pastores da Igreja dele, e aduz que a Bíblia prova isto. Essa declaração contém duas falsidades: Jesus não deu tal poder a qualquer pessoa. Como poderia? Impossibilidade absoluta. (Meus amigos vão se lembrar que já falei um pouco neste assunto).

A segunda mentira está implícita nas palavras *a Igreja dele*. Jesus não teve nenhuma Igreja; não fundou nenhuma Igreja, e não estava interessado em fundar qualquer Igreja. As palavras que são citadas a respeito disso nunca foram ditas por Jesus em hora nenhuma, pois Jesus falava a verdade. É inconcebível que tenha emitido o mais leve pensamento sobre esse assunto.

Jesus não poderia perdoar os pecados de alguém, exceto quando perdoaria, e perdoou, algum dano pessoal feito a ele, o que poderia acontecer durante o relacionamento terrestre comum. O perdão eclesialístico de pecados é uma pura ficção teológica. As 'absoluções' que são proferidas publicamente nas Igrejas são sem sentido e um desperdício de tempo que poderia ser melhor empregado pronunciando-se *orações verdadeiras*.

Discuti com você a palavra *ressurreição* aplicada a Jesus, mas aqui neste parágrafo do *credo* aplica-se a vocês, meus amigos, como até mesmo se aplicou uma vez a mim. De alguma maneira, não pareço ter tido qualquer ressurreição, o que pode parecer bastante desleixo da parte de um ou outro. Mas não reclamo. Estou muito contente como estou, uma felicidade que começou quando cheguei a estes planos; uma felicidade que continua a aumentar, e aumentará ainda mais, pois parece não haver nenhum limite à nossa felicidade.

De acordo com os ensinamentos Ortodoxos, a ressurreição do corpo significa que vocês se levantarão novamente com os mesmos corpos no Dia do Julgamento. A Igreja que apresenta esta explicação também ensina que todos os homens serão julgados *duas vezes*, isto é, na morte e também ao último dia. Você sabe agora exatamente o que esperar! Eu lhes mostrei como, em fato literal, uma ressurreição não acontece, de forma que o resto da oração é nulo. Fica sem sentido se é usado o mesmo corpo ou outro corpo já que não há nenhuma ressurreição.

Uma vez mais temos nosso velho amigo Dia do Julgamento. Parece ser um tipo estranho de judicatura que inclui em suas providências que seremos julgados duas vezes pela mesma conta, e a pessoa não tem como saber como isto ocorre. Nenhum de nós é perfeito; temos todos, em algum momento, um deslize pequeno no caminho da retidão espiritual.

Nossos pecados devem ser 'atirados duas vezes contra nós', então? Seremos julgados duas vezes pela mesma indiscrição espiritual? Isso não sugere uma ordem realmente sã das coisas, nem justa. Ou o julgamento final no último dia — ou quando acontecer — é para esses que têm 'pecado' desde que o julgamento foi pronunciado à sua dissolução?

Pela estimativa simples do número colossal das pessoas que viveram desde o 'alvorecer do tempo', o tribunal divino terá uma tarefa gigantesca diante dele que, presumivelmente, perdurará por um número incontável de anos, se cada uma de todas as almas tenha seu caso compreensivelmente negociado e com justiça plena outorgada a ele.

Não dêem nenhuma atenção, meus amigos, a estes presságios horríveis da Igreja. Vocês não serão submetidos a qualquer julgamento tenebroso *em hora alguma*, nem no dia de seu transcurso nem em qualquer data futura. Vocês serão seus próprios assessores espirituais. O assunto todo fica completamente em suas próprias mãos.

Investigarão seus motivos na vida terrestre, seus pensamentos e ações. Depois de sua dissolução, encontrar-se-ão naquele lugar do mundo espiritual com que estiverem em sintonia positiva com seus ambientes. Não preocupem com as ameaças da Igreja em nome de Deus. A Igreja não tem nenhum mandato, nenhum direito ou autoridade para falar em Seu nome. Então, a este respeito, como em um monte de outros, ela é uma impostora bruta, uma usurpadora de autoridade e poder divinos.

Não aborreçam suas mentes com as ameaças da Igreja, vãs e orgulhosas, de desastre espiritual só porque não aceitam com credulidade suas reivindicações tolas. Não escutem suas distorções chocantes sobre a natureza do Pai de todos nós. Lá não existe um Deus como aquele Deus que a Ortodoxia tem 'revelado' para o mundo inteiro. Não há nenhuma semelhança entre o Deus da ortodoxia e o Pai do universo. Estão léguas longe um do outro.

O Pai é o maior e o mais verdadeiro amigo do homem, não o juiz terrível dele. Não é um Deus misericordioso, porque não tem nenhuma clemência para dar. Clemência só existe entre os homens na terra. Ele não tem nenhuma justiça para dar. Isso é só entre os homens. Não tem nenhum perdão para dar, pois isso, também, é só entre um homem e outro. Ele não tem nenhum grande e torturante inferno flamejante no qual lançar as pobres almas pelos pequenos pecados que cometeram. Essa é uma horrível invenção da Igreja. Ele não formulou nenhuma regra insignificante ou ordens cuja transgressão trará inevitavelmente Sua ira sobre vocês. São as invenções da Ortodoxia e seus doutores instruídos. Ele não tem nenhuma ira, *jámais*. Isso é invenção dos mesmos clérigos estúpidos.

O que, então, naturalmente perguntarão, tem Deus para dar? Isto, meus amigos, tem Ele para dar: Seu afeto eterno por vocês, o qual é expresso na Sua divina vontade de que atinjam a maior felicidade do mundo inteiro. Ele deseja que vocês possam ser plenos de felicidade durante sua jornada terrestre.

Mas Ele sabe que nem sempre nem em todos os casos isso é possível. Assim, lá existe um mundo espiritual gigantesco que apresenta *todas* as possibilidades e provê *todas* as oportunidades de alcançar a felicidade suprema e duradoura. Esta promessa soberba está aberta a toda alma, sem exceção, nascida na terra. Não há nenhum homem na terra que pode *alterar* essa providência superlativa e orgulhosa, seja por direito canônico, seja através de édito eclesialístico, ou seja através de maldições pontificais; nem pelo rezar mil credos, pelas opiniões de todos os doutores da Igreja, passados e presentes, ou por fulminantes advertências de púlpito em qualquer grau de veemência.

As leis do mundo espiritual são supremas, bem acima das triviais pequenas 'ordens' de qualquer estabelecimento eclesialístico arrogante. Não há lugar para os regulamentos mesquinhos, irritantes que tão constantemente incomodaram os membros da maioria das denominações religiosas. Eliminem o medo de suas mentes, meus amigos.

Lembrem-se sempre — jamais parem de se lembrar — de que entrar no mundo espiritual não é condicionado por nenhuma espécie de fé. Só é condicionada pela operação de um processo natural. Esse processo é universalmente conhecido como *morte*. Mas essa morte só é do corpo físico; não afeta e não pode afetar ou influenciar o dom da vida, como é chamado às vezes, das pessoas reais que vocês são. Vocês, meus queridos amigos, vivem sem parar.

Lembrem-se sempre de outra verdade sublime e eterna: que *todos* os reinos espirituais estão abertos a toda a raça humana, e que fé ou credos religiosos não podem dar nenhum palpite no assunto. O mundo espiritual é imensuravelmente maior que todas as religiões e todos os credos juntos.

Tenha em mente que o direito de entrada a quaisquer dos reinos espirituais é seu, até mesmo até aos muito mais elevados, contanto que obtenha esse direito, que ninguém pode lhe negar, por sua vida na terra e por sua vida aqui no mundo espiritual depois que deixe seu corpo físico para sempre. Não há nenhuma sociedade ou denominação religiosa que possa lhe garantir, por seus Sacerdócios ou pela obediência a suas doutrinas e 'ordens', que você irá diretamente ao céu quando 'morrer'. O que é muito importante, não pode garantir que irá para o inferno por toda a eternidade porque desobedeceu as ordens dessa mesma sociedade.

Em uma palavra, a Igreja não tem nenhuma autoridade no mundo espiritual por tudo aquilo que perpetra em nome do Pai. As Igrejas através dos tempos sempre amedrontaram os seus crentes com o diabo selvagem do inferno, a danação e o Dia do Julgamento.

Nós, que voltamos destes lindos reinos para lhes contar algo sobre nossa vida e nossas terras, somos freqüentemente chamados de emissários do diabo. O que as Igrejas fariam sem o seu grande *amigo* diabo é duro saber. O homem não precisa de nenhuma inspiração do diabo não existente para suas más ações. Ele é perfeitamente capaz, quando a ocasião surge, de fazer tudo o que quer sem o auxílio de um 'Príncipe do Mal'.

O homem mau tem os amigos maus nas mais baixas regiões do mundo espiritual, os quais estão sempre prontos a ajudar. Depende do homem na terra de quem serão as vozes que ouvirá — se desses reinos de escuridão, ou dos reinos de luz. Quando o homem purificar os seus pensamentos e ações na terra, observaremos uma grande queda no número dos que passam a essas regiões tenebrosas — e todo o mundo espiritual se alegrará.

Uma pessoa comum

Para mudarmos um pouco, quero falar com vocês, meus amigos, na forma de uma pequena alegoria. Pois isso, penso que poderia chamar assim. Uma apresentação de fatos de outro modo.

Não é uma história de ninguém em particular, mas de uma pessoa comum, genérica. Chamarei de Edward este indivíduo, porque é um nome comum. Começemos então.

Edward era um companheiro muito agradável, cordial, e amável. Não prejudicou a ninguém. Pelo contrário, praticava o bem de forma silenciosa e equilibrada e prontamente esquecia tudo logo depois. Ele desfrutou a sua vida sob todos os aspectos de forma acertada e própria, e usou-a proveitosamente em todos os aspectos.

Por circunstâncias sobre as quais não teve nenhum controle, foi compelido fixar residência permanente em uma terra distante. Além disso, obrigaram-no a que fosse só.

Não sabendo nada sobre esta terra nova, Edward, sendo um homem sábio, decidiu recorrer a uma pessoa, ou melhor ainda, a uma instituição que fosse considerada 'autoridade corretamente constituída' no assunto, para aprender tudo aquilo que podia a fim de seguir sua jornada adequadamente equipado para tanto, e ainda plenamente sustentado por um bom conhecimento das condições do país e de sua vida, o quanto fosse possível obter.

Havia vários Sacerdócios para os quais poderia ter apelado, cada um reivindicando ter recebido ordens para o propósito expresso de ajudar todos como Edward. Porém, ele escolheu aquele Sacerdócio ao qual sua família favoreceu durante toda a vida. Poder-se-ia dizer que fora levado a esta escolha, já que nasceu neste meio, como se diz. Seguindo adiante, então, Edward tinha sua incumbência de descobrir.

Ele achou que, embora o escritório do Sacerdócio fosse um edifício imponente, havia um odor de mofo naquele lugar, o que lembrou a Edward o cheiro de cemitérios e jazigos.

O oficial de serviço era um homem cortês, contidamente amável; um tanto pomposo e pontifical. Era como se sentisse importante por sua posição e estivesse ansioso para que outros pensassem isso também.

Estava vestido de preto e usava óculos com lentes muito grossas. Edward notou que a maioria das pessoas usava óculos e pareciam muito míopes; e concluiu que estudar muito em cima de livros e crônicas antigos deve ter tido seu preço. Ali, também, parecia haver um ar de coisa antiga em todo o escritório, como se história tivesse ficado parada enquanto o mundo seguiu adiante.

O pessoal parecia perfeitamente satisfeito e contente em continuar para sempre como era. Em uma palavra, havia uma animação limitada, mas nenhuma vida. Edward sentiu um pouco de dúvida se deveria pedir ali a informação que precisava tão urgentemente, neste porto tão parado e antigo.

Ele tocou no assunto de seu interesse com o oficial em serviço. Poderia ele, indagou Edward, dar-lhe alguma informação sobre a terra em particular à qual fora levado a habitar permanente?

'Informação, isto é, informação oficial', disse o oficial, 'está em falta. Posso perguntar-lhe o que o fez vir a este Sacerdócio em particular?'

Edward respondeu que foi porque a família dele sempre acorria a ele em suas dificuldades, e não estava muito familiarizado com outro qualquer.

'Como vai ver, então', disse o oficial, 'somos, sob todos os aspectos, uma sociedade, mas não temos nenhuma conexão com qualquer outro Sacerdócio'.

Realmente, Edward sabia disto. Ele sabia desde há muito tempo que não havia nenhuma cooperação entre os Sacerdócios. Eles pensavam diferentemente; não havia nenhuma grande ligação de um ao outro; cada um considerando que os outros estavam fundamentalmente errados; muitos fazendo declarações contraditórias de algum outro Sacerdócio. A maioria deles reivindicava uma certa exclusividade; e alguns deles, de vez em quando, emitiam panfletos condenando as práticas de vários outros.

Cada Sacerdócio baseava sua política e sistemas num plano central, mas, por várias razões, a maioria delas era tão obscura que ninguém realmente entende, menos ainda eles mesmos; encarregaram os outros do erro, tornaram-se desunidos e se constituíram várias facções oponentes.

Deles todos, dois tiveram um pouco mais importância, na sua própria opinião. Era o menor destes dois que Edward agora consultava. Deveria acrescentar que só era menor na opinião do outro.

'Antes de darmos um passo adiante', disse o oficial a Edward, 'tenho que lhe falar que, uma vez que tenha partido para esta nova terra, será impossível comunicar-se com seus parentes e amigos daqui.

'Não há nenhuma dificuldade em *entrar* neste país, mas uma vez nele, lá terá de permanecer. Não haverá volta para visitar seus amigos e parentes pessoalmente. Na realidade, toda a comunicação com o mundo externo não é só impossível, como também estritamente proibida'.

Naturalmente, isto confundiu demais Edward, porque a sua mente lógica desejava entender como poderia ser proibido algo impossível de se realizar. Começou a ter dúvidas sobre as qualificações deste Sacerdócio, e conjecturou se a autoridade que estava consultando, embora fosse 'corretamente constituída', era autoridade de fato. Porém perseverou, deixou as dúvidas não ditas e escutou atentamente o que o cavalheiro bastante pontifical tinha a dizer a mais.

'As opiniões', continuou o cavalheiro pontifical, 'diferem bastante nos assuntos sobre esta terra na qual vai viver. Alguns Sacerdócios vão lhe dizer que é bem fácil entrar, mas que precisa um passaporte especial, muito especial, para poder entrar nas boas partes ou, diremos, nas melhores.'

Pode-se entrar nos locais ruins e nos piores com a maior facilidade. E aqui está um ponto que lhe poderia mencionar. O Sacerdócio em frente a nós...'

'Você quer dizer o Sacerdócio —'

'Ssh! Não mencionaremos nomes. Nossos amigos do outro lado afirmam que se escolher residir nas partes desagradáveis do país, e, claro, seria muito estúpido nesta escolha, então descobrirá que é possível, assim dizem, voltar e visitar seus parentes e amigos e até mesmo entrar em comunicação com eles'.

'Se você se decidir por esta forma de agir, todo aquele Sacerdócio, de alto a baixo, vai considerá-lo muito censurável, na realidade um indesejável, e será excomungado — isto é, se puderem chegar a você — como o diabo que acreditam que seja. Preste atenção, nosso Sacerdócio não adota esta posição bastante inequívoca, e, claro, não temos nenhuma jurisdição sobre as opiniões individuais de cada membro. Não como nossos amigos neste caminho, que agem no pensamento dos seus membros, estando a equipe de trabalho incluída. Oficialmente, *permitimos* aos nossos membros que pensem como gostam, pela simples e suficiente razão que fariam isso de qualquer forma. Essa é a razão pela qual há tantas opiniões discrepantes no assunto'.

'Por que o assunto não pode ser investigado corretamente por sua gente, a respeito de ser possível se comunicar com este país, e resolver finalmente a questão? Edward perguntou. 'Deveria ser fácil fazer isso'.

'Ah, foi. Não soube?'

Edward respondeu que não.

'Realmente, foi sim. Uma investigação completa foi ordenada por ninguém mais que o próprio Ministro. Os vários chefes de pessoal entraram em toda a questão com o objetivo de prover uma resposta satisfatória, de um modo ou outro'.

Edward se sentiu de certa forma encorajado com esta notícia. Pelo menos, pensou, qualquer que fosse o resultado da investigação, a situação seria esclarecida até certo ponto.

'Quais foram os resultados do comitê?', perguntou. 'Provaram que a comunicabilidade entre aquela terra e o resto do mundo existe?'

'Ah, sim; até onde entendemos, o relatório estabeleceu o fato que comunicação inquestionavelmente existe'.

'Por que não foi apresentado, então?'

'Bem, não foi totalmente tão simples e fácil assim. Veja, toda a hierarquia ficaria um tanto envolvida. Haveria algo do tipo conflito de autoridades.

Edward mal podia ver o quanto isso importava, enquanto considerava os conflitos que já aconteceram entre os Sacerdócios. Um a mais não faria muita diferença.

'Por razões bem conhecidas por ele mesmo', continuou o cavalheiro pontifical, 'o Estado declarou, há muitos anos atrás, que a comunicabilidade não existia. Em que se baseou em sua declaração ninguém sabe, já que não há nenhum registro de que a questão tenha sido investigada corretamente.'

'Imagino que seguiram seu caminho por alguns documentos extremamente antigos que têm algo a ver no caso, de forma que se alguém reivindicasse que havia recebido qualquer tipo de comunicações ou mensagens destes planos, não seria nada mais que um fingido, ele ou ela, conforme o caso, apenas *fingindo* que manteve a comunicação. Eu uso a palavra *fingindo*, claro, em sua aplicação legal, não no sentido infantil. '

Edward pensou que a coisa inteira soava infantil.

'Se, então,' continuou o funcionário, 'nosso Sacerdócio francamente proclamasse que a comunicação podia ser inquestionavelmente estabelecida, o Estado poderia rebater todos os membros do comitê de investigação imediatamente, inclusive o próprio Ministro, como trapaceiros malvados para com a verdade, até mesmo velhacos e vagabundos, somente devido a seus próprios pronunciamentos e representações e, por conseguinte, encarceraria todos eles na prisão.

'Alternativamente, o Estado poderia ter a aparência de extremamente tolo. Em resumo, o Ministro e o comitê dele não poderiam declarar como verdadeiro o que o Estado já tinha pronunciado como falso. Uma situação impossível, você até concordará, para uma Autoridade participar dela. '

'O que aconteceu, então?', Edward indagou.

'Bem, o relatório foi silenciosamente colocado em um nicho na escrivaninha de alguém e, por tudo que sei, permanece lá ainda. '

Esta inteligência — usando a palavra para significar apenas informação — foi decepcionante a Edward. Mas ainda havia outras questões sobre as quais desejou saber.

'Você pode me contar algo — qualquer coisa — sobre o próprio país?', perguntou ao cavalheiro pontifical.

'O que, precisamente, quer saber sobre ele?'

'Bem, por exemplo, eu tenho familiares e amigos lá. Poderei vê-los novamente?'

'Realmente não posso dizer. '

'Então, o que farei quando chegar lá? Terei algum tipo de ocupação, suponho?'

'Não temos nenhuma informação sobre esse ponto. '

'Você pode me contar como é o país?'

'Não tenho a menor ideia. '

'O clima, então?'

'Temo não poder esclarecê-lo. '

Edward estava ficando bastante desesperado, não com a desesperança do desespero, mas com um pouco de raiva, estava a ponto de falar ao funcionário em palavras mais exatamente claras sobre o que tinha em mente, quando o cavalheiro se virou para alcançar um livro grosso que colocou na escrivaninha diante dele.

Edward notou que era sobriamente encadernado em couro preto. Pensou que a negrura da capa estava combinando bem com todo o escritório sombrio, o próprio cavalheiro pontifical e todo seu pessoal. O porquê de haver tal preponderância do *preto* estava acima do que podia sondar.

'Este livro', disse o oficial em serviço, 'contém toda a informação oficial que há sobre a terra para a qual você vai. Qualquer outra literatura que puder ter ou ler sobre o assunto ou é pura conjectura, mal entendido ou mentira deliberada.'

Afinal, pensou Edward, ia obter um pouco de informações. Indagou se era o livro mais recente sobre o assunto.

'Mais recente,' disse o oficial, 'não é bem a palavra para se aplicar a este volume. *Mais antigo*, talvez, seria melhor. Bem, sei o que quer dizer. Oh, sim, é o mais recente. Não posso lhe dar a data exata; opiniões variam. Deixe-me ver agora, não pode fazer mais de mil e setecentos anos, se tanto, desde que foi escrito pela primeira vez.'

'E nada foi escrito oficialmente desde então?'

'Não, não, claro que não. Tudo o que você *deve* saber está aqui. Se há qualquer coisa em particular que deseje saber e a resposta não for encontrada neste livro, então você não tem nada a ver com isto.

'Não estou totalmente seguro nem que você devesse até mesmo perguntar. No Sacerdócio mais adiante, eles não permitirão perguntas de qualquer tipo para as quais não tenham as respostas já claramente colocadas nos manuais e nos livros-texto, e com o suporte do *imprimatur* da Autoridade e da Tradição. Nós neste Sacerdócio não somos tão dogmáticos nesses assuntos, preferimos permitir uma pequena latitude, que seria obtida de qualquer forma.

'É regra geral do Sacerdócio: se qualquer assunto específico não é tratado neste livro, é porque o público não deve saber sobre ele. Indubitavelmente, descobrirão no tempo devido ao chegar no país em questão, experimentando as coisas em primeira mão.

'Enquanto isso, não é para nosso Sacerdócio especular sobre coisas que não são mencionadas no livro oficial. Porém, há uma coisa que posso lhe contar. Quando chegar eventualmente a esta terra, sofrerá um exame rigoroso sobre suas qualificações residenciais. Quando esse exame acontecerá precisamente, isto é, se será imediatamente após a sua chegada ou em alguma data posterior, isso eu não posso informar.

'Sobre os resultados daquele Julgamento pousará a situação geográfica de sua residência permanente. Você tem que entender que, uma vez concluído seu exame e os resultados promulgados, seu domicílio será assentado para todo o porvir. Você será enviado às melhores localidades, ou às ruínas, ou até mesmo às piores regiões. '

'Embora não façamos nenhum pronunciamento em qualquer caso, pelo menos um outro Sacerdócio professa predeterminar a localidade para a qual todas as pessoas ligadas a ele irão. Este mesmo Sacerdócio declara que há uma localidade ou região mediana para a qual a maioria das pessoas irá, quando chegarem lá.

'Ali, de acordo com as teorias deles, as pessoas sofrem um processo de desinfecção por um meio incendiário estranho que os torna eleitos para as regiões mais seletas. Isso é o que clamam. Nosso Sacerdócio não endossa essas reivindicações purgatórias, mas fará tudo que pode por você, se você for aceito como membro.

'Tudo aquilo que nós podemos lhe oferecer aqui e agora é esperança, senhor; esperança pelo melhor. E veremos que sua partida seja cuidada adequadamente.'

Edward então deixou o oficial-encarregado e seguiu seu caminho nem um pouco mais sábio que quando veio, e certamente sem qualquer equipamento para a sua viagem, a não ser uma seleta coleção de opiniões contraditórias. A sua viagem e seu destino, então, seriam uma completa e absoluta caminhada na escuridão.

Finalmente o dia chegou, e Edward partiu para o local aparentemente desconhecido e distante.

O Sacerdócio ofereceu-lhe uma esplêndida despedida... depois que ele partiu. Uma miscelânea de mensagens lhe foi enviada, mas não alcançou o seu destino. Mesmo que alcançassem, o problema é se teriam sido compreendidas.

A viagem de Edward foi completamente monótona. O que mais nos estamos preocupa é se ele chegou bem e sem problemas. Ele lhe contaria que da própria viagem tem mesmo pouca lembrança, mas o que mais ele se recorda realmente, o que nunca pôde esquecer, é o espetáculo glorioso do novo lugar que se apresentou diante de seu olhar atônito.

De acordo com suas primeiras lembranças nítidas, levantou-se em um lindo jardim de onde podia ver uma magnífica paisagem se descortinando diante dele. Podia ver muitas casas encantadoras, construções pitorescas e também edifícios grandiosos de todo tipo.

Árvores e flores eram abundantes em todos os lugares numa explosão de cores. Podia perceber a cintilação de cores de uma área grande de água, se era de mar ou lago, no momento não soube dizer. O sol brilhava soberbo, a atmosfera era cálida, fragrante e refrescante. Em todos os cantos parecia estar o coração e alma da paz. Podia ver as pessoas caminhando para cá e para lá, irradiando muita alegria, prazer e afazeres agradáveis. Sentiu que a felicidade 'reinava suprema'.

Edward levantou-se perplexo por um momento até que um homem que estava ao seu lado quebrou o silêncio.

'Bem, meu amigo, você chegou em casa.'

'Casa?'

'Sim, é verdade. A casa construída neste jardim é a sua nova casa, e este país é seu lar também. Você é livre para ir e vir como quiser, onde quiser e sempre que quiser. Você é livre para falar com quem desejar.'

'Perceberá que todo mundo ficará muito contente em falar com você. Não está tão bem de corpo e mente como nunca esteve antes?'

Edward com certeza sentia-se extraordinariamente bem, entretanto estava muito confuso. Seu novo amigo apressou-se em esclarecê-lo.

'Você é mais afortunado que a maioria,' disse. 'A grande maioria chega aqui em estado de terror; apavorados até a *morte*, como você diriam, pelo julgamento terrível que lhes contaram que aconteceria em algum momento de sua chegada.'

'Devo lhe dizer imediatamente que nenhum julgamento terrível – nem qualquer outro tipo de julgamento — aconteceu, nem mesmo acontecerá a qualquer pessoa daqui ou de outro lugar nestas terras.'

'Então...'

'Apenas isso. O que o cavaleiro do Sacerdócio, e o que todos os outros cavaleiros de todos os outros Sacerdócios, falam às pessoas é uma perversa ficção. Não há nenhuma centelha de verdade nisto.

'Essa não é a única obra de ficção que os Sacerdócios são culpados por disseminarem,' continuou o companheiro de Edward. 'Alguém poderia perguntar, o que dizem eles de verdade? A resposta: quase nada. O que sabem eles sobre esta terra a qual acaba de chegar para viver? A resposta é, novamente, nada.'

Edward estava completamente de acordo. Contou as suas experiências no Sacerdócio relativas ao assunto de comunicabilidade.

'A importância relativa da *verdade* sobre a comunicabilidade não pode ser exagerada,' disse seu amigo, 'já que muita coisa depende disto. Sem o meio de comunicação, este plano fica fechado e apartado de todos os outros planos.'

'Então existe?'

'Claro que existe, meu querido amigo. Sempre existiu e sempre existirá. Os Sacerdócios de onde você há pouco veio concordam, na maioria, que não é possível nós nos comunicarmos. Por conseguinte, todo o serviço é feito por gente séria que não é, aos olhos dos vários Sacerdócios, 'autoridade corretamente constituída', mas eles têm muita autoridade, nada mais nem menos, e a sua constituição tem todo o peso do apoio destes planos.'

'Há dificuldades, naturalmente, mas a maior delas não é tanto no processo de transmissão das mensagens, mas na recepção delas pela pessoa ou pessoas mais interessadas.

Por exemplo, sei que agora aprendeu que a comunicação existe, então sente o desejo de voltar e contar para alguém tudo sobre estes planos com que tão pouco teve contato, algum amigo, ou sua família, talvez. Não é assim?' Edward admitiu-o imediatamente.

'Nós poderíamos mandar a mensagem para você. Não haveria nenhuma grande dificuldade nisso. Temos muitos bons agentes que nos ajudariam de boa vontade a seu lado. Mas quem, entre os que você deixou para trás, aceitaria a mensagem como sendo sua?'

Há cavalheiros ministeriais instruídos no plano que você deixou há pouco que têm a visão muito distorcida sobre os planos daqui. Eles realmente pensam que assim que alguém chegue até nós aqui, torna-se mudado num "pisar de olhos"; que deixa de ser ele mesmo, natural e normal, e fica terrivelmente sério, tanto na mente e quanto na fala. Isso é o que eles acreditam que deve acontecer. Você, meu amigo, sente-se intelectualmente mudado de alguma maneira, se posso me expressar assim?'

'Nem um pouco.'

'Não, claro que não, — nem dá para se observar isto exteriormente. Sua fala está como qualquer pessoa normal usaria, sem afetações tolas. Conforme você passear por aqui, verá que somos todos assim. Não falamos um com o outro como se estivéssemos num conselho ecumênico, ou numa reunião, ou num congresso de cientistas.

'Os que *eram* afetados logo abandonam as suas afetações quando chegam aqui, e ficam *normais* como o resto de nós. Você pode ter observado em suas visitas a qualquer um dos Sacerdócios antes de vir para cá para viver, que essas autoridades ficaram, por assim dizer, perceptivelmente maculadas pela posição e autoridade deles.

'Sem querer ser indelicado, deveria dizer que o status oficial deles trabalhou assim em suas personalidades, e eles ficaram formais, tensos e antinaturais até mesmo no seu modo de falar. Tornaram-se presença pesada, não todos eles, claro, mas a grande maioria deles.

'Tais Ministros acreditam que uma certa pose — pompa, mesmo — e formalidade combinam muito bem com o seu alto ofício. Na realidade, eles vivem em um mundo totalmente feito por sua própria criação, um mundo antinatural. Esquecem, ou negligenciam, o resto do povo que também está vivendo as vidas deles, mas vivendo de uma maneira natural.

'Estes cavalheiros oficiais nem percebem as excentricidades deles a este respeito. Achem que nós neste plano deveríamos viver, na maioria dos aspectos, como eles. Não mesmo. Por que deveríamos? Aqui somos verdadeiramente nós mesmos, sem qualquer afetação besta ou fraudes.

'Sempre acontece que de tempos em tempos mensagens e comunicações de nossos planos chegam ao conhecimento deles. E qual é o seu veredicto na maioria dos casos? Que o conteúdo delas ou mesmo a linguagem é "insignificante" e "trivial".

'Eles positivamente crêem — ou dizem que crêem — que todas as mensagens destes planos deveriam ser da mais elevada qualidade literária, comparável só com os melhores escritores da própria terra deles; acreditam que os remetentes destas mensagens — assumindo, em casos raros, serem verídicas — deveriam apenas abordar assuntos mais relevantes, e presumivelmente nos termos característicos das crônicas, documentos e decretos dos seus próprios Sacerdócios.

'É por causa das "ditas" mensagens não chegarem aos padrões ditados por eles mesmos que então se recusam a acreditar que sejam mensagens autênticas, por isso dizem que não há nenhuma evidência de que a comunicação exista.'

'Eles simplesmente não conseguem compreender que as pessoas aqui neste plano falam de uma maneira direta, modesta, usando palavras e frases que qualquer um pode entender, e tratando dos assuntos dentro da compreensão de todos. É pena que não consigam compreender isso, mas nós nestes planos não podemos mudar, alterar nossas personalidades, só para agradar alguns cavalheiros pomposos e enganados dos Sacerdócios.

'Há, também, o assunto mais amplo que estes mesmos senhores também ignoram, negligenciam, ou recusam-se a aceitar, relativo a esta mudança pessoal.

'Suponha, meu amigo, que você decide enviar uma mensagem a sua família, pressupondo, ao mesmo tempo, que eles estariam dispostos a aceitar a mensagem como vinda de você. Você formaria sua mensagem naturalmente, as coisas como são, de tal maneira que contivesse alguma referência pessoal que serviria para confirmar a sua identidade para a satisfação completa de sua família.

'Mas se empregasse as palavras e a fraseologia que nossos amigos dos Sacerdócios julgavam adequadas para serem destes planos, o que pensariam seus parentes? Rapidamente observariam que o conteúdo da mensagem combinava, mas não poderia ter sido você que a enviou, porque nunca se expressou daquele jeito estranho.

'Falando claro, eles diriam: "Isso não é do Edward. Ele nunca falou assim". Estariam indubitavelmente certos, porque quem poderia ser melhor juiz que sua própria família?'

'Os cavalheiros dos Sacerdócios consideram isto um ponto pequeno e insignificante para se firmar, mas não é nem pequeno, nem insignificante. É um fato imensamente importante e altamente significativo, porque demonstra a continuação da personalidade nestes planos. Mostra que não acontece nenhuma transformação instantânea na entrada de uma pessoa nestas localidades.

'As pessoas não se tornam qualificadamente retóricas e talentosas, oradores eloqüentes ou gênios literários imediatamente ao darem entrada aqui. O que é muito importante, as pessoas simplesmente não mudam em relação à personalidade anterior só porque chegaram aqui neste plano.

'Mudanças acontecem no final das contas, mas não como os nossos amigos ministeriais acham.

'Não, amigo Edward, você não mudou de jeito nenhum, e sua família não espera que tivesse mudado, se levarem em conta o assunto. Mas o Sacerdócio que você consultou esperava que tivesse mudado muito, realmente.'

Edward virou-se ao seu companheiro, dizendo: 'Há uma coisa que eu adoraria...'

'O que é?'

'Eu gostaria de ter aquele companheiro do Sacerdócio comigo agora, — só por cinco minutos.'

O amigo de Edward sorriu. 'Sim, observou, 'muito pode ser feito em cinco minutos. Mas não ligue para ele e seus colegas, ou para os Ministros e os colegas *deles*. Há bastantes deles aqui, se quiser ter uma conversa com alguns.

'Você verá que estão muito mais humanos e compreensivos desde que chegaram para morar aqui. Você vê, *eles* mudaram. São agora o que nunca foram antes. Uma mudança para melhor. Os Sacerdócios querem que as pessoas mudem aqui, mas nunca sonharam que a mudança maior aconteceria em meio à própria gente! Possivelmente, se alguns deles voltassem para falar, não seriam reconhecidos pelos seus antigos colegas!'

Edward ficou com raiva por terem escondido dele tanto conhecimento e informações, e expressou seus sentimentos muito aberta e livremente ao seu companheiro.

Este observou que o Sacerdócio não tinha escondido nada dele; simplesmente nada sabiam. Mas isso não os absolvía, já que o conhecimento está disponível para todos os que buscam. Soa totalmente fantástico, em um mundo que diz ter progredido, continuou o amigo de Edward, que 'autoridades' se estabelecessem com o propósito exclusivo de guiar outros quando essas mesmas ditas autoridades são completamente destituídas de qualquer qualificação para a tarefa.

'Olhe você mesmo,' disse, 'e o que vê? Um país perfeito cujo verde, como todo o resto, é incomparável com qualquer coisa que você deixou para trás. Árvores, flores, grama de todo tipo floresce nesta perfeição de lugar e clima.

'Olhe os edifícios. Alguma vez viu qualquer coisa que se compare a eles? Olhe também para o povo daqui. Eles não parecem esplêndidos de saúde e temperamento? Suas faces não revelam a felicidade que temos aqui — e que é sua também, meu amigo?'

'Entretanto, decretam os Sacerdócios que não deve ser permitido que nenhum conhecimento de todas estas belezas e esplendores vaze e vá para a terra de onde você há pouco saiu, porque não seria certo e apropriado que seja assim. Já ouviu alguma tolice deste tamanho?'

'Eles alegam que as pessoas não devem saber nada de nós aqui por lá. Por que não? Eles alegam, com efeito, que o Governador destes planos é um tirano. Não é. Não é que a terra aqui, com todos os sinais exteriores e demonstradores de felicidade, prosperidade e bem estar revelam o contrário, claramente?'

'Que cegueira lamentável assalta os Sacerdócios e todos seus funcionários e representantes! Em vez de trabalhar de mãos dadas conosco aqui, ajudando-nos com sua vasta organização, eles representam um dos maiores obstáculos que é possível lançar no caminho de nossa organização e nossas funções.

'Eles poderiam fazer tanto bem; poderiam ser de um tremendo benefício a toda a humanidade se conhecessem a verdade sobre nós e nossas terras aqui. Poderiam, se quisessem, ajudar todas as pessoas em suas partidas para estes reinos com um conhecimento seguro e certo das condições de vida daqui.

'Tudo que podem fazer às pessoas é ofertar uma certa "esperança " de algo que realmente não podem explicar — um artigo inútil, pois como pode a esperança ser certa e segura?'

'Os Sacerdócios são especialistas na arte de negociar com — e sobre — frases que não significam nada. Eles cobrem a ignorância deles com um jargão estranho, e aí a ignorância deles parece invencível. Autoridades autodesignadas que não têm nenhum conhecimento.

'Tal situação teria sido tolerada em qualquer outro ramo de atividade humana? Claro que não, porque os responsáveis por isto seriam descobertos antes que tenham ido muito longe, e seriam marcados com ferro pelos impostores que são.

'Eles trabalham na escuridão porque são totalmente cegos. Não podem ver os resultados de todas as suas falsas declarações; não podem ver o estado de ignorância lastimável no qual seu pessoal, as pessoas que se propuseram a ser guias, chegam neste mundo espiritual.

'Tudo isso, meu amigo, tem que ser arrumado aqui mesmo, da mesma maneira que eu estou fazendo agora com você. Aqui está esta linda terra esperando para ser explorada e desfrutada por você, mas antes que o faça, tenho que lhe explicar sua simples existência. Tenho que acalmar qualquer temos que possa ter de que um exame assustador vai acontecer para determinar suas "qualificações" residenciais.

'Tantas pessoas são aterrorizadas, pobres almas, pela perspectiva desconhecida e terrível a que foram levados a crer que os esperava aqui. Não sente agora, com toda a certeza do mundo, que aqui não aconteceria *nada* que não fosse projetado para fazê-lo pessoalmente feliz? Eu sei que sim. E você tem razão. Assim, quaisquer dúvidas ou pequenos temores que possa ter, meu querido amigo, ponha-os de lado e desfrute sua vida nova e sua esperada felicidade de forma completa.

'E aí estão, se não me equivoco, alguns poucos amigos que vêm dar-lhe boas-vindas. Eles não se intrometeram até agora porque era melhor que falasse primeiro com você, que lhe explicasse estas coisas, porque fui determinado

para a tarefa agradável de ser seu guardião, e estendendo toda ajuda para lhe fazer sentir-se completamente em casa por aqui.'

Edward ficou feliz ao encontrar mais uma vez muitos amigos que, tendo partido para esta terra, nunca mais tinha ouvido deles.

Aí, penso, deixaremos Edward no prazer de sua vida nova. Aqui também tenho que deixá-lo por um tempo. Há muito que ainda resta para ser dito, e estou muito consciente dos vários e profundos temas que desejam que discutíssemos juntos. Oportunidades para fazê-lo vão se apresentar na ocasião devida, e nós tiraremos vantagem delas.

Enquanto isso, quanto aos nossos escritos presentes, há uma última consideração que gostaria de colocar diante de você, que é lembrar-lhe que, quando estava na terra, eu era padre da Igreja que ensinou e disseminou muitas falsas doutrinas.

Se eu fosse a única pessoa a ter feito isso, pouco dano poderia ter sido feito, mas há milhares e milhares de nós aqui no mundo espiritual em situação semelhante. Era nosso trabalho de vida apoiar o que não é verdade. Nós apoiamos agora só o que é verdade.

A divisão entre a verdade e mentira é tão grande, e ainda afeta tantas pessoas na terra, que nós que captamos a atenção de você que ainda está encarnado, estamos profundamente ansiosos para usarmos as oportunidades e poderes que possuímos para passar-lhe a verdade sobre a vida, pois não há nenhuma morte na vida.

A Vida é contínua, sem pausa, sem interrupção nem por um momento.

Nós que estão vivendo nestes reinos *não temos medo* de nenhuma forma. Apenas pensem no que isso significa, meus amigos. Vocês também não precisam ter nenhum medo. Se falando claramente e só falando o que é verdade, eu posso ajudar expulsar aquele medo de você, então não terei escrito completamente em vão.

Por que você deveria ter medo? Não há nenhuma razão, de jeito nenhum. Mas há causa para isto, e esta causa está arraigada em gerações de falsos ensinamentos. Aceite a verdade, pois é, de longe, bem melhor, mais esplêndido que qualquer coisa que a Ortodoxia tenha a oferecer.

Não seja enganado por qualquer 'mistério sagrado' — as Igrejas têm mistérios em abundância, mas eles não são sagrados.

A verdade de vida no mundo espiritual é tão simples quanto o ABC, como um dia terá a sorte de descobrir por si mesmo.

E agora, mais uma vez digo a você com todo o meu coração, *Benedicat te omnipotens Deus*. (“Que Deus Onipotente o abençoe”, N da T)